



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Educação

Influência das tecnologias digitais no desenvolvimento relacional e social dos jovens

Sofia Alexandra Bento Pombinho

N.º 20160266

Orientadora

Professora Doutora Cristina Pereira

Trabalho de Projeto apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Intervenção Social Escolar, realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Cristina Pereira, Professora adjunta do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Outubro 2021

Composição do júri

Presidente do júri

Professor Doutor, Ernesto Candeias Martins

Professor Coordenador com Agregação da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Vogais

Professora Doutora, Hélia Augusta de Magalhães Correia Bracons Carneiro (Arguente)

Professora Auxiliar do Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Professora Doutora, Cristina Maria Gonçalves Pereira (Orientadora)

Professora Adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Dedicatória

A todos os que contribuíram para aquilo que eu sou hoje!

Agradecimentos

Findada mais uma etapa tão importante na minha vida que exigiu bastante empenho, esforço e dedicação, é hora de agradecer a todos os que contribuíram, de forma direta ou indireta, para que tudo isto fosse possível.

À minha orientadora, Professora Doutora Cristina Pereira, que aceitou sem hesitar fazer esta caminhada comigo, acreditando em mim e no meu trabalho. Sempre me transmitiu segurança e incentivo. Obrigada pela disponibilidade para me guiar neste percurso e pelo apoio constante!

À direção do AEAL por me ter permitido a realização deste estudo na sua instituição. Obrigada pela disponibilidade demonstrada em colaborar neste trabalho!

Ao Coordenador de Mestrado em Intervenção Social Escolar, Professor Doutor Ernesto Candeias Martins, pela oportunidade de frequentar este mestrado que em muito contribuiu para o enriquecimento da minha formação pessoal e académica. Obrigada!

À Dr.^a Alexandra, Dr.^a Marisa e Ana Gonçalves, que conheci na fase final da licenciatura e a quem estou muito grata por todos os ensinamentos e confiança que desde o início me transmitiram. Obrigada, marcaram sem dúvida o meu percurso académico, profissional e pessoal!

Às minhas amigas e colegas de casa, Ana e Filipa, pela amizade, ajuda, paciência e apoio constante, que me permitiram nunca desistir durante estes 5 anos. Obrigada!

A todos os meus outros amigos que sempre me deram uma palavra de apoio e incentivo a nunca desistir. Obrigada por tudo!

Aos meus pais, Vera e João, que veem agora o culminar do seu investimento na minha formação académica. Obrigada por todo o esforço que fizeram para eu puder alcançar tudo o que queria. A vocês devo tudo o que sou hoje. Obrigada por todo o amor e compreensão!

À minha irmã, Inês, por toda a paciência e apoio que desde o primeiro momento me demonstrou. Obrigada!

A todos os outros elementos da minha família, em especial á minha avó Joaquina, que sempre esteve presente, apoiando todas as minhas decisões e incentivando-me sempre a fazer mais e melhor. Obrigada!

Por fim, agradeço também a todos os alunos, encarregados de educação e professores que participaram no meu estudo. Obrigada!

A vocês que acreditaram em mim, espero que esta etapa que agora termino, possa, de alguma forma, retribuir todo o esforço, apoio e carinho que sempre me ofereceram!

Resumo

O presente trabalho de projeto enquadra-se no plano curricular do Mestrado em Intervenção Social Escolar da Escola Superior de Educação de Castelo Branco e resulta da investigação realizada no Agrupamento de Escolas Amato Lusitano de Castelo Branco.

Estamos diante uma geração que vive constantemente ligada ao meio digital, os ditos nativos digitais deixaram de ser apenas consumidores para se tornarem construtores, pois são envolvidos no acesso e produção de conteúdos, de uma forma colaborativa.

A pós-modernidade do século XXI é marcada pela globalização que levou à revolução tecnológica e digital e à massificação do uso da internet que tem vindo a provocar várias modificações nos diferentes estratos da sociedade, principalmente nas crianças e jovens, tendo assim implicações na forma como estes se relacionam com os seus pares e os seus familiares.

O presente projeto teve como principal objetivo compreender qual o impacto que as tecnologias digitais têm em algumas dimensões do desenvolvimento relacional e social dos jovens. Pretendeu-se identificar não só as desvantagens ou perigos associados ao seu uso mas também analisar eventuais aspetos positivos que as tecnologias digitais podem potenciar.

Quanto aos aspetos positivos para o desenvolvimento social foram selecionados o altruísmo e a intervenção cívica por serem dimensões estruturais nas interações socioafetivas e na mudança social. São, ao mesmo tempo, competências que vão sendo construídas através da interação com os diferentes atores sociais, mas dependentes do desenvolvimento cognitivo e socioemocional, pelo que assumem uma maior visibilidade a partir da adolescência.

Relativamente aos aspetos negativos associados à utilização das tecnologias digitais analisámos o afastamento afetivo tanto entre os pares como entre os membros da família destes jovens e ainda a violência vivenciada virtualmente, denominada pelos especialistas de *cyberbullying*.

Do ponto de vista metodológico, este estudo apoiou-se numa metodologia de cariz qualitativo, organizando-se como um estudo de caso que contou com a colaboração de 60 jovens com idades compreendidas entre os 12 e 16 anos de idade e os respetivos encarregados de educação, três diretoras de turma e ainda a presidente da Associação de Pais do Agrupamento de Escolas Amato Lusitano. As técnicas de recolha de dados adotadas foram as entrevistas e os inquéritos por questionário, que foram construídos propositadamente para a presente investigação.

Através da triangulação e da análise dos resultados obtidos nos inquéritos e entrevistas realizados estruturou-se um projeto de intervenção dirigido a alunos do 3º ciclo do ensino básico cujo principal objetivo é estimular a inter-relação, o

relacionamento e a afetividade entre os alunos, combatendo o uso excessivo dos dispositivos eletrônicos e a violência entre pares, promovendo desta forma uma maior convivência escolar.

Face aos dados recolhidos podemos concluir que a posse de tecnologias digitais é transversal a todos os alunos inquiridos e que estes interagem através das mesmas de forma constante e com objetivos diversificados.

O uso precoce e de longa duração nas plataformas digitais pode causar dificuldades de socialização, acentuar dificuldades escolares, gerar conflitos familiares, aumento de episódios de ansiedade assim como de situações de *cyberbullying* pelo que o contexto familiar e a escola surgem, neste âmbito, como um elo fundamental de intervenção e prevenção de novos problemas sociais e relacionais associados ao uso das tecnologias digitais.

Palavras chave

Tecnologias digitais, família, *cyberbullying*, participação cívica e altruísmo.

Abstract

The present project work fits into the curricular plan of the Master's Degree in Social Intervention in School Context, from the Escola Superior de Educação of Castelo Branco and results from the research carried out in the Agrupamento de Escolas Amato Lusitano of Castelo Branco.

We are facing a generation that lives constantly connected to the digital environment, the so-called digital natives are no longer just consumers to become builders, because they are involved in the access and production of content in a collaborative way.

The post-modernity of the 21st century is marked by globalization that led to the technological and digital revolution and massification of the use of the internet that has been causing several changes in different social classes, especially in children and young people, and because of that they have implications to relate with their peers and family members.

The main objective of this project was to understand the impact that digital technologies have on some dimensions of the relational and social development of young people. It was intended to identify not only as disadvantages or dangers associated with its use, but also to analyze any positive aspects that digital technologies can enhance.

As for the positive aspects for social development, altruism and civic intervention were selected as they are structural dimensions in socio-affective interactions and social change. They are, at the same time, competences that are built through the interaction with different social actors, but dependent on cognitive and socio-emotional development, so that they assume greater visibility from adolescence onwards.

Regarding the negative aspects associated with the use of digital technologies, we analyzed the emotional distancing both between peers and family members of these young people and also the violence experienced virtually, called cyberbullying by specialists.

From a methodological point of view, this study was based on a qualitative methodology, organized as a case study with the collaboration of 60 young people aged between 12 and 16 years old and their guardians, three class directors and also the president of the association of parents of Agrupamento de Escolas Amato Lusitano. The data collection techniques adopted were interviews and questionnaire surveys, which were purposely constructed for the present investigation.

Through the triangulation and analysis of the results obtained in the surveys and interviews carried out, an intervention project aimed at students of the 3rd cycle of basic education was structured, whose main objective is to stimulate the interrelationship, relationship and affection between students, fighting the excessive

use of electronic devices and violence between peers, thus promoting greater coexistence in school.

In view of the collected data, we can conclude that the possession of digital technologies is transversal to all the inquired students and that they interact through them in a constant way and with diversified objectives.

The early and long-term use of digital platforms can cause socialization difficulties, accentuate school difficulties, generate family conflicts, increase in anxiety episodes as well as cyberbullying situations, so the family context and the school emerge, in this context, as a fundamental link of intervention and prevention of new social and relational problems associated with the use of digital technologies.

Keywords

Digital technologies, family, cyberbullying, civic participation and altruism.

Índice geral

Introdução.....	1
Capítulo I - Contextualização teórico-concetual.....	3
1. As tecnologias digitais e os jovens.....	3
2. Fatores de risco no manuseamento das tecnologias digitais.....	5
2.1. O afastamento afetivo-familiar e entre pares	6
2.2. O cyberbullying	7
3. Fatores protetores no manuseamento das tecnologias digitais.....	9
3.1. A dimensão do altruísmo e as tecnologias digitais.....	9
3.2. A dimensão da intervenção cívica e as tecnologias digitais.....	10
Capítulo II - Enquadramento Metodológico.....	12
1. Objetivos do estudo.....	12
2. Metodologia de investigação.....	13
3. Instrumentos e técnicas de recolha de dados.....	14
3.1. Inquéritos por Questionário	14
3.2. Entrevistas semiestruturadas.....	15
4. Técnicas de análise de dados.....	16
4.1. Análise de conteúdo	16
4.2. Triangulação de dados.....	17
5. Caraterização da amostra	17
6. Procedimentos éticos e legais	19
Capítulo III - Apresentação e análise dos dados.....	20
1. Inquéritos por questionário	20
1.1. Inquéritos por questionário aos Alunos.....	20
1.2. Inquéritos por questionário aos Encarregados de Educação	37
2. Entrevistas semiestruturadas.....	50
2.1. Entrevistas aos Diretores de Turma.....	50
2.2. Entrevista à Presidente da Associação de Pais.....	53
3. Discussão dos resultados obtidos.....	54
3.1. Triangulação de dados.....	54
Capítulo IV - Projeto de intervenção.....	59
1. Justificação do projeto.....	59

2. Objetivos do projeto	59
3. Atividades propostas	60
3.1. Atividade 1 - Curta-metragem “A internet pode destruir?!”	60
3.2. Atividade 2 - Debate “Eu penso nos outros?!”	61
3.3. Atividade 3 - Ação de sensibilização “Navegar é fixe, mas perigoso!”	61
3.4. Atividade 4 - Criação e dinamização da página “A tecnologia a ajudar o mundo”	62
4. Cronograma das atividades	63
5. Orçamento global de atividades	64
6. Avaliação do projeto	64
7. Sustentabilidade do projeto	65
Capítulo V - Considerações finais, recomendações e limitações do estudo	66
1. Considerações e conclusões finais.....	66
2. Limitações do estudo.....	68
3. Recomendações	68
Bibliografia	69
Apêndices	73
Apêndice A - Pedido de autorização	74
Apêndice B - Declaração de consentimento: Encarregados de Educação	75
Apêndice C - Declaração de consentimento: Diretores de Turma.....	76
Apêndice D - Declaração de consentimento: Presidente da Associação de Pais.....	77
Apêndice E - Inquérito por questionário: Alunos.....	78
Apêndice F - Inquérito por questionário: Encarregados de Educação	85
Apêndice G - Guião de entrevista: Diretores de Turma.....	91
Apêndice H - Guião de entrevista: Presidente da Associação de Pais.....	94
Apêndice I - Transcrição das entrevistas aos Diretores de Turma	97
Apêndice J - Transcrição da entrevista à Presidente da Associação de Pais	107
Apêndice K - Transcrição das frases apresentadas pelos alunos: “A importância que as tecnologias digitais têm para mim”	112

Lista de tabelas

Tabela 1 – Distribuição da amostra por sexo e ano de escolaridade

Tabela 2 – Dados biográficos das entrevistadas

Tabela 3 – Atividade 1: Curta-metragem “A internet pode destruir?!”

Tabela 4 – Atividade 2: Debate “Eu penso nos outros?!”

Tabela 5 – Atividade 3: Ação de sensibilização “Navegar é fixe, mas perigoso!”

Tabela 6 – Atividade 4: Criação e dinamização da página “A tecnologia a ajudar o mundo”

Tabela 7 – Cronograma das atividades

Lista de gráficos

Gráfico 1 – Idade dos alunos

Gráfico 2 – Sexo dos alunos

Gráfico 3 – Estrutura familiar dos alunos

Gráfico 4 – Tens telemóvel?

Gráfico 5 – Se sim, com que idade começaste a utilizar o telemóvel?

Gráfico 6 – Em média, quantas horas costumas utilizar o telemóvel durante o dia?

Gráfico 7 – Tens computador?

Gráfico 8 – Se sim, com que idade tiveste a primeira vez acesso a ele?

Gráfico 9 – Costumas utilizar o computador com supervisão de um adulto?

Gráfico 10 – Tens conta em alguma rede social?

Gráfico 11 – Com que frequência fazes publicações nas tuas redes sociais?

Gráfico 12 – Como tens o teu perfil nas redes sociais que usas?

Gráfico 13 – Costumas adicionar pessoas que não conheces?

Gráfico 14 – Na tua opinião, qual o grau de importância de haver supervisão dos pais quando os jovens estão nas redes sociais?

Gráfico 15 – Defendi um(a) amigo(a) que estava a ser gozado na internet, sem a intenção de receber algo em troca

Gráfico 16 – Ofereci ajuda a um(a) colega que tinha dificuldades com o uso das tecnologias digitais

Gráfico 17 – Ajudei alguém da minha família que estava com dificuldades com o uso das tecnologias digitais

Gráfico 18 – Quando ofereço a minha ajuda para alguma coisa tenho intenção de receber alguma coisa em troca pelo meu esforço

Gráfico 19 – Ofereci ajuda a um desconhecido que estava com dificuldades com o uso das tecnologias digitais

Gráfico 20 – Na tua opinião as TIC contribuem para desenvolver comportamentos de ajuda e bem-estar do outro?

Gráfico 21 – Pertences a alguma associação?

Gráfico 22 – Qual a importância que atribuis à internet na dinamização e divulgação de atividades das associações?

Gráfico 23 – Tens interesse pela política?

Gráfico 24 – Achas importante que todos os cidadãos maiores de 18 anos votem nas eleições?

Gráfico 25 – Consideras importante estar bem informado sobre a política do país?

Gráfico 26 – Costumas utilizar as TIC para participar em fóruns políticos ou grupos de discussão online?

Gráfico 27 – Achas que as redes sociais facilitam a criação de movimentos de jovens assim como a organização de redes de solidariedade ou de luta por causas sociais justas?

Gráfico 28 – Consideras que as redes sociais potenciam a mobilização dos jovens para a participação cívica e política?

Gráfico 29 – Com que frequência os teus pais estão no telemóvel ou no computador em vez de estarem a dar-te atenção?

Gráfico 30 – Costumas falar sobre o teu dia com a tua família?

Gráfico 31 – A tua família costuma pedir-te ajuda com as tecnologias digitais?

Gráfico 32 – Ameaças, humilhações ou difamação através de vídeos, mensagens ou piadas

Gráfico 33 – Chantagem através do chat ou por email.

Gráfico 34 – Roubaram-lhe o perfil nas redes sociais (alguém se fez passar pelos teus amigos)

Gráfico 35 – Roubaram-lhe dados nas redes sociais (usaram fotografias ou outros dados dos teus amigos sem a sua autorização)

Gráfico 36 – Enviaram-lhe mensagens (texto, imagens ou vídeos) impróprias ou violentas.

Gráfico 37 – Encontraram-se ou marcaram encontros pessoalmente com alguém que conheceram na internet

Gráfico 38 – Se respondeste “sim” a alguma das alíneas anteriores, denunciaste o que aconteceu?

Gráfico 39 – A situação resolveu-se?

Gráfico 40 – Ameaças, humilhações ou difamação através de vídeos, mensagens ou piadas

Gráfico 41 – Fizeram chantagem comigo através do chat ou por email.

Gráfico 42 – Roubaram-me o perfil nas redes sociais (alguém se fez passar por mim)

Gráfico 43 – Roubaram-me dados nas redes sociais (usaram fotografias ou outros dados meus sem a minha autorização)

Gráfico 44 – Enviaram-me mensagens (texto, imagens ou vídeos) impróprias ou violentas.

Gráfico 45 – Encontrei-me ou marquei encontros pessoalmente com alguém que conheci na internet

Gráfico 46 – Durante o confinamento, devido à Covid-19, usaste4 mais as tecnologias digitais do que usavas anteriormente?

Gráfico 47 – Consideras que as tecnologias digitais facilitaram as tuas aprendizagens escolares durante a situação pandémica que temos vivido?

Gráfico 48 – Sexo dos Encarregados de Educação

Gráfico 49 – Estado civil dos Encarregados de Educação

Gráfico 50 – Habilitações literárias dos Encarregados de Educação

Gráfico 51 – Situação profissional dos Encarregados de Educação

Gráfico 52 – O seu educando tem telemóvel?

Gráfico 53 – Se sim, com que idade teve acesso a ele pela primeira vez?

Gráfico 54 – Em média, quantas horas o seu educando costuma utilizar o telemóvel durante o dia?

Gráfico 55 – Tem conhecimento de qual a finalidade do seu filho em usar o telemóvel?

Gráfico 56 – O seu educando tem computador?

Gráfico 57 – Se sim, com que idade teve acesso a ele pela primeira vez?

Gráfico 58 – Costuma supervisionar o uso do computador ou do telemóvel do seu educando?

Gráfico 59 – O seu educando tem conta em alguma rede social?

Gráfico 60 – Como se encontra o perfil nas redes sociais do seu educando?

Gráfico 61 – O seu educando adiciona pessoas que não conhece nas redes sociais?

Gráfico 62 – Defendeu um(a) amigo(a) que estava a ser gozado(a) na internet, sem a intenção de receber algo em troca

Gráfico 63 – Ofereceu ajuda a um(a) colega que tinha dificuldades com o uso das tecnologias digitais

Gráfico 64 – Ajudou alguém da família que estava com dificuldades com o uso das tecnologias digitais

Gráfico 65 – Quando oferece a sua ajuda para alguma coisa tem a intenção de receber alguma coisa em troca pelo seu esforço

Gráfico 66 – Considera o seu educando uma pessoa altruísta?

Gráfico 67 – Na sua opinião as TIC contribuem para desenvolver comportamentos altruístas?

Gráfico 68 – O seu educando pertence a alguma associação?

Gráfico 69 – Considera que as redes sociais facilitam a criação de movimentos de jovens assim como a organização de redes de solidariedade ou de luta por causas sociais justas?

Gráfico 70 – Com que frequência o seu educando está no telemóvel ou no computador em vez de estar com a família?

Gráfico 71 – Costuma fazer perguntas sobre como foi o dia do seu educando?

Gráfico 72 – Costuma pedir ajuda ao seu educando para o manuseamento das tecnologias digitais?

Gráfico 73 – Ameaças, humilhações ou difamação através de vídeos, mensagens ou piadas

Gráfico 74 – Chantagem através do chat ou por email

Gráfico 75 – Roubaram-lhe o perfil nas redes sociais

Gráfico 76 – Roubaram-lhe dados nas redes sociais (usaram fotografias ou outros dados sem a sua autorização)

Gráfico 77 – Enviaram-lhe mensagens (texto, imagens ou vídeos) impróprias ou violentas

Gráfico 78 – Encontraram-se ou marcaram encontros pessoalmente com alguém que conheceram na internet

Gráfico 79 – Concorda que o período de confinamento, devido à Covid-19, veio acentuar o acesso às tecnologias digitais por parte das crianças e dos jovens?

Gráfico 80 – Considera que as tecnologias digitais foram uma mais-valia para as aprendizagens do seu educando durante esta situação pandémica que temos vivido?

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

AEAL – Agrupamento de Escolas Amato Lusitano

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

Introdução

As crianças e os jovens de hoje nasceram e cresceram rodeados pelas tecnologias digitais como os telemóveis, a internet, as redes sociais, os jogos *online* e em rede, os computadores, as consolas, que lhes vieram oferecer formas de comunicação e expressão “mais ricas, interativas e imersas” (Barcelos, 2010, p. 11-12), que fizeram com que estes pusessem de parte as tecnologias tradicionais como a televisão, a rádio ou o jornal.

Como afirma a UNICEF (2017, p. 1) “la tecnología digital ya ha cambiado el mundo y, a medida que aumenta el número de niños que se conectan en línea en todos los países, está cambiando cada vez más su infancia”, daí o estudo desta problemática ser de enorme relevância.

Atualmente está na ordem do dia a problemática do uso abusivo das tecnologias digitais pelas crianças e adolescentes, levantando questões sobre os benefícios e malefícios para o seu desenvolvimento social, cognitivo e afetivo (Silva, 2016).

A temática foi assim considerada interessante, pertinente e transversal à sociedade visto que está em constante discussão nos órgãos da comunicação social e nas investigações desenvolvidas pelo meio académico e outras organizações interessadas.

O presente trabalho, apesar de se suportar em técnicas de recolha e análise de dados de natureza mista, sustenta-se numa metodologia qualitativa, organizando-se como um estudo de caso que segundo Yin (2005), se considera uma investigação empírica que investiga um dado fenómeno em profundidade e no seu contexto de vida real, como é o caso em estudo.

Relativamente à estrutura interna do trabalho apresentado, este encontra-se organizado em cinco capítulos.

O capítulo I refere-se à contextualização teórico-concetual, sendo um dos pontos mais importantes deste trabalho, pois é onde se encontra toda a informação pertinente acerca da problemática em estudo suportada por diversos autores relacionados com os temas abordados. Este capítulo subdivide-se ainda em três subcapítulos: o primeiro integra as tecnologias digitais e os jovens; o segundo aborda os fatores de risco no manuseamento das tecnologias digitais, onde se dá ênfase ao afastamento afetivo-familiar e entre pares e ao *cyberbullying* e, por fim, o terceiro subcapítulo contempla os fatores protetores no manuseamento das tecnologias digitais, onde se aborda a dimensão do altruísmo e da intervenção cívica.

No capítulo II é apresentado todo o enquadramento metodológico. Apresenta-se uma contextualização da investigação, os objetivos que lhe estão inerentes bem como uma explicitação, de forma breve, dos conceitos de metodologia de investigação qualitativa e de estudo de caso. Expõe-se o local e os participantes da investigação assim como os instrumentos e técnicas de recolha de dados e ainda os procedimentos éticos e legais adotados.

O capítulo III expõe a apresentação e análise dos dados. São expostos e analisados os dados recolhidos através da análise dos questionários aplicados aos alunos e respetivos Encarregados de Educação e da análise de conteúdo das entrevistas às Diretoras de Turma e à Presidente da Associação de Pais.

No capítulo IV apresenta-se a proposta de projeto de intervenção onde são expostos os objetivos a alcançar, as medidas de intervenção, as atividades propostas e o orçamento para a realização das mesmas, o respetivo cronograma, a avaliação do projeto assim como a sustentabilidade do mesmo.

No último capítulo são expostas as considerações finais assim como recomendações e limitações do estudo. Deste modo, são referidas as principais conclusões provenientes do trabalho realizado, as limitações que surgiram ao longo de toda a investigação e algumas sugestões para futuros estudos relativamente à temática explorada.

Estão ainda inseridos na estrutura do trabalho a bibliografia de apoio à fundamentação de toda a informação exposta assim como os apêndices e anexos que se constituem como documentos complementares aos conteúdos descritos.

Capítulo I - Contextualização teórico-concetual

Os jovens atuais nasceram e cresceram numa realidade intrinsecamente ligada ao mundo digital, onde a internet permite um acesso imediato a praticamente tudo.

As tecnologias digitais passaram a fazer parte da vida em sociedade, através dos “mais diversos formatos, tamanhos e funções, conseguiram alcançar praticamente todos os ambientes sociais: do complexo painel de controlo das grandes indústrias, às prefeituras das pequenas cidades; do quarto de dormir, passando pelos consultórios médicos, dentro dos motores dos carros modernos e dos bolsos de adolescentes, adultos e de alguns idosos e crianças” (Nascimento, 2016, p. 217-218). Podendo então afirmar-se que a maioria dos processos sociais passam a depender do funcionamento destas tecnologias (Nascimento, 2016).

1. As tecnologias digitais e os jovens

As tecnologias digitais, nos dias de hoje, invadem as mais diversas áreas das nossas vidas, tanto das crianças como jovens, adultos ou idosos.

Para melhor compreender a geração digital, alguns autores apresentam-nos a dinâmica geracional desde o fim da 2ª Guerra Mundial, definindo a existência de quatro gerações: *Baby Boomers*, Geração X, Geração Y e Geração Z (Souza & Silva, 2013).

Segundo Souza & Silva (2013), a Geração “*Baby Boomers*” tem como principal característica a autoridade e a disciplina, marcada pela 2ª Guerra Mundial, abrangendo os cidadãos nascidos entre 1946 a 1964. A “Geração X”, das décadas de 60 e 70 do século XX, entre 1964 a 1980, é marcada pela globalização, o uso da televisão, o aumento do acesso a informação e uma diminuição do grau de disciplina e autoridade. A terceira geração, denominada de Y, nascidos entre 1980 e 2000, é assinalada pela inserção do computador pessoal e da internet no quotidiano dos jovens, facilitando a capacidade de inovar através dos avanços tecnológicos. A quarta geração, conhecida como a “Geração Z”, surge na viragem do milénio, abrangendo os nascidos a partir do ano 2000, é fortemente marcada pelos rápidos e grandes avanços tecnológicos, nomeadamente os dispositivos da Web 2.1 (*facebook, twitter, youtube*, entre outros).

Tendo em conta o explicitado anteriormente, nasce a designação de nativos digitais, onde se inserem as Gerações X, Y e Z, ou seja, todos os que nasceram com a tecnologia digital e a *internet*. Todos os que nasceram anteriormente são designados de Imigrantes Digitais.

De acordo com o estudo de alguns autores, 86% dos jovens portugueses acede à internet na sua casa, 47,9% tem acesso na escola, com um tempo médio de 2 horas por dia, sendo que ao fim de semana o uso é maior (Souza & Silva, 2013).

Na perspetiva de Brito (2018) a maioria das crianças que vivem essencialmente nos países desenvolvidos convive com as tecnologias digitais desde muito cedo,

inclusivamente crianças com menos de um ano de idade têm acesso a telemóveis, tablets e até mesmo consolas diariamente.

Matos, Gaspar, Guedes, Tomé & Branquinho (2019) referem que o tempo excessivo ou abusivo do uso das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) é uma fonte de preocupação tanto para os pais como para professores e técnicos na área da educação.

Segundo Brito (2018, p. 24) o contacto com as tecnologias digitais proporcionou às crianças “novas oportunidade de aprendizagem, revelando-se benéfico na promoção do reconhecimento de letras e melhoria das capacidades de leitura e da linguagem oral, assim como de conhecimentos matemáticos”. Cognitivamente, o contacto com as tecnologias promove benefícios ao nível da inteligência visual e desenvolve capacidades psicomotoras, porém, em contrapartida, “também coloca as crianças em situações que podem originar inquietações sociais relacionadas com a sua privacidade e segurança” (Brito, 2018, p. 24). Ou seja, pode concluir-se que, se, por um lado, “as crianças que mais contactam com as tecnologias são aquelas que maior partido delas tiram, explorando diferentes oportunidades, por outro são também aquelas que protagonizam maiores situações de exposição a potenciais danos” (Dias & Brito, 2017, citados por Brito, 2018, p. 24).

A nova realidade mundial em que a ciência e a inovação tecnológica assumem uma enorme importância trouxe consigo a cibercultura, que se define como “a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre sociedade, cultura e as novas tecnologias” (Lemos, 2003, p. 12, citado por Santos, Nascimento, Silva & Mendes, 2017, p. 102).

As habilidades sociais têm uma enorme importância para o desenvolvimento das crianças e dos jovens e estão hoje comprometidas devido ao uso excessivo das tecnologias digitais por parte dos referidos. A tecnologia tem vindo a tomar conta do universo das crianças e dos jovens e o que antes parecia inofensivo é agora alvo de inúmeros estudos a fim de se compreender quais as vantagens e as desvantagens do manuseamento que as novas tecnologias podem acarretar.

2. Fatores de risco no manuseamento das tecnologias digitais

Os fatores de risco são entendidos como obstáculos individuais, contextuais ou ambientais que aumentam a vulnerabilidade das crianças e dos jovens para resultados negativos ao longo do seu desenvolvimento (Mendes, 2015, p. 24).

No que se refere aos aspetos negativos do manuseamento das tecnologias digitais sabe-se que provoca o afastamento afetivo tanto entre os familiares como entre os pares para além de proporcionar novas formas de violência entre as crianças e os jovens. São vários os fatores de risco associados ao desenvolvimento do mundo digital.

As crianças e os jovens acedem muitas vezes de forma livre e autónoma à internet, através dos mais variados dispositivos, acedendo a conteúdos bastante diversificados. Tal como confirma Casanova (2020, p. 293-294), os jovens podem estar expostos aos mais variados riscos, nomeadamente:

- a) Existência de redes promotoras de pornografia e de predadores sexuais;
- b) Utilização de ferramentas tecnológicas para produzir ameaças sem ser desvendada a sua identidade;
- c) Participação em comunidades virtuais promotoras de comportamentos de risco, colocando a sua vida em causa ou a vida e o bem-estar dos outros;
- d) Existência de jogos *online* propensa a produzir dependências e aumentar comportamentos e pensamentos agressivos;
- e) Possibilidade de infiltração em perfis de outros jovens para publicar algo abusivo, denegrir a imagem de outros e/ou insultarem pessoas fazendo-se passar por outros;
- f) Incumprimento das suas obrigações escolares ao dar usufruto de um trabalho já feito como se fosse seu;
- g) Desenvolvimento de dificuldades de aprendizagem e défices de atenção devido ao enorme tempo despendido na visualização de televisão e de acesso à internet.

É ainda relatado com muita frequência pelos pais ou responsáveis por crianças ou jovens que o uso abusivo de tecnologias digitais tem demonstrado mudanças no seu comportamento, nomeadamente alterações no humor, comportamentos depressivos e reações emocionais explosivas quando este uso é limitado (Santos, Nascimento, Silva & Mendes, 2017).

Um outro estudo revela que o uso excessivo das tecnologias por parte dos adolescentes evidencia que estes podem desenvolver características narcisistas, ter comportamentos antissociais, tendências agressivas, manias, distúrbios do sono, ansiedade, problemas na linguagem escrita e transtornos de atenção e aprendizagem (Silva & Silva, 2017). As tecnologias têm portanto transformado a vida dos jovens, nomeadamente, o modo como aprendem, ocupam os seus tempos livres, trabalham e como interagem tanto nas relações pessoais como na escola (Casanova, 2020).

2.1. O afastamento afetivo-familiar e entre pares

O conceito de família está ligado à afetividade e é através das relações afetivas que “desenvolvemos melhores capacidades, reativamos habilidades natas, transformamos a nossa personalidade e retificamos os nossos traços de caráter” (Pessoa, 2016, p. 4).

O núcleo familiar tem vindo a ser alvo de vários desafios, nomeadamente a assimilação da presença das tecnologias digitais que a cada dia ganham mais espaço nas relações familiares. Este uso tem provocado um enorme distanciamento e a ausência de diálogo, gerando muitas vezes conflitos familiares.

Tal como referem Eisenstein e Estefenon (2006, citados por Neumann & Missel, 2019, p. 82) existe um número significativo de famílias onde, atualmente, o convívio “foi substituído pelos meios de comunicação que vão surgindo, mais rápidos e portáteis”. O tempo dedicado às novas tecnologias acaba por ser um motivo de conflito familiar pois o tempo dedicado à família é menor e o mesmo acaba por ser afetado, desencadeando assim “uma diminuição na coesão familiar e um aumento do conflito familiar” (Martins, 2013, citado por Neumann & Missel, 2019, p. 83).

O uso cada vez mais generalizado e precoce das tecnologias digitais pelas crianças e jovens e a má manipulação destas ferramentas tem vindo a alterar as formas de relacionamento e comunicação tanto entre os pares como com as suas famílias.

Os jovens, como segmento da sociedade, são mais suscetíveis às transformações das tecnologias digitais, podendo mais facilmente adquirir um vício. Desta forma, as tecnologias podem transformar-se num fator de isolamento social, que acabam por comprometer a capacidade de socialização dos jovens, não conseguindo distinguir a realidade do mundo virtual.

Os jovens acabam por passar mais tempo nas tecnologias, inibindo a interação física com os pares e a família e, muitas das vezes, não reconhecem este comportamento como um problema. Como afirma Silva & Silva (2017), nos dias de hoje os jovens passam mais tempo a trocar mensagens pessoais no mundo virtual, comunicando através de *chats*, mensagens instantâneas, jogos online e redes sociais, sendo que a maioria destes contactos são superficiais, facilitando o afastamento social.

Todo o ser humano necessita de convívio social e os adolescentes que têm bons relacionamentos sociais têm mais probabilidade de construir um bom desenvolvimento psicossocial. O abuso das tecnologias acaba por trazer consigo consequências futuras para estes jovens tendo em conta que correm o risco de não se desenvolverem em plenitude, o que lhes trará dificuldades na vida adulta (Silva & Silva, 2017).

Como refere Thomazini & Goulart (2018) o diálogo perdeu espaço para dar lugar às tecnologias digitais, as quais são cada vez mais presentes, acessíveis e utilizadas. As relações estabelecidas em contexto familiar e social têm sido assim afetadas pelo uso das tecnologias digitais.

2.2. O cyberbullying

Com o avanço das tecnologias, a violência presencial, conhecida como *bullying*, deu continuidade a uma nova forma de agressão exercida agora no espaço virtual, ao qual os especialistas designam de *cyberbullying*.

O *cyberbullying* é considerado pelos especialistas como uma nova forma de *bullying*, mas praticado através de recursos digitais, baseando-se ambos na agressividade, intencionalidade, repetição dos comportamentos, a desigualdade de poder e o facto de ocorrer entre pares (Primor, 2020).

Tendo em conta o Manual *Stop Bullying* (2016) pode referir-se que o *cyberbullying* é uma forma recente de humilhação e difamação social, que é realizada através de suportes digitais de comunicação e dispositivos eletrónicos como a internet e os telemóveis. É através do uso destas tecnologias e conseqüentemente da difusão das redes sociais (como o *Facebook*, o *Instagram*, o *WhatsApp*, entre outras) que o agressor consegue prejudicar a reputação e as amizades da vítima, através do envio de mensagens difamatórias ou da colocação *online* de imagens e vídeos ofensivos e humilhantes.

De acordo com Araújo & Caldeira (2018, p. 8), o *cyberbullying* é entendido como “uma tecnologia para ameaçar, humilhar ou intimidar alguém, através das múltiplas ferramentas digitais e tecnológicas disponíveis e bem conhecidas dos adolescentes”. Segundo estes autores o *cyberbullying* é um fenómeno muito complexo e difícil de controlar e, portanto, é um tipo de agressão que pode assumir diferentes formas como a difamação, o roubo de identidade, a violação da intimidade, a perseguição ou ainda *happy slapping* (Araújo & Caldeira, 2018).

Este fenómeno traz consigo inúmeras conseqüências especialmente para as vítimas. As vítimas podem apresentar sintomas depressivos e sintomas psicossomáticos como as dores de cabeça, dor abdominal ou insónias. Outras conseqüências são ainda a predisposição das vítimas a comportamentos de risco como o consumo de álcool, de tabaco ou outras substâncias, ao abandono escolar, à exclusão social ou a dificuldades na comunicação com os outros e, em casos mais graves, poderá levar ao suicídio (Primor, 2020).

Segundo Primor (2020), são vários os comportamentos que se podem identificar de *cyberbullying*, como:

- O “flaming”: que corresponde a mensagens enviadas *online*, com cariz rude e obsceno, em privado ou em público;
- O assédio: que se caracteriza pelo envio de mensagens de estilo abusivo e ameaçador;
- A perseguição: que ocorre quando existe o envio repetitivo de mensagens ameaçadoras, intrusivas ou intimidatórias, com o objetivo de causar medo e ameaçar o bem-estar do outro;

- A difamação: que corresponde à publicação de declarações falsas, rumores ou boatos, através da internet para denegrir a imagem do outro;
- A personificação: onde o agressor se faz passar por outra pessoa, publicando mensagens ou imagens, denegrindo a imagem da vítima;
- A exposição: que consiste na publicação e/ou partilha de informações e/ou imagens constrangedoras de outra pessoa;
- O engano: que corresponde na aliciação de outro para que este lhe confie e partilhe segredos enquanto o agressor os divulga online;
- A exclusão: quando se exclui um indivíduo de um grupo ou de uma conversa online.

O *bullying* e *cyberbullying* são fenómenos que se encontram muito presentes nas escolas, afetando inúmeras crianças e jovens, e, portanto, devem ser alvo de atenção por parte de todos, sendo necessárias intervenções preventivas perante esta problemática. Todos os profissionais e educadores que se encontram nas escolas devem estar conscientes para esta problemática e serem capacitados para diagnosticar, intervir e prevenir nas situações que vão surgindo, sendo a sua função estar atento a sinais que possam transparecer no contexto escolar.

Pereira (2008) refere que para prevenir o *bullying* é necessário envolver toda a comunidade educativa, nomeadamente alunos, professores, funcionários, pais e outros elementos da comunidade local.

Segundo Mascarenhas (2006, p. 100) o “diagnóstico e a gestão do *bullying* e da indisciplina no ambiente escolar deve ser atividade de rotina. O gestor escolar, professor e outros profissionais que trabalham na escola devem *a priori* planear o diagnóstico e a prevenção do *bullying* e da indisciplina no estabelecimento onde atuam no sentido de fazer cumprir e respeitar os direitos e deveres da cidadania, contribuindo para o fortalecimento de fundamentos da sociedade que se quer democrática, justa e solidária”.

O meio escolar enquanto contexto essencial de desenvolvimento pessoal, social e académico pode realizar intervenções preventivas (primárias e secundárias) que podem ser aplicadas tanto pelos próprios alunos de forma autónoma como pelas equipas escolares ou até pelos professores ou outros profissionais (Cardoso et al., 2017).

Os próprios alunos podem aprender sozinhos, tornando-se autodidatas nesta matéria, através da visualização de vídeos educativos sobre formas efetivas de enfrentar a situação em que se encontram, através de *softwares* de interação entre as vítimas, a intervir e/ou prevenir comportamentos de *cyberbullying* (Cardoso, et al., 2017). Envolvendo a participação das equipas escolares estas podem promover atividades de conscientização junto dos alunos e das suas famílias para os seus direitos e responsabilidades no meio virtual, prevenindo desta forma a existência de futuras vítimas e/ou agressores.

3. Fatores protetores no manuseamento das tecnologias digitais

Os fatores protetores assumem diferentes níveis e auxiliam na gestão dos riscos diários, contribuindo assim para diminuir as probabilidades de ocorrência de comportamentos desviantes (Mendes, 2015).

Relativamente aos aspetos positivos do uso das tecnologias digitais importa referir que este proporciona uma aproximação com aqueles que se encontram longe, uma proximidade com os familiares pois possibilita uma troca de saberes entre as diferentes gerações e ainda pela “facilidade de comunicar-se em qualquer lugar e hora, pela sensação de segurança e de controlo por parte dos pais” (Neumann & Missel, 2019, p. 89).

Segundo Casanova (2020), os pais e professores têm um papel fundamental na prevenção de comportamentos de risco associados ao uso das tecnologias digitais, assumindo atitudes positivas para com estes jovens, nomeadamente no que concerne:

- Ao limite do tempo despendido na visualização de programas televisivo e de acesso à internet;
- Ao acompanhamento das atividades online;
- À promoção de comportamentos de segurança, especialmente fechar as sessões de trabalho que requeiram fazer o login para ter acesso;
- À discussão dos riscos associados à exposição de fotos, dados pessoais e endereços na internet.

Tal como referido anteriormente na Introdução, optou-se por estudar também o altruísmo e a intervenção cívica associados ao uso das tecnologias digitais.

3.1. A dimensão do altruísmo e as tecnologias digitais

O altruísmo é um comportamento de natureza moral essencial para a manutenção das relações humanas, ou seja, é um potencial inibidor dos comportamentos antissociais (Vilalva & Lohr, 2019).

O altruísmo é entendido pelos especialistas como “aquellas acciones de ayuda que benefician a outros, provocando o manteniendo efectos positivos, realizadas voluntariamente, sin anticipar recompensas a corto o a largo plazo” (Morales, 1998 citado por Hernández, Veja & Guadrón, 2009, p.20).

Segundo autores como Korsgaard, Meglino e Lester (1996, citados por Ebrahim, 2001) o altruísmo é um comportamento que se destina a dar atenção às necessidades dos outros. Mulligan (1996, citado por Ebrahim, 2001, p. 75) afirma que “a composição familiar, o tamanho da família, a ordem de nascimento e algumas variáveis da infância, trazem implicações na formação do altruísmo e na transmissão de sentimentos de igualdade ou desigualdade entre as pessoas”.

Batson, Ahmad & Lishner (2009, citados por Santos, 2017, p. 6) referem que o altruísmo é “como um estado motivacional ou comportamento «orientado para o

outro», com o objetivo de aumentar o seu bem-estar”, sendo este comportamento desprovido de qualquer tipo de benefício ou interesse para os indivíduos.

O altruísmo surge diretamente associado ao voluntariado, tendo em conta que a dimensão do altruísmo é uma das motivações para o voluntariado assim como o sentido de pertença, reconhecimento social e desenvolvimento pessoal (Cláudio & Reis, 2017).

É através da via digital que, nos dias de hoje, são acionadas as mais diversas plataformas de voluntariado jovem como é o exemplo do Movimento Transforma Portugal, Portugal Voluntário da CASES, Gap Year Portugal, Voluntariado Portimão, U. DREAM, entre outras. Estas plataformas pretendem essencialmente estimular o voluntariado e conseqüentemente o envolvimento cívico dos jovens. As tecnologias digitais surgem neste âmbito como imprescindíveis para a angariação de novos voluntários e divulgação das iniciativas realizadas, tendo no fundo um papel facilitador para o envolvimento dos jovens nestas iniciativas. Conseqüentemente podemos aferir que as tecnologias digitais podem promover a dimensão do altruísmo e da intervenção cívica.

3.2. A dimensão da intervenção cívica e as tecnologias digitais

É na juventude que os jovens vivenciam e descobrem determinados conceitos como a participação cívica, a cidadania e os deveres e direitos que têm para com a sociedade.

A cidadania é definida como “um estatuto que medeia a relação entre o indivíduo e a comunidade política, ao mesmo tempo que fornece as bases para as interações entre os indivíduos dentro da sociedade” (Nogueira & Silva, 2001, citados por Tavares, 2011, p. 44). Podemos assim definir a cidadania como o conjunto de direitos e responsabilidades que o cidadão dispõe pelo facto de viver na sociedade, como por exemplo, o facto de ir votar e de escolher qual o governo que pretende que governe o seu país é um direito de cidadania.

Em relação à participação cívica dos jovens, tem-se vindo a verificar que estes “investem menos na sua participação social e política” (Tavares, 2011, p. 52), estando este facto relacionado com uma gradual descrença no sistema, no entanto estes vão demonstrando algum interesse na vida política e social, exemplo disso são as redes de organizações e movimentos de jovens que são criados através das plataformas digitais como por exemplo o Fórum Europeu da Juventude, a Organização Mundial do Movimento Escutista, a Fundação ONE, o movimento Fridays For Future, iniciado por Greta Thunberg, entre muitos outros. Todos estes exemplos de movimentos mencionados têm como principais objetivos capacitar os jovens a participar ativamente na sociedade para melhorarem as suas vidas e as dos outros, defender as suas necessidades e interesses como erradicar a pobreza extrema ou a luta contra as alterações climáticas, no fundo a sua missão são criar cidadãos ativos, que se realizem enquanto indivíduos com valores e que criam mudanças positivas na sociedade.

Nos últimos anos, tem-se assistido a novas formas de contestação que envolvem o uso das tecnologias digitais, sendo que estes dispositivos “têm-se revelado fundamentais para exprimir reivindicações e organizar o protesto, favorecendo o surgimento de modos informais de ação política e cívica” (Simões & Campos, 2016, p. 132). As tecnologias digitais têm vindo a surgir como ferramentas “a serviço dos movimentos sociais, permitindo a comunicação, divulgação de conteúdos e construção de alternativas com recurso à internet” (Atton, 2004, citado por Simões & Campos, 2016, p. 139).

As ferramentas mais utilizadas nas práticas ativistas são as plataformas denominadas de redes sociais. É a partir das redes sociais como o *Facebook*, *Instagram* ou *Twitter* que surgem vários protestos e manifestações de índole política, onde os jovens manifestam as suas reivindicações.

Na perspetiva de Simões e Campos (2016), atualmente é impossível pensar nas formas de mobilização política e cívica sem considerar o recurso a ferramentas digitais, sendo que a internet se apresenta cada vez mais como um terreno complementar para trocar informações, criar redes, mas também se tem afirmado como um território propício à participação política e cívica.

O fácil acesso às tecnologias digitais obriga todo o contexto a adaptar-se para preparar e desenvolver cidadãos mais críticos e ativos, principalmente através do meio virtual.

Vários autores referem que os jovens se estão a tornar “effective social activists”, aumentando o seu impacto através dos meios digitais (UNICEF, 2020, p. 5). Os jovens utilizam atualmente as plataformas digitais para “organizar greves de estudantes contra o pagamento de professores, partilhar experiências de racismo e aumentar a conscientização sobre as mudanças climáticas” (UNICEF, 2020, p. 5).

Importa investir na participação e envolvimento cívico dos jovens pois é um investimento que traz consigo “resultados sociais positivos com benefícios a longo prazo” (UNICEF, 2020, p. 6). O desenvolvimento de hábitos de participação cívica, mesmo que desenvolvidos no final da adolescência, é crucial para continuar essas práticas na vida adulta.

Deste modo, importa que as escolas e toda a comunidade escolar incentivem desde cedo o envolvimento de todos os alunos nesta temática, pois ao investirmos no desenvolvimento de jovens ativos e envolvidos estamos a criar sociedades onde se fortalecesse uma cultura democrática e cívica (UNICEF, 2020).

Capítulo II - Enquadramento Metodológico

Neste segundo capítulo, apresenta-se a componente empírica deste estudo, onde é exposta toda a metodologia de investigação usada, os objetivos do estudo, a amostra, os instrumentos e técnicas de recolha de dados assim como os procedimentos éticos e legais adotados.

1. Objetivos do estudo

A revisão de literatura apresentada anteriormente permitiu perspetivar a problemática em análise no presente estudo.

A pós-modernidade do século XXI é marcada pela globalização que levou à revolução tecnológica e digital e à massificação do uso da internet que tem vindo a provocar diversas modificações nos diferentes estratos da sociedade (Kadooka & Lepre, 2018), nomeadamente na infância e na juventude.

O presente projeto tem como principal objetivo compreender qual o impacto que as tecnologias digitais têm em algumas dimensões do desenvolvimento relacional e social dos jovens. Pretende-se estudar não só as desvantagens associadas a este problema, mas também os benefícios.

Quanto aos aspetos positivos para o desenvolvimento social potenciados pelo uso das tecnologias digitais, foram selecionados o altruísmo e a intervenção cívica por serem dimensões estruturais nas interações socioafetivas e na mudança social. São, ao mesmo tempo, competências que vão sendo construídas através da interação com os diferentes atores sociais, mas dependentes do desenvolvimento cognitivo e socioemocional, pelo que assumem uma maior visibilidade a partir da adolescência.

Relativamente aos aspetos negativos associados a utilização das tecnologias digitais, será abordado o afastamento afetivo tanto entre os pares como entre os membros da família destes jovens e ainda a violência vivenciada virtualmente, denominada pelos especialistas de *cyberbullying*.

Segundo Serrano (2008) a definição dos objetivos é de importância decisiva visto que permite delimitar as ações e atividades a desenvolver, potenciando uma intervenção mais direcionada e assertiva, posto isto, tendo em conta a problemática apresentada delinearam-se os seguintes objetivos:

- Identificar o papel das tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento social dos jovens relativamente às dimensões “intervenção cívica” e “altruísmo”;
- Caracterizar as dinâmicas familiares e os estilos comunicativos que foram introduzidos pelo uso das tecnologias digitais de informação e comunicação;
- Identificar os novos problemas sociais e relacionais associados ao uso das tecnologias digitais;

- Compreender se a forma como o sexo feminino e o sexo masculino interagem com as tecnologias digitais evidencia diferenças nas dimensões anteriormente referenciadas.

2. Metodologia de investigação

A escolha da metodologia de investigação a adotar num estudo depende sempre do intuito e objetivo que se quer assim como onde se quer chegar com o mesmo, e, portanto, optei pela adoção de um desenho metodológico de cariz essencialmente qualitativo, organizando-se como um estudo de caso com utilização de técnicas de recolha e análise de dados de natureza mista.

A metodologia qualitativa implica trabalhar junto dos sujeitos de intervenção a fim de alcançar as informações que forem consideradas mais pertinentes, mediante as técnicas e instrumentos de recolha de dados elegidos. Tal como confirma Chizzotti (2003, p. 221) quando afirma que a metodologia qualitativa implica “uma partilha densa com pessoas, factos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível”.

Segundo Greenwood (1965) o estudo de caso é um método que consiste no exame intensivo tanto em amplitude como em profundidade, através das mais variadas técnicas disponíveis, de um fenómeno social, cujos resultados permitem obter uma ampla compreensão do fenómeno em estudo na sua totalidade. A amostra pode ser representativa de qualquer realidade social, podendo retratar um indivíduo, um grupo, uma comunidade, uma organização, uma associação, um processo, um acontecimento, ou até uma cultura.

O objetivo deste método é observar, explorar, descrever, interpretar ou avaliar um fenómeno social, daí que a maior parte dos investigadores considere o estudo de caso como uma modalidade metodológica (Gomes, 2015).

A investigação enquanto metodologia de estudo de caso foi eleita considerando a mesma como a estratégia de investigação mais adequada quando queremos estudar fenómenos sociais complexos (Yin, 2001), ou seja, permite conhecer, mais detalhadamente, a problemática em questão, possibilitando alcançar mais facilmente os objetivos da investigação.

Na perspetiva de Mucchielli (1968, p. 21, citado por Diogo, 1998, p. 95), o estudo de caso é uma estratégia que tem como principal objetivo a análise de uma situação “autêntica na sua complexidade real e na qual se ensaia uma ginástica subtil que permite, não só “ver” o jogo de inter-relações, como de as descrever, formular e compreender sem sair do concreto”.

3. Instrumentos e técnicas de recolha de dados

Quanto aos instrumentos e técnicas que se consideraram como mais adequados à recolha de dados, de forma a conseguir dar respostas aos objetivos delineados, recorreu-se aos inquéritos por questionário dirigidos a alunos e encarregados de educação e à técnica da entrevista a diretores de turma e presidente da Associação de Pais, mais especificamente entrevistas semiestruturadas. Estas técnicas foram aplicadas com o principal objetivo de perceber a perceção destes diferentes atores perante a temática da presente investigação: o impacto das tecnologias digitais no desenvolvimento relacional e social dos jovens.

Findando, foi considerado pertinente caracterizar com maior detalhe os instrumentos e as técnicas de recolha de dados utilizadas na presente pesquisa.

3.1. Inquéritos por Questionário

Tendo em conta a importância de recolher a perceção dos alunos e dos Encarregados de Educação acerca da temática em estudo, foi necessário construir dois inquéritos por questionário, sendo assim importante referir no que consiste este instrumento de recolha de dados.

O inquérito por questionário sendo também uma técnica de recolha de dados, é utilizado frequentemente em investigação. Baseia-se normalmente numa série de questões a serem aplicadas a uma amostra representativa do grupo que se pretende estudar.

A seleção dos inquéritos por questionário, como instrumento de recolha de dados, neste estudo, deveu-se à garantia do anonimato dos inquiridos, visto que assim as pessoas se sentem “mais seguras relativamente ao anonimato das respostas e por este facto, exprimir mais livremente as opiniões que consideram mais pessoais” (Fortin, 1999, p. 254, citado por Abreu, 2016, p. 21) e ainda possibilita uma maior rapidez na recolha de dados, assim como alargar os participantes no estudo.

Para além de que, segundo Quivy e Campenhoudt (2003), este instrumento é o mais oportuno para o conhecimento de determinadas características de uma população como os seus comportamentos, as suas condições e modos de vida, ou as suas opiniões. Tanto nos inquéritos destinados aos alunos como aos respetivos Encarregados de Educação são apresentadas perguntas semiestruturadas de carácter aberto e fechado. Nas questões fechadas os inquiridos apenas tiveram ao seu dispor um conjunto de respostas previamente estabelecidas das quais tiveram apenas de eleger uma. Enquanto nas questões abertas, os inquiridos tiveram a oportunidade de responder de acordo com aquilo que era a sua opinião e expressão pessoal.

Os inquéritos por questionário foram inicialmente elaborados tendo por base a revisão de literatura efetuada bem como os objetivos do estudo. Posteriormente, foram validados por dois especialistas, especificamente um especialista na área da

investigação, ou seja, Educação e Psicologia, e um outro na área da temática em estudo, nomeadamente Tecnologias Digitais (Apêndices E e F).

3.2. Entrevistas semiestruturadas

Com o objetivo de recolher o testemunho de intervenientes fundamentais na ação educativa no contexto escolar, optámos por realizar uma entrevista aos Diretores de Turma e à Presidente da Associação de Pais. Esta técnica é considerada uma ferramenta privilegiada na recolha de dados e uma das técnicas mais utilizadas na investigação social, pois permite-nos obter informações a respeito de um determinado assunto, através de uma conversa de natureza profissional (Diogo, 1998).

A entrevista é identificada como sendo “uma forma muito válida de aceder às perceções das pessoas, aos significados e definições das situações e às construções da realidade” (Caixeiro, 2014, p. 392).

Estrela (1994, citado por Caixeiro, 2014, p. 392) refere ainda que a entrevista possibilita a “recolha de dados de opinião que permitem não só fornecer pistas para a caracterização do processo em estudo, como também conhecer, sob alguns aspetos, os intervenientes do processo”.

A entrevista semiestruturada é o tipo de entrevistas mais utilizada na investigação qualitativa, sendo que apesar de ter um guião previamente estruturado com os conteúdos a ser abordados, permite flexibilidade suficiente para explorar as opiniões do entrevistado (Resende, 2016).

Nestas entrevistas é dada abertura ao entrevistado de poder descrever experiências e falar abertamente sobre o tema abordado, podendo conter em simultâneo perguntas fechadas e abertas. O entrevistador elabora previamente um grupo de questões, no entanto a entrevista poderá decorrer ao ritmo de uma conversa informal. Importa que o entrevistador tenha em atenção que no decorrer da entrevista, sempre que considerar necessário deve fazer com que o entrevistado se foque no assunto em questão, realizando questões parecidas com as iniciais, caso o entrevistado não clarifique a sua resposta, a fim de elucidar as questões que não ficaram claras (Boni & Quaresma, 2005).

Como vantagens desta modalidade de entrevista pode apontar-se a interação entre o entrevistador e entrevistado tendo em conta que favorece respostas mais espontâneas, a elasticidade quanto à duração da mesma visto que permite uma cobertura mais profunda sobre o assunto em questão e ainda a produção de uma maior amostra da população de interesse, uma vez que é mais comum as pessoas aceitarem participar (Boni & Quaresma, 2005).

As entrevistas foram realizadas aos Diretores de Turma das 3 turmas (7º, 8º e 9º ano) elegidas para aferição dos dados do Agrupamento de Escolas Amato Lusitano e ainda à Presidente da Associação de Pais. Foi criado um guião orientador da entrevista

(Apêndices G e H) composto por 8 categorias. O registo das entrevistas foi feito com recurso à gravação pelo telemóvel, com o consentimento prévio dos entrevistados (Apêndices C e D), o que foi um meio facilitador para a etapa seguinte referente à transcrição das mesmas (Apêndices I e J), permitindo manter em especial a preservação da fiabilidade das respostas recolhidas.

Numa fase posterior à recolha de dados, procedeu-se então à transcrição das entrevistas e para efetuar a análise das mesmas em profundidade recorreu-se à análise de conteúdo.

4. Técnicas de análise de dados

Os inquéritos por questionário realizados aos alunos e aos Encarregados de Educação foram alvo de uma análise de estatística descritiva recorrendo ao programa SPSS e as entrevistas foram analisadas de acordo com a técnica de análise de conteúdo.

Pode ainda indicar-se que uma das técnicas de análise adotadas neste estudo foi a triangulação de todos os dados recolhidos, o que permitiu aferir e confrontar a perspetiva dos diferentes participantes no estudo.

Para melhor contextualizar as técnicas de análise de dados a que se recorreu, apresenta-se de seguida a caracterização das mesmas.

4.1. Análise de conteúdo

Para efetuar a análise das entrevistas realizadas aos Diretores de Turma e à Presidente da Associação de Pais recorreu-se à análise de conteúdo que segundo Bardin (1977, p. 38) consiste num “conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de mensagens”. Por sua vez, Silva & Fossá (2015, p. 3) referem que esta técnica pode ser definida como “um conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que se presta a analisar diferentes fontes de conteúdos (verbais ou não verbais)”. No fundo, o grande objetivo desta análise é auxiliar a compreensão do tratamento dos dados recolhidos.

A análise de conteúdo assume-se assim como um instrumento de análise da comunicação que pretende compreender criticamente o sentido das comunicações, o seu conteúdo e todas as significações explícitas ou implícitas (Chizzotti, 2006).

4.2. Triangulação de dados

A triangulação de dados é uma técnica de análise de dados que permite ao investigador deter uma maior credibilidade e validade na sua pesquisa. Flick (2005) refere que a triangulação está relacionada com as informações recolhidas e provenientes das diversas técnicas e instrumentos.

A presente técnica consiste na recolha de dados recorrendo a diferentes fontes de informação, segundo Azevedo, Oliveira, González & Abdalla (2013) pode combinar-se métodos e fontes de recolha de dados assim como diferentes métodos de análise de dados, sendo o seu principal objetivo contribuir não apenas para analisar o fenómeno em estudo, mas também enriquecer a nossa compreensão, permitindo emergir novas ou mais profundas dimensões.

De acordo com Flick (2009, citado por Mozzato & Grzybovski, 2011, p. 742), a triangulação de dados detém uma enorme importância na investigação em ciências sociais pois “supera as limitações de um método único, por combinar diversos métodos e dar-lhes igual relevância”.

5. Caracterização da amostra

A amostra dos inquiridos por questionário deste estudo foram os alunos do 3º ciclo do ensino básico, de uma escola do interior do país, mais concretamente do Agrupamento de Escolas Amato Lusitano (AEAL).

O Agrupamento de Escolas Amato Lusitano, situado em Castelo Branco, foi criado a partir do Despacho nº 4463/2011, de 3 de março (publicado no Diário da República, 2ª série, nº 50, de 11 de março de 2011) e do Artigo 7º do Decreto-Lei nº 75/2008, de 22 de abril.

Este Agrupamento integra cinco escolas: Escola Secundária Amato Lusitano, Escola Básica João Roiz, Escola Básica Quinta da Granja, JI/EB 1º do Valongo e ainda JI/EB 1º dos Cebolais de Cima/ Retaxo.

De acordo com o Projeto Educativo do AEAL (2019, p. 3), o agrupamento tem como visão o reconhecimento de excelência pelo sucesso académico, pela qualidade de formação prestada nos domínios científico, tecnológico, desportivo, artístico, educação inclusiva e cidadania.

A aplicação dos questionários concentrou-se em três turmas, duas turmas da Escola Básica João Roiz (7º e 8º ano) e uma turma da Escola Secundária Amato Lusitano (9º ano) a fim de poder obter dados mais significativos jogando com o fator ano de escolaridade. A escolha destas turmas relaciona-se com o facto de corresponderem a idades cronológicas em que os jovens já revelam algum acesso às tecnologias digitais e começam a apresentar comportamentos de risco associados a este manuseamento.

Sendo assim, a amostra do estudo é constituída por 60 alunos e os respetivos Encarregados de Educação.

Como podemos observar na Tabela 1, relativamente aos alunos conta-se com a presença de indivíduos com idades compreendidas entre os 12 e 16 anos de idade, onde se verifica que 65% (n=39) dos alunos pertencem ao sexo feminino e 35% (n=21) ao sexo masculino. Podemos ainda aferir que houve uma distribuição relativamente homogénea dos sujeitos nas três turmas, com 33,3% (n=20) no 7º ano, 28,3% (n=17) no 8º ano e 38,3% (n=23) no 9º ano de escolaridade.

Tabela 1 - Distribuição da amostra por sexo e ano de escolaridade

Sexo feminino: n= 39 65%		Sexo masculino: n= 21 35%	
Ano de escolaridade	7º ano	8º ano	9º ano
Frequência absoluta	n= 20	n= 17	n= 23
Frequência relativa	33,3%	28,3%	38,3%
Total de Alunos = 60 (100%)			

No que concerne aos Encarregados de Educação integra a amostra indivíduos com idades compreendidas entre os 32 e 57 anos de idade, verificando-se que 80% (n=48) pertencem ao sexo feminino e 20% (n=12) ao sexo masculino.

Quanto às entrevistas semiestruturadas, foram realizadas três entrevistas a Diretoras de Turma e ainda uma outra à Presidente da Associação de Pais do Agrupamento cuja caracterização biográfica se apresenta de seguida na Tabela 2.

Tabela 2 - Dados biográficos das entrevistadas

Identificação	Turma	Sexo	Habilitações académicas	Tempo de serviço
Diretora de Turma	7º ano	Feminino	Licenciatura	26 anos
	8º ano	Feminino	Licenciatura	23 anos
	9º ano	Feminino	Licenciatura	25 anos
Presidente da Associação de Pais	-----	Feminino	Licenciatura	-----

6. Procedimentos éticos e legais

Quando se realiza uma investigação ou um trabalho de projeto, os investigadores devem respeitar todos os princípios éticos de forma a garantir a participação voluntária e consciente, facto baseado no princípio da autonomia.

Almeida (2013, p. 82) e Bodgan & Biklen (1999) propõem princípios éticos básicos para qualquer investigação que envolva pessoas, nomeadamente a proteção pelas pessoas intervenientes no estudo, onde deve ser salvaguardada a proteção da identidade de todos os sujeitos que colaboram no estudo assim como a confidencialidade e anonimato das informações prestadas, garantindo que os dados pessoais não sejam em qualquer circunstância divulgados sem a sua expressa autorização e ainda a dignidade e o respeito, que deve ser dado a cada um dos intervenientes.

No presente estudo foram tomadas todas as diligências éticas e legais exigidas por um estudo desta natureza. Antes da sua realização efetuou-se o contato informal com a direção do Agrupamento de Escolas Amato Lusitano. Posteriormente formalizou-se o pedido oficial de autorização à Diretora do AEAL para a realização do estudo na sua instituição (Apêndice A), tendo tido apreciação positiva por parte dos órgãos diretivos.

Mais tarde, foram explicados os objetivos do estudo e metodologia a adotar à Direção do Agrupamento de Escolas e aos Diretores de Turma envolvidos.

Antes de iniciar o trabalho de campo foram solicitadas as devidas autorizações, através dos Diretores de Turma, aos Encarregados de Educação através da assinatura das declarações de consentimento informado (Apêndice B). A recolha de dados foi planeada em função da disponibilidade manifestada pelas diretores de turma, pois era importante para a investigadora não interferir com a aquisição de conhecimentos dos alunos.

Referente à recolha de dados junto das Diretoras de Turma e da Presidente da Associação de Pais, tal como referido anteriormente no ponto 3.2., foram agendadas as entrevistas de acordo com a disponibilidade das entrevistadas.

Capítulo III - Apresentação e análise dos dados

Seguidamente, apresentar-se-á a análise e tratamento dos dados e informações obtidas através dos instrumentos aplicados (inquéritos por questionário), a análise de conteúdo às entrevistas e posteriormente a triangulação dos dados.

Irá recorrer-se à apresentação de gráficos e tabelas de forma a potenciar uma compreensão dos dados mais clara, objetiva e facilitadora, complementados com a respetiva análise descritiva.

1. Inquéritos por questionário

Terminada a implementação dos inquéritos por questionário aos alunos e aos Encarregados de Educação deu-se início à análise e tratamentos das informações recolhidas.

1.1. Inquéritos por questionário aos Alunos

Quanto à caracterização sociodemográfica dos alunos podemos verificar que da amostra composta por 60 indivíduos faz parte indivíduos com idades compreendidas entre os 12 e 16 anos de idade (Gráfico 1). A média das idades dos alunos é de 13,62 anos e a mediana é igual a 14 anos.

A maioria dos inquiridos são do sexo feminino representando uma frequência relativa de 65% (n=39) e 35% (n=21) são do sexo masculino (Gráfico 2).

Gráfico 1 - Idade dos alunos

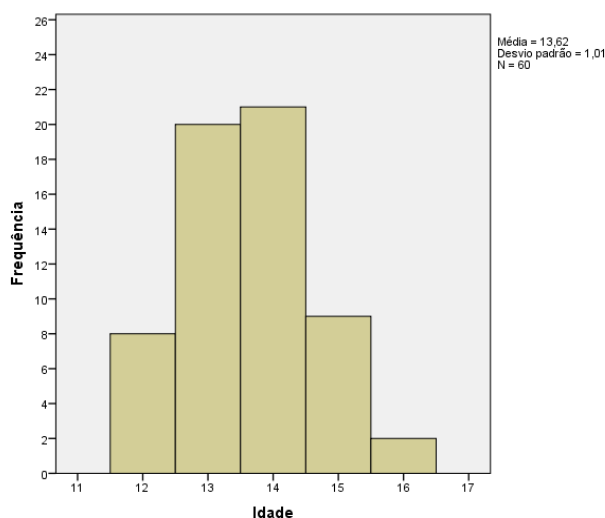
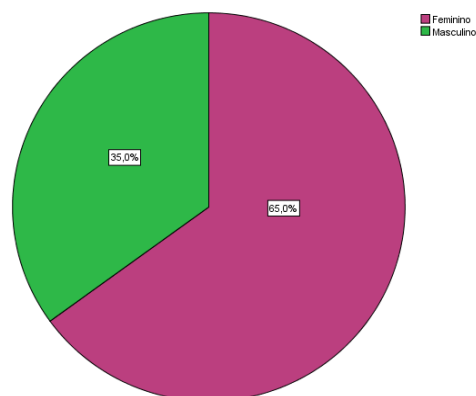
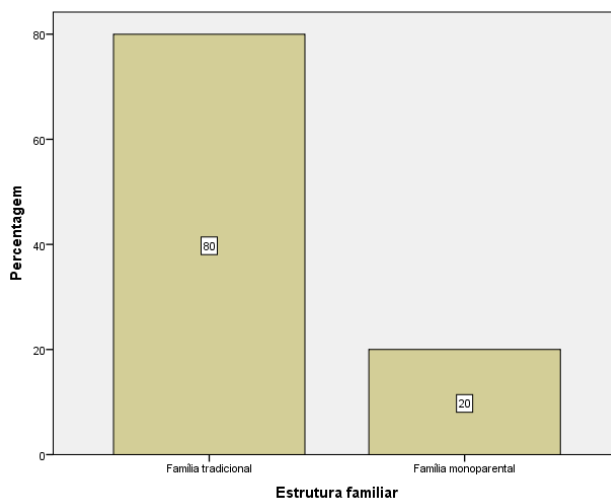


Gráfico 2 - Sexo dos alunos



Na estrutura familiar destes jovens podemos observar, com base nos dados recolhidos, que a maioria se encontra inserida em “famílias tradicionais” (vive com mãe e pai), representando 80% (n=48) da amostra, e 20% (n=12) destes jovens vive apenas com a mãe ou o pai (famílias monoparentais) (Gráfico 3).

Gráfico 1 - Estrutura familiar dos alunos



Relativamente ao acesso às tecnologias digitais, os alunos foram questionados se possuíam telemóvel ao qual todos referiram que sim (Gráfico 4).

Foi também questionado com que idade os alunos começaram a ter acesso a um telemóvel sendo que as respostas rondaram entre os 6 e 13 anos de idade. A média de idades apresentada foi de 10,29 anos. Havendo ainda um aluno que referiu não saber indicar. Como podemos observar no Gráfico 5, os 10 e 11 anos de idade verificaram-se como os anos de maior incidência:

Gráfico 4 - Tens telemóvel?

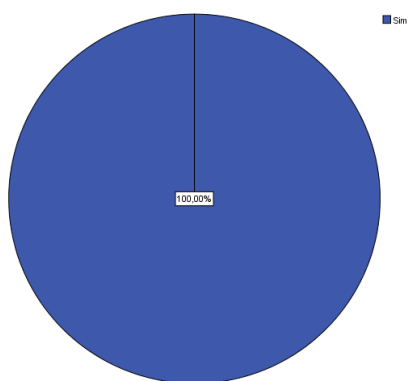
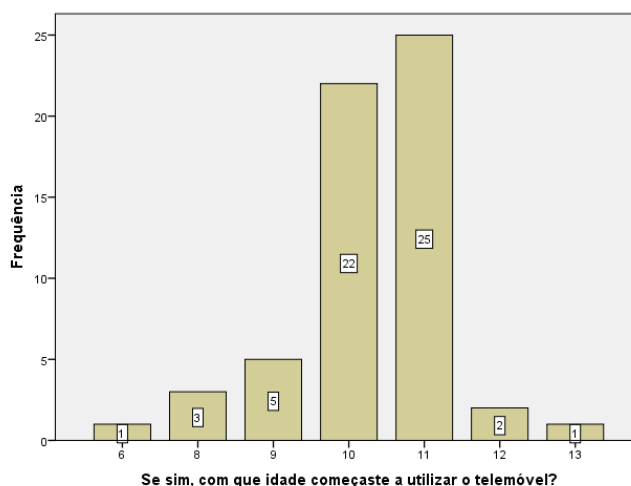
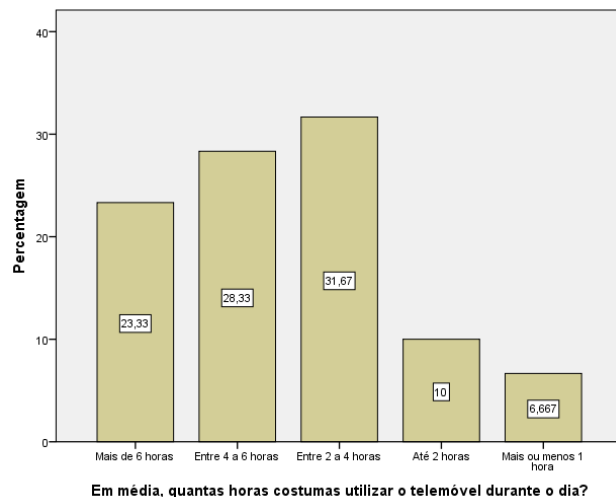


Gráfico 5 - Se sim, com que idade começaste a utilizar o telemóvel?



A maioria dos alunos referiu passar entre 2 a 4 horas a utilizar o telemóvel durante o dia, representando desta forma 31,67% da amostra. (Gráfico 6).

Gráfico 6 - Em média, quantas horas costumam utilizar o telemóvel durante o dia?



Os alunos utilizam o telemóvel para as mais variadas finalidades como por exemplo para falar com os amigos (98,3%), navegar nas redes sociais (93,3%), jogar (56,6%), ver notícias (23,3%) entre outros (6,6%) como “ver *netflix*”, “ir ao *classroom*” ou “tirar fotografias”.

Ainda referente às tecnologias digitais os alunos foram questionados se tinham computador, ao qual a quase totalidade dos alunos responderam “sim” (98,33%), à exceção de um aluno que referiu não possuir computador (1,67%) (Gráfico 7).

A maioria dos alunos teve pela primeira vez acesso a um computador quando tinha 10 anos, mas são-nos indicadas idades compreendidas entre os 0 e 13 anos, como se pode verificar no Gráfico 8:

Gráfico 7 - Tens computador?

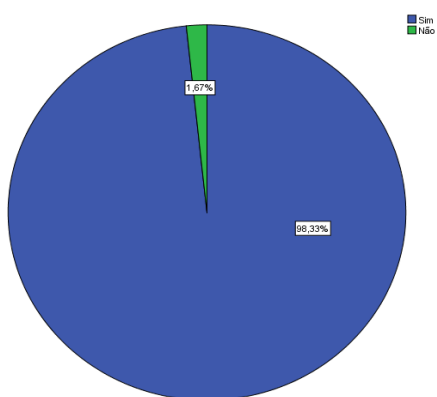
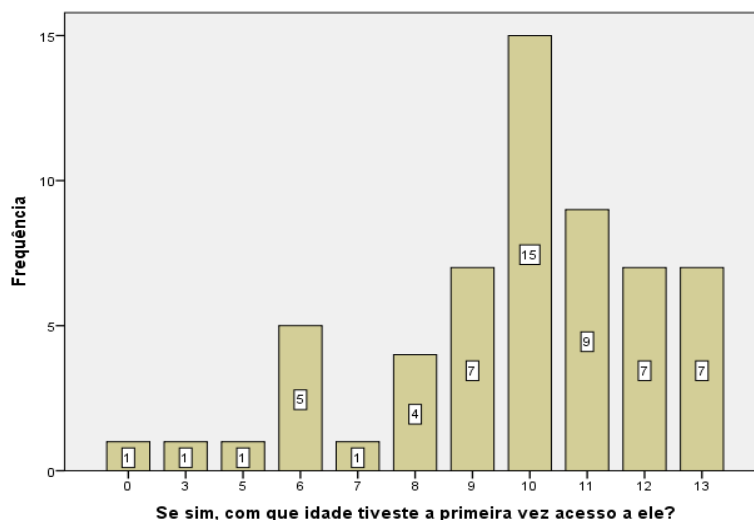
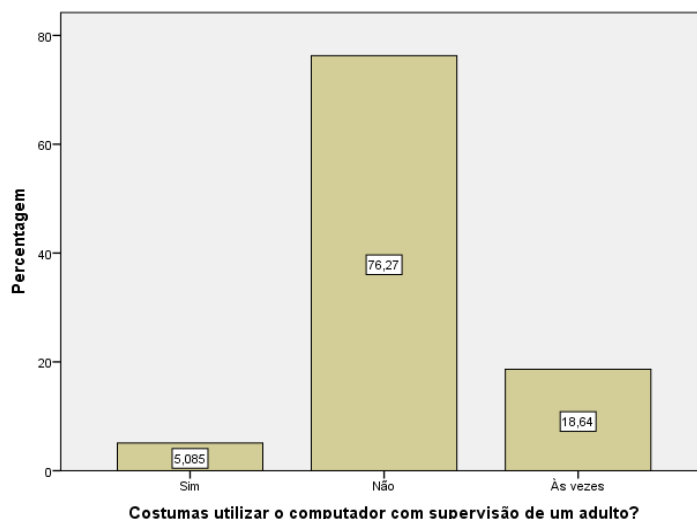


Gráfico 8 - Se sim, com que idade tiveste a primeira vez acesso a ele?



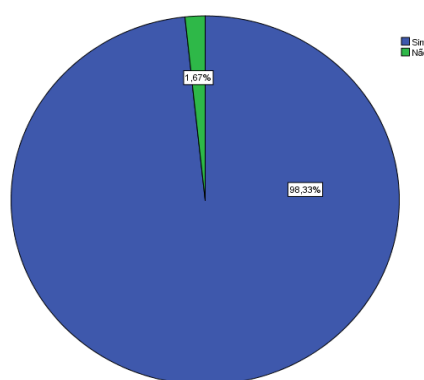
Neste sentido foi interrogado se no decorrer do manuseamento do computador algum adulto supervisionava este acesso, ao qual a maioria referiu que “Não” (76,27%), alguns referiram “Às vezes” (18,64%) e uma pequena minoria referiu que “Sim” (5,085%) (Gráfico 9).

Gráfico 9 - Costumas utilizar o computador com supervisão de um adulto?



Todos os alunos têm conta em alguma rede social à exceção de um dos alunos que referiu não ter qualquer conta (Gráfico 10).

Gráfico 10 - Tens conta em alguma rede social?



Os alunos estão registados em redes sociais como o *WhatsApp* (98,3%), *Instagram* (88,1%), *YouTube* (83%), *TikTok* (79,7%), *Snapchat* (66,1%), *Twitter* (46,47%), *Facebook* (42,4%), *Discord* (6,8%) e *Pinterest* (1,7%).

A maioria dos alunos que têm acesso às redes sociais refere fazer publicações mensalmente (33,9%), sendo que alguns dos alunos fazem várias publicações durante o dia (16,95%), outros diariamente (8,475%), semanalmente (8,475%), anualmente (27,12%) e outros não publicam nada (5,085%) (Gráfico 11).

Referente às redes sociais, 76,27% dos alunos referiu ter os seus perfis em modo privado e 23,73% em modo público (Gráfico 12).

Gráfico 11 - Com que frequência fazes publicações nas redes sociais?

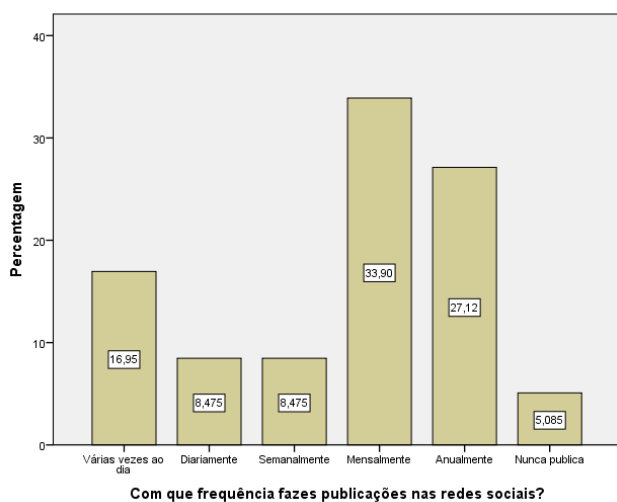
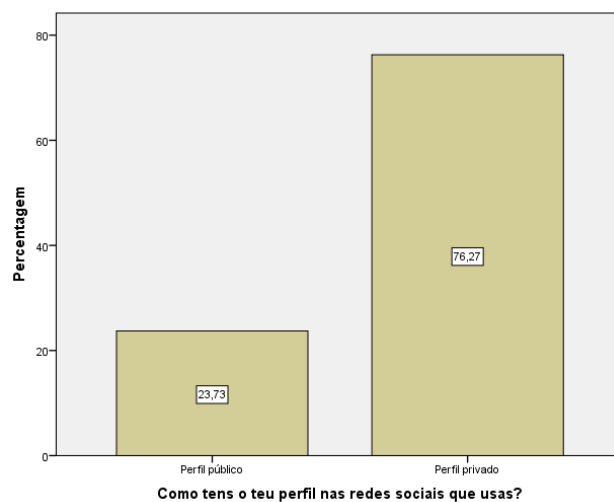
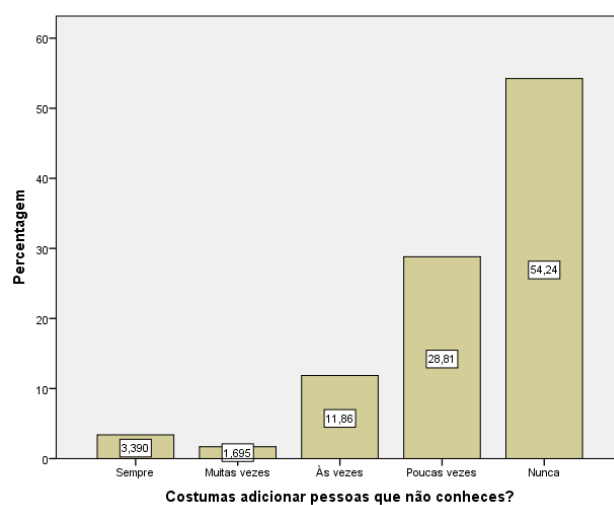


Gráfico 12 - Como tens o teu perfil nas redes sociais que usas?



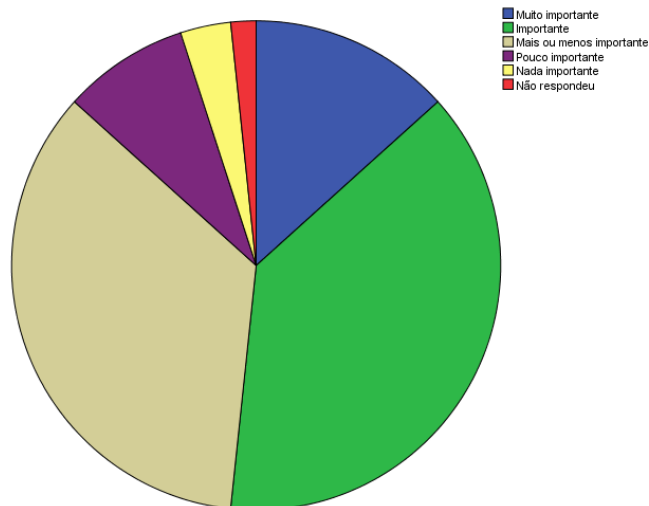
Alguns alunos indicaram que adicionam “sempre” desconhecidos nas redes sociais, sendo que a maioria (54,24%) referiu “nunca” o fazer (Gráfico 13).

Gráfico 13 - Costumas adicionar pessoas que não conheces?



Na opinião De 52,5% dos alunos é “muito importante” ou “importante” haver a supervisão dos pais quando os jovens estão nas redes sociais. No entanto, há alguns alunos (n = 28) a referir que é “mais ou menos importante”, “pouco importante” ou “nada importante” (Gráfico 14):

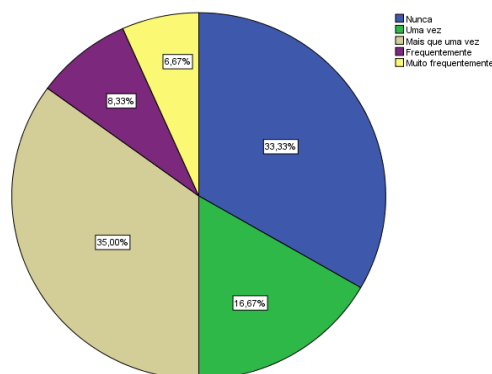
Gráfico 14 - Na tua opinião, qual o grau de importância de haver supervisão dos pais quando os jovens estão nas redes sociais?



No que concerne à dimensão do altruísmo foram apresentados alguns comportamentos de ajuda aos alunos, tendo os mesmos de referir a frequência com que têm as atitudes apresentadas. Segundo os dados recolhidos:

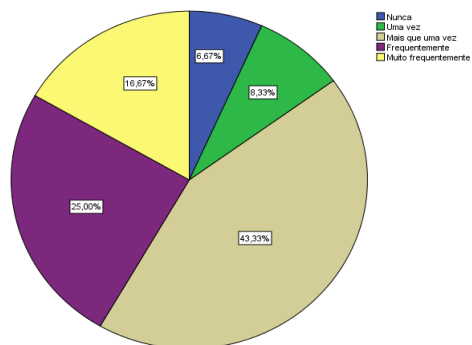
- ✓ 35% dos inquiridos já defendeu mais que uma vez um(a) amigo(a) que estava a ser gozado(a) na internet, sem a intenção de receber algo em troca apesar de 33,33% nunca o ter feito (Gráfico 15):

Gráfico 15 - Defendi um(a) amigo(a) que estava a ser gozado(a) na internet, sem a intenção de receber algo em troca



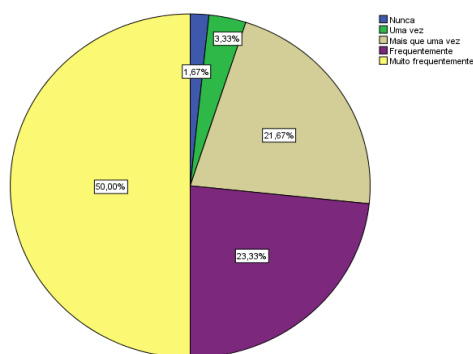
- ✓ 43,33% dos alunos já ofereceu mais que uma vez ajuda a um(a) colega que tinha dificuldades com o uso das tecnologias digitais (Gráfico 16):

Gráfico 16 - Ofereci ajuda a um(a) colega que tinha dificuldades com o uso das tecnologias digitais



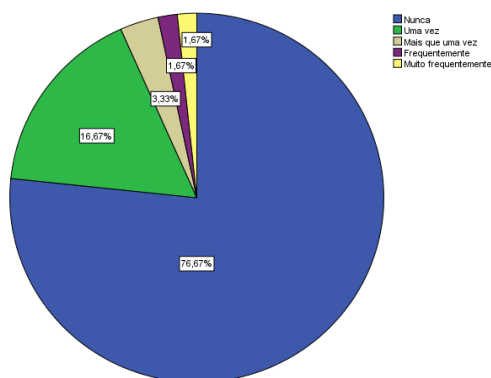
- ✓ 50% da amostra referiu que muito frequentemente ajuda alguém da família que tem dificuldades com o uso das tecnologias digitais (Gráfico 17):

Gráfico 17 - Ajudei alguém da minha família que estava com dificuldades com o uso das tecnologias digitais



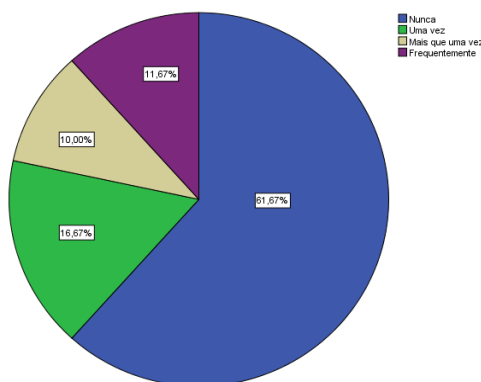
- ✓ 76,67% dos inquiridos indicou que quando oferece ajuda nunca tem a intenção de receber alguma coisa em troca pelo seu esforço apesar de alguns alunos referirem que já o ter feito (Gráfico 18):

Gráfico 18 - Quando ofereço a minha ajuda para alguma coisa tenho intenção de receber alguma coisa em troca pelo meu esforço



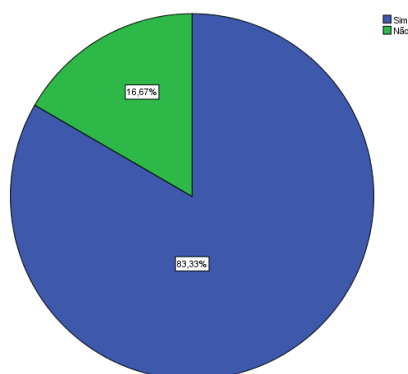
- ✓ Por fim, 61,7% dos alunos referiu que nunca ofereceu ajuda a um desconhecido que estava com dificuldades com o uso das tecnologias digitais, apenas 38,4% já o fez (Gráfico 19):

Gráfico 19 - Ofereci ajuda a um desconhecido que estava com dificuldades com o uso das tecnologias digitais



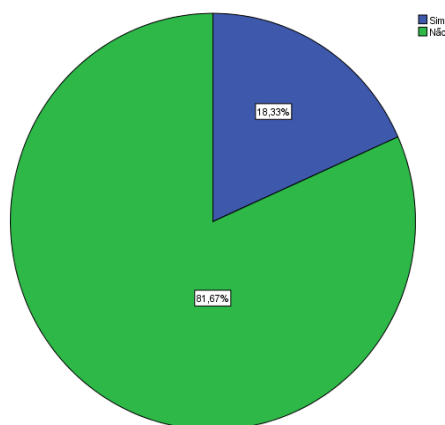
Na opinião da maioria dos inquiridos (83,33%), as TIC contribuem para desenvolver comportamentos altruístas (Gráfico 20), tendo em conta que “permitem aceder de uma forma mais direta e rápida a informações sobre problemas sociais e pessoais que ocorrem no mundo” (71,15%), “permitem estabelecer ligações com amigos e conhecer pessoas novas” (38,46%), “pode ajudar a prestar auxílio a alguém ou alguma instituição (por exemplo, donativos)” (42,31%), “permitem criar de uma forma mais eficaz redes de apoio, a nível global” (40,38%) e ainda “porque pode-se aprender a ter cuidado com as redes sociais” (1,923%).

Gráfico 20 - Na tua opinião as TIC contribuem para desenvolver comportamentos de ajuda e bem-estar do outro?



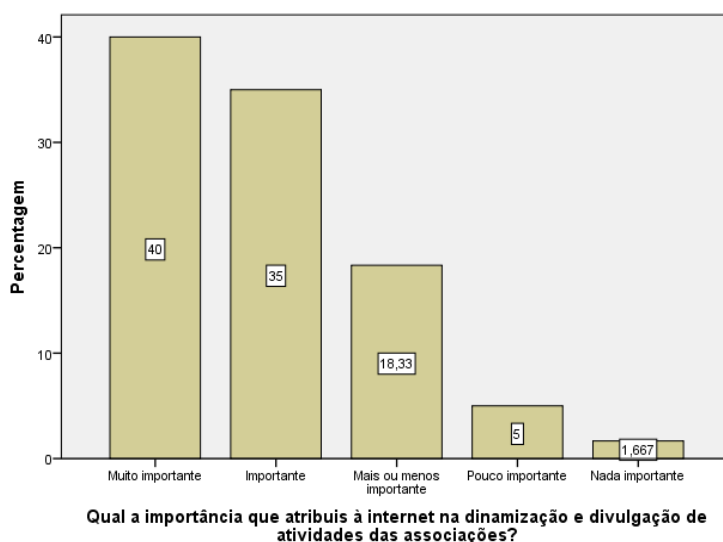
No que diz respeito à dimensão da intervenção cívica, a maioria dos alunos não pertence a nenhuma associação (81,67%), sendo que apenas 18,33% integra alguma associação (Gráfico 21). As associações a que os jovens estão afetos são de diferentes áreas como a música, futebol, ginástica, natação, entre outras.

Gráfico 21 - Pertences a alguma associação?



Para estes jovens a internet é um meio “muito importante” na dinamização e divulgação de atividades das associações (Gráfico 22):

Gráfico 22 - Qual a importância que atribuis à internet na dinamização e divulgação de atividades das associações?



A maioria dos alunos não tem qualquer interesse pela política (56,7%) (Gráfico 23), no entanto têm consciência que é importante votar (91,7%) (Gráfico 24) e estar bem informado sobre a política do nosso país (95%) (Gráfico 25).

Gráfico 23 - Tens algum interesse pela política?

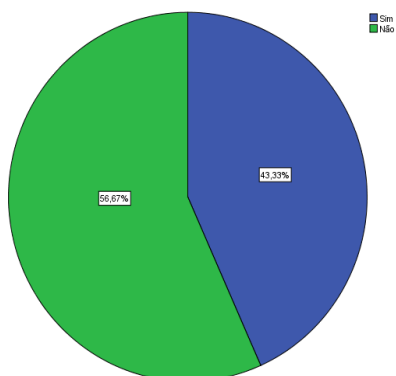


Gráfico 24 - Achas importante que todos os cidadãos maiores de 18 anos votem nas eleições?

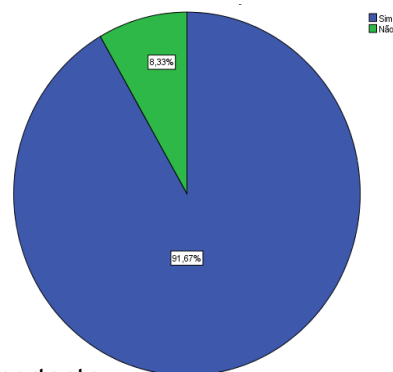
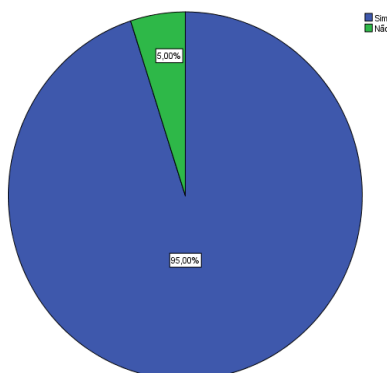


Gráfico 25 - Consideras importante estar bem informado sobre a política do nosso país?



Apenas três alunos (5%) utilizam as TIC para participar em fóruns políticos ou grupos de discussão *online* (Gráfico 26) e outros três alunos (5%) acreditam que as redes sociais não facilitam a criação de movimentos de jovens assim como a organização de redes de solidariedade ou de luta por causas sociais justas (Gráfico 27).

Gráfico 26 - Costumas utilizar as TIC para participar em fóruns políticos ou grupos de discussão online?

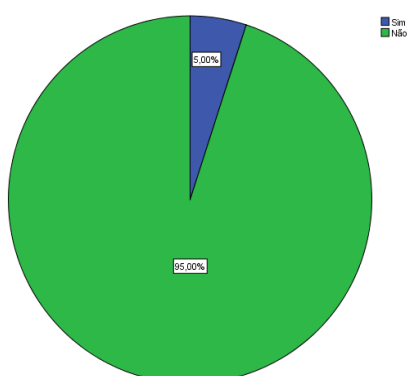
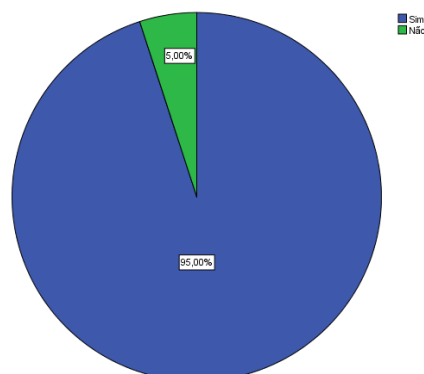
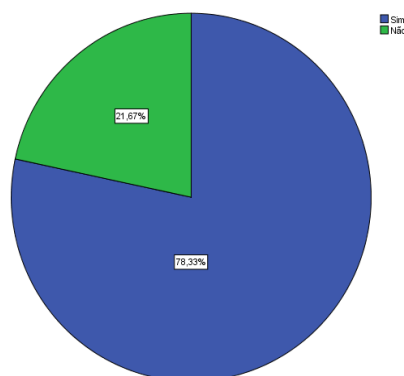


Gráfico 27 - Achas que as redes sociais facilitam a criação de movimentos de jovens assim como organização de redes de solidariedade ou luta por causas sociais justas?



Os alunos foram também questionados se consideravam que as redes sociais potenciam a mobilização dos jovens para a participação cívica e política, ao qual 78,33% dos alunos referiu que “sim” (Gráfico 28).

Gráfico 28 - Consideras que as redes sociais potenciam a mobilização dos jovens para a participação cívica e política?



Referente ao afastamento afetivo-familiar os inquiridos indicaram que os pais “Às vezes” (41,67%) estão no telemóvel ou no computador em vez de estarem a dar-lhes atenção, sendo que apenas 8,33% referiu que isso “Nunca” aconteceu (Gráfico 29).

A maioria dos inquiridos costuma falar sobre o seu dia com a família apesar de 18,33% referir que isso “Nunca” ou “Raramente” acontece (Gráfico 30).

Gráfico 29 - Com que frequência os teus pais estão no telemóvel ou no computador em vez de estarem a dar-te atenção?

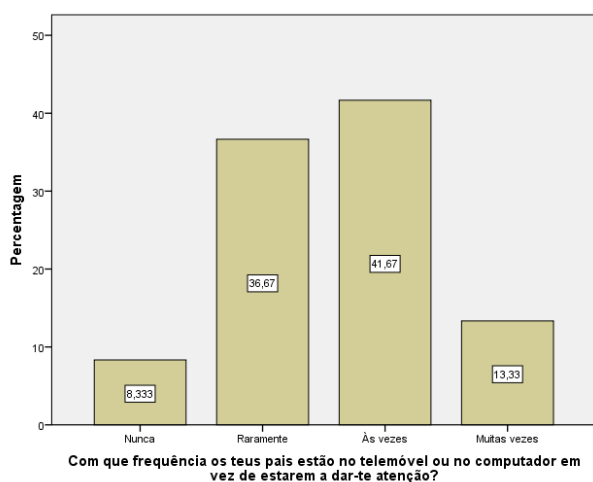
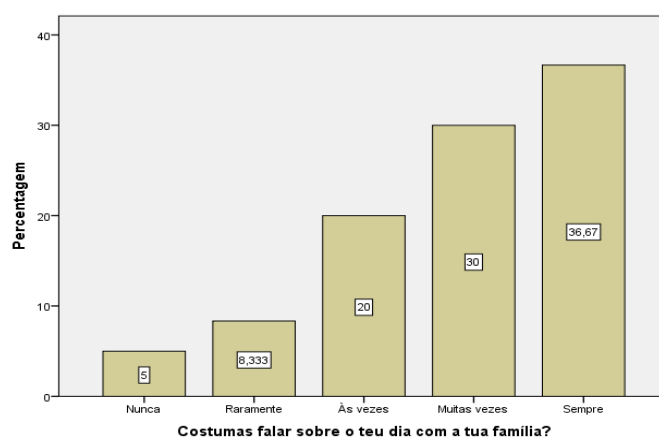
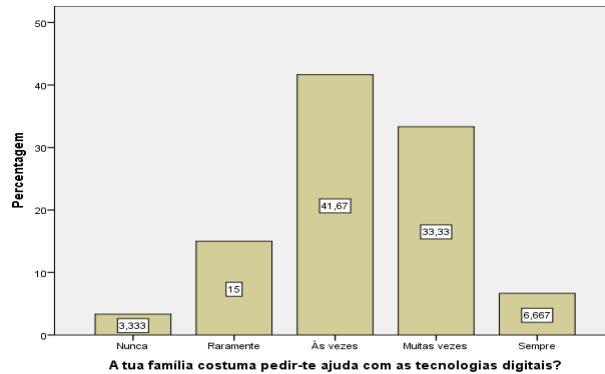


Gráfico 30 - Costumas falar sobre o teu dia com a tua família?



Como demonstra o Gráfico 31, é muito habitual a família pedir ajuda com o manuseamento das tecnologias digitais aos inquiridos.

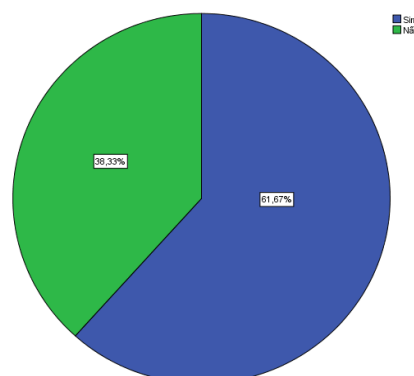
Gráfico 31 - A tua família costuma pedir-te ajuda com as tecnologias digitais?



Relativamente à problemática do *cyberbullying*, tentou-se averiguar se os alunos tinham conhecimento de algumas situações vivenciadas por algum dos seus colegas ou até mesmo pelos próprios, assim como se houve denúncia das situações e se as mesmas se resolveram. Segundo os dados recolhidos:

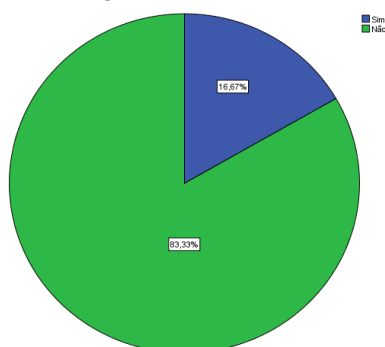
- 61,67% dos alunos referiu ter colegas que foram alvo de ameaças, humilhações ou difamação através de vídeos, mensagens ou piadas na internet (Gráfico 32);

Gráfico 32 - Ameaças, humilhações ou difamação através de vídeos, mensagens ou piadas



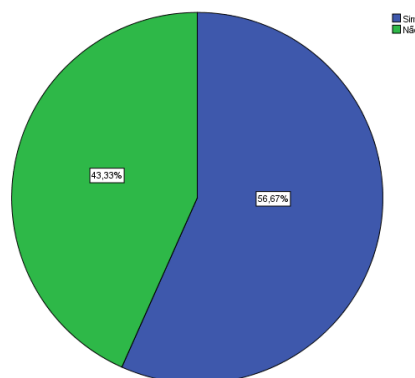
- 16,67% dos inquiridos indicou que já sofreram chantagem através do *chat* ou por *email* (Gráfico 33);

Gráfico 33 - Chantagem através do chat ou por email



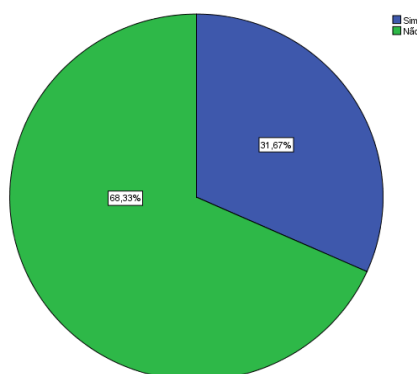
- 56,67% dos alunos referiu que tem colegas a quem já roubaram o perfil nas redes sociais (Gráfico 34);

Gráfico 34 - Roubaram-lhe o perfil nas redes sociais (alguém se fez passar pelos teus amigos)



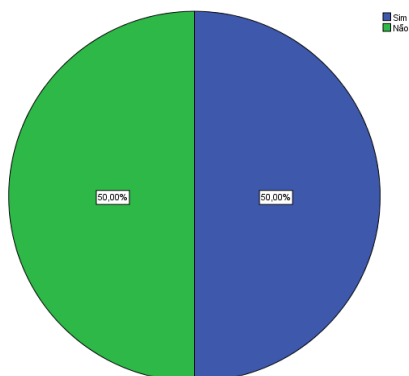
- 31,67% dos inquiridos indicaram que têm colegas a quem já lhes roubaram dados nas redes sociais (Gráfico 35);

Gráfico 35 - Roubaram-lhe dados nas redes sociais (usaram fotografias ou outros dados dos teus amigos sem a sua autorização)



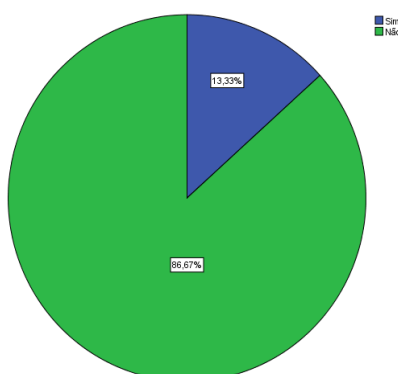
- 50% dos alunos tem colegas que já receberam mensagens impróprias ou violentas (Gráfico 36);

Gráfico 36 - Enviaram-lhe mensagens (texto, imagens ou vídeos) impróprias ou violentas



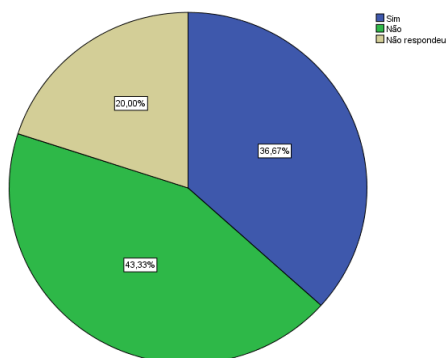
- 13,3% dos inquiridos tem colegas que já se encontraram ou marcaram encontros pessoalmente com desconhecidos na internet (Gráfico 37).

Gráfico 37 - Encontraram-se ou marcaram encontros pessoalmente com alguém que conheceram na internet



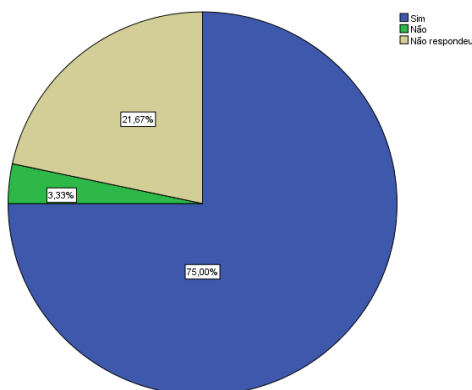
Seguidamente, os alunos foram questionados se perante as situações que eles tiveram conhecimento se denunciaram as mesmas e apenas 36,67% denunciaram e 43,33% não denunciaram (Gráfico 38). Os alunos que denunciaram fizeram-no a familiares, à aplicação onde ocorreu a situação ou a amigos próximos.

Gráfico 38 - Se respondeste "sim" a alguma das alíneas anteriores, denunciaste o que aconteceu?



De entre as situações apresentadas, 75% destas resolveram-se enquanto que 3,33% permaneceram (Gráfico 39).

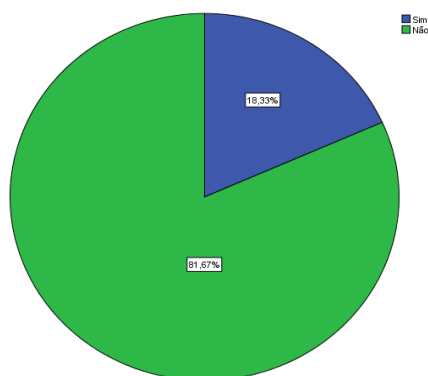
Gráfico 39 - A situação resolveu-se?



As alíneas apresentadas para os colegas foram transpostas para o inquirido, com o objetivo de saber se o inquirido já tinha sido alvo de alguma das situações apresentadas. Segundo os dados recebidos:

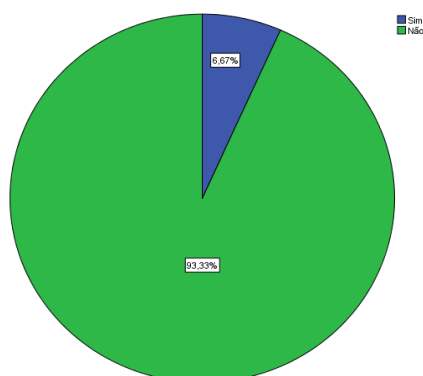
- 18,33% dos alunos já sofreu ameaças, humilhações ou difamação através de vídeos, mensagens ou piadas na internet (Gráfico 40);

Gráfico 40 - Ameaças, humilhações através de vídeos, mensagens ou piadas



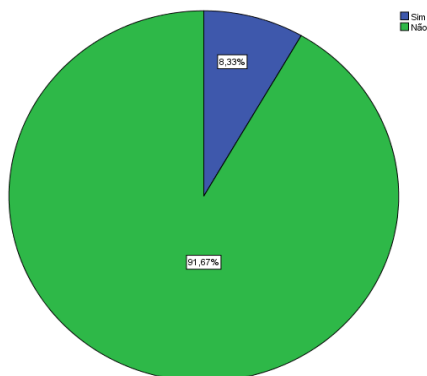
- 6,67% dos inquiridos foi alvo de chantagem através do *chat* ou por *email* (Gráfico 41);

Gráfico 41 - Fizeram chantagem comigo através do chat ou por email



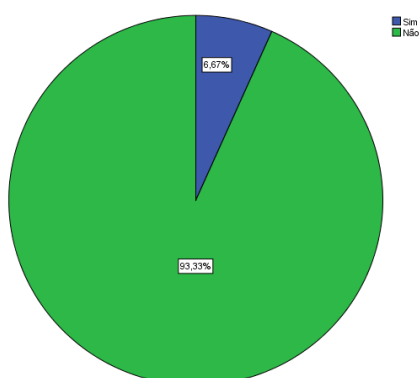
- 8,33% dos alunos referiu que já lhe roubaram o perfil nas redes sociais (Gráfico 42);

Gráfico 42 - Roubaram-me o perfil nas redes sociais (alguém se fez passar por mim)



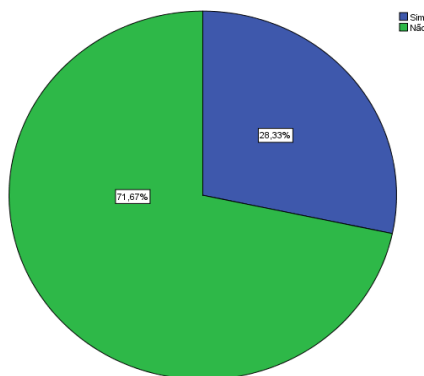
- 6,67% dos inquiridos referiram que já lhe roubaram dados nas redes sociais (Gráfico 43);

Gráfico 43 - Roubaram-me dados nas redes sociais (usaram fotografias ou outros dados meus sem a minha autorização)



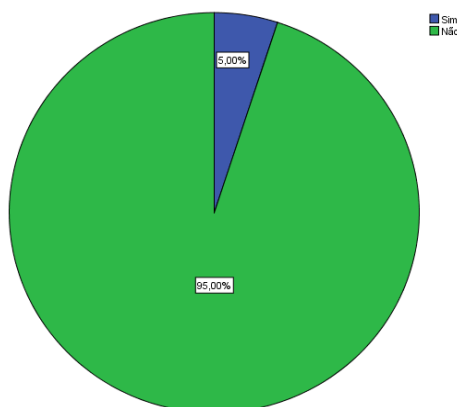
- 28,33% dos alunos já receberam mensagens impróprias ou violentas (Gráfico 44);

Gráfico 44 - Enviaram-me mensagens (texto, imagens ou vídeos) impróprias ou violentas



- 5% dos inquiridos já se encontraram ou marcaram encontros com desconhecidos na *internet* (Gráfico 45).

Gráfico 45 - Encontrei-me ou marquei encontros pessoalmente com alguém que conheci na internet



Tendo em conta a situação pandémica que o país tem vindo a atravessar, considerou-se importante compreender qual a visão dos alunos relativamente às tecnologias digitais neste período atípico. A maioria dos alunos (91,7%) referiram que durante o confinamento, devido à Covid-19, usou mais as tecnologias digitais do que usava anteriormente (Gráfico 46).

A maior parte dos inquiridos (70%) concordou que as tecnologias digitais facilitaram as suas aprendizagens escolares durante este período apesar de 13,33% dos alunos referir “Não concordo” ou “Discordo totalmente” (Gráfico 47).

Gráfico 46 - Durante o confinamento, devido à Covid-19, usaste mais as tecnologias digitais do que usavas anteriormente?

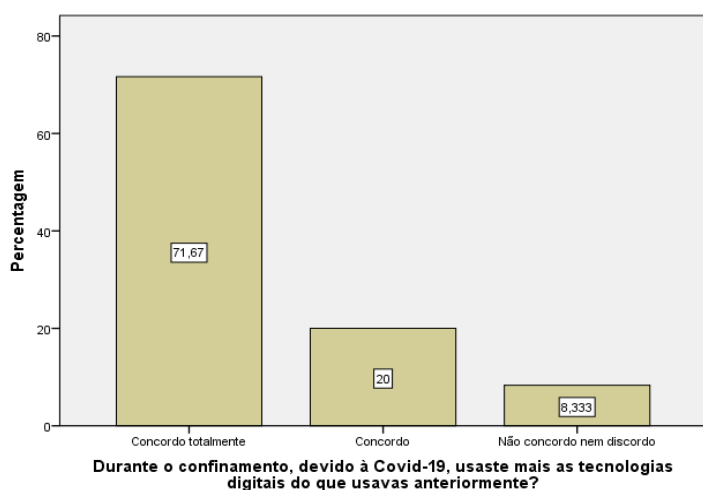
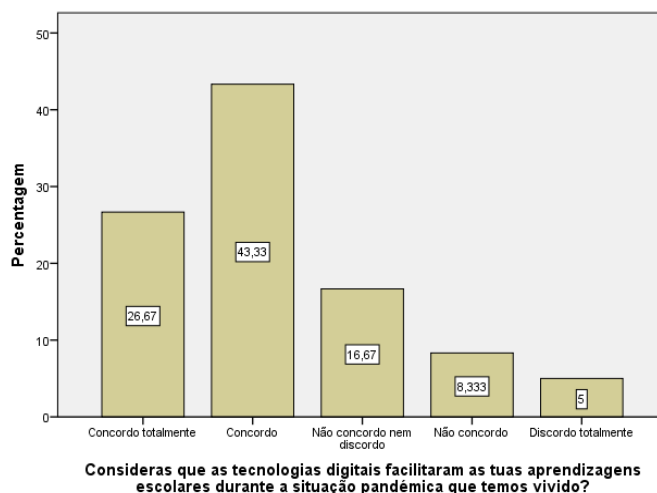


Gráfico 47 - Consideras que as tecnologias digitais facilitaram as tuas aprendizagens escolares durante a situação pandémica que temos vivido?



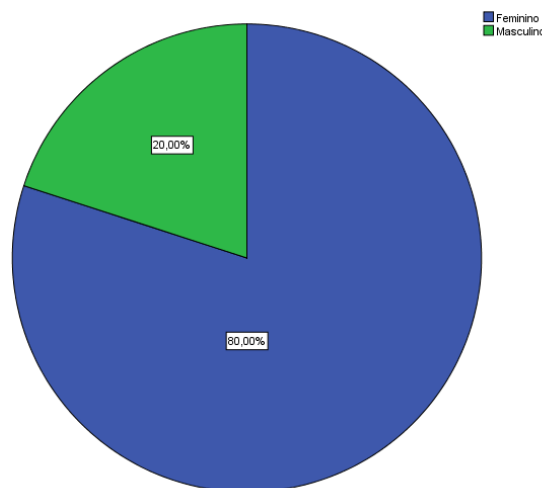
Por fim, a última questão do inquérito aplicado aos alunos solicitava aos mesmos que, de forma sucinta, descrevessem qual a importância que as tecnologias digitais têm para estes. A transcrição das frases apresentadas pelos inquiridos encontra-se em Apêndice (Apêndice K).

1.2. Inquéritos por questionário aos Encarregados de Educação

No que diz respeito à caracterização sociodemográfica dos Encarregados de Educação podemos verificar que da amostra composta por 60 indivíduos faz parte indivíduos com idades compreendidas entre os 32 e 57 anos de idade. A média das idades dos Encarregados de Educação é de 45,05 anos e a mediana é igual a 45 anos.

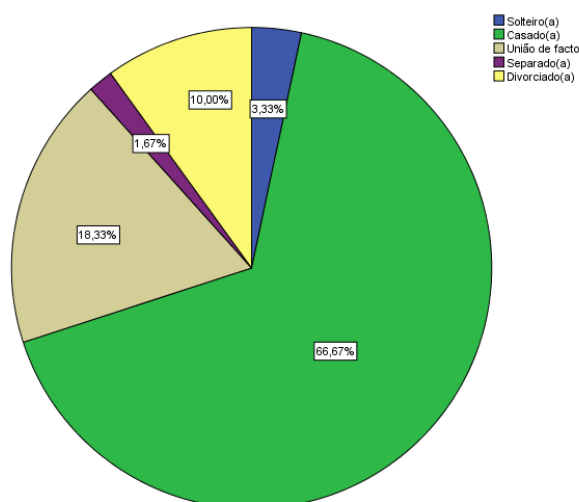
A maioria dos inquiridos são do sexo feminino representando uma frequência relativa de 80% (n=48) e 20% (n=12) são do sexo masculino (Gráfico 48).

Gráfico 48 - Sexo dos Encarregados de Educação



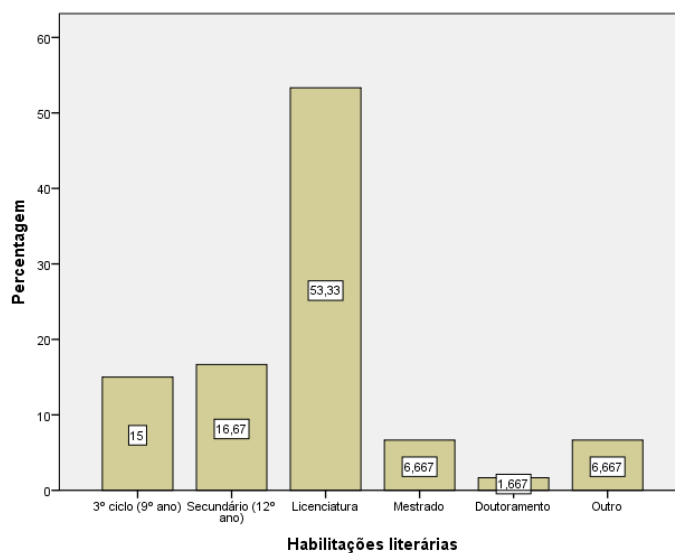
Relativamente ao estado civil dos Encarregados de Educação, a sua maioria são casados, representando 66,67% da amostra, como se pode observar no Gráfico 49.

Gráfico 49 - Estado civil dos Encarregados de Educação



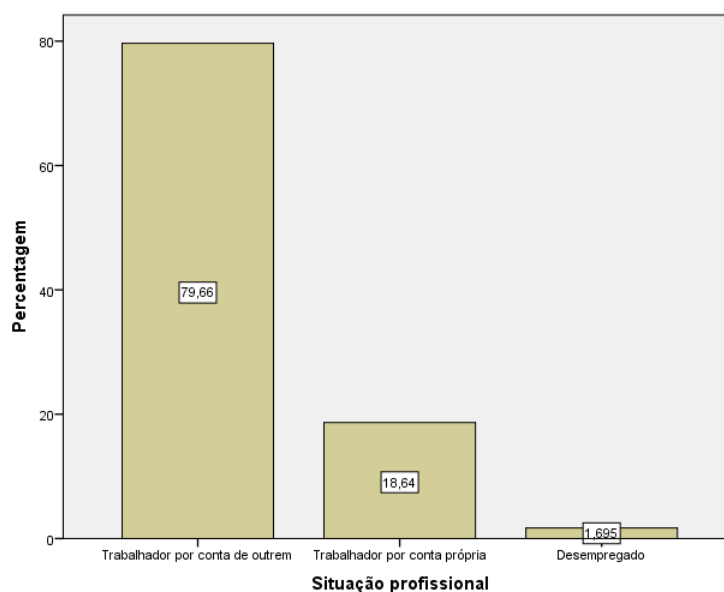
No que diz respeito às habilitações literárias dos inquiridos os mesmos possuem na sua maioria o grau académico de licenciado (53,33%), existindo alguns Encarregados de Educação que possuem o grau de Mestre ou até mesmo Doutoramento (Gráfico 50).

Gráfico 20 - Habilitações literárias dos Encarregados de Educação



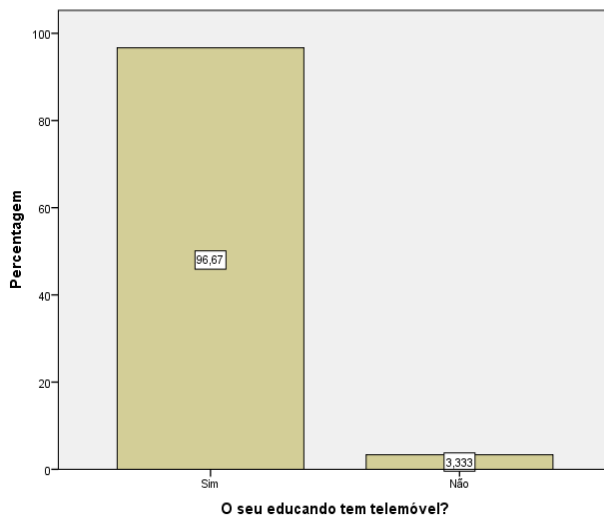
No que concerne à situação profissional dos Encarregados de Educação a maioria encontra-se a trabalhar por conta de outrem (79,66 %), existindo alguns inquiridos a trabalhar por conta própria (18,64%) ou encontrando-se desempregados (1,685%) (Gráfico 51).

Gráfico 51 - Situação profissional dos Encarregados de Educação



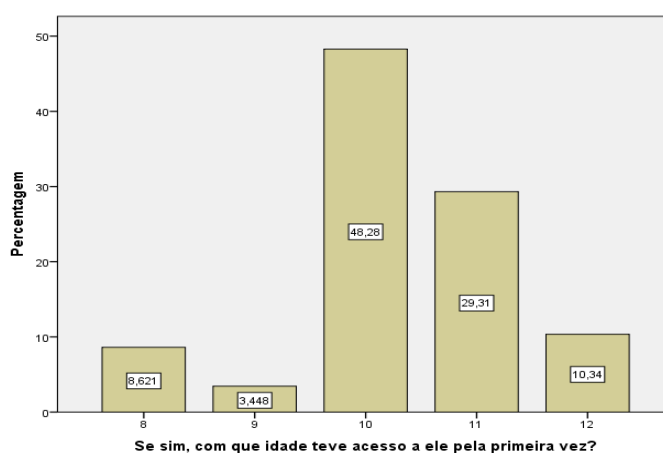
Relativamente ao acesso às tecnologias digitais, os Encarregados de Educação foram questionados se os seus educandos possuíam telemóvel ao qual 96,67% referiram que sim (Gráfico 52).

Gráfico 52 - O seu educando tem telemóvel?



De seguida foi questionado com que idade os seus educandos começaram a ter acesso a um telemóvel sendo que as respostas rondaram entre os 8 e 12 anos de idade. A média de idades apresentada foi de 10,29 anos. Havendo ainda um inquirido que não respondeu. Como podemos observar no Gráfico 53, os 10 anos de idade verificaram-se como o ano de maior incidência:

Gráfico 53 - Se sim, com que idade teve acesso a ele pela primeira vez?



A maioria dos Encarregados de Educação referiu que o seu educando passa entre 2 a 4 horas a utilizar o telemóvel durante o dia, representando desta forma 43,10% da amostra (Gráfico 54).

Houve 98,33% dos inquiridos que referiram saber a finalidade que o seu educando tinha em usar o telemóvel (Gráfico 55).

Gráfico 54 - Em média, quantas horas o seu educando costuma utilizar o telemóvel durante o dia?

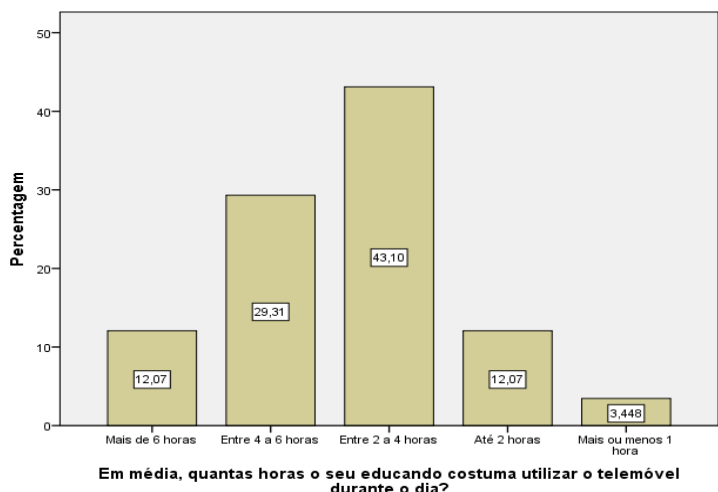
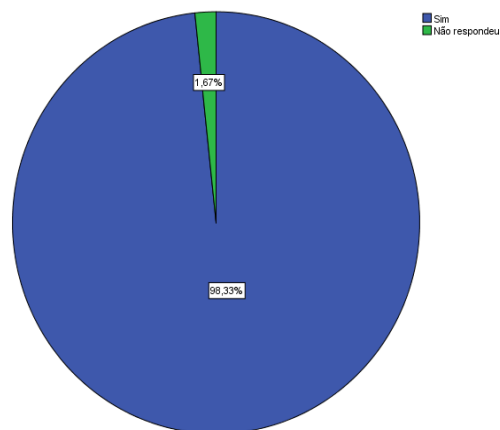


Gráfico 55 - Tem conhecimento de qual a finalidade do seu filho em usar o telemóvel?



Os alunos utilizam o telemóvel para as mais variadas finalidades como por exemplo para falar com os amigos (98,3%), navegar nas redes sociais (93,3%), jogar (56,6%), ver notícias (23,3%), entre outros como entrar em contacto com os pais ou ver vídeos (6,67%).

Ainda referente às tecnologias digitais os Encarregados de Educação foram questionados se os seus educandos tinham computador, ao qual todos responderam “sim” (96,67%), à exceção de um inquirido que referiu que o seu educando não possui computador (3,333%) (Gráfico 56).

Segundo os Encarregados de Educação, a maioria dos alunos teve pela primeira vez acesso a um computador quando tinha 10 anos, mas são-nos indicadas idades compreendidas entre os 2 e 14 anos, como se pode verificar no Gráfico 57:

Gráfico 56 - O seu educando tem computador?

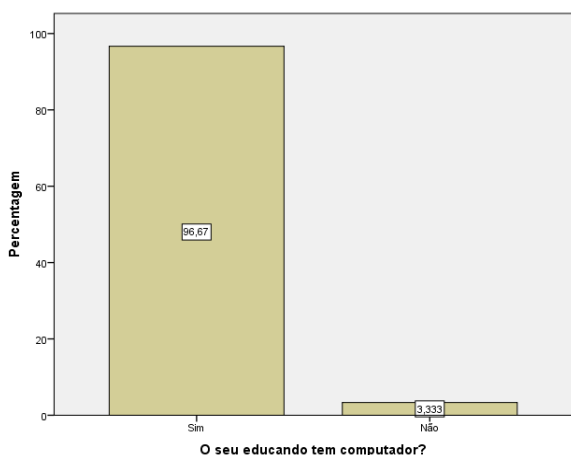
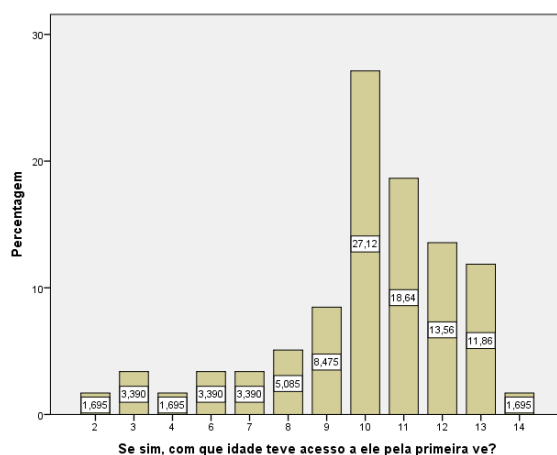
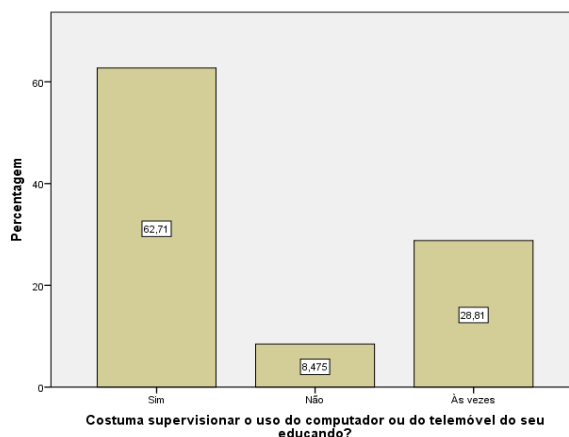


Gráfico 57 - Se sim, com que idade teve acesso a ele pela primeira vez?



Neste sentido foram interrogados se no decorrer do manuseamento do computador supervisionavam este acesso, ao qual a maioria referiu que “Sim” (62,71%), alguns referiram “Às vezes” (28,81%) e uma pequena minoria referiu que “Não” (8,475%) (Gráfico 58).

Gráfico 58 - Costuma supervisionar o uso do computador ou telemóvel do seu educando?



Os Encarregados de Educação referem que todos os seus educandos têm conta em alguma rede social à exceção de um dos alunos que não tem conta em nenhuma rede social (Gráfico 59). Segundo os inquiridos, os alunos estão registados em redes sociais como o *WhatsApp* (91,67%), *Instagram* (88,33%), *YouTube* (56,67%), *TikTok* (63,33%), *Snapchat* (51,67%), *Facebook* (38,33%), *Twitter* (36,67%), *Discord* e *Pinterest* (5%).

Referente às redes sociais, 88,14% dos inquiridos referiu que os seus educandos têm os seus perfis em modo privado e 11,86% em modo público (Gráfico 60).

Gráfico 59 - O seu educando tem conta em alguma rede social?

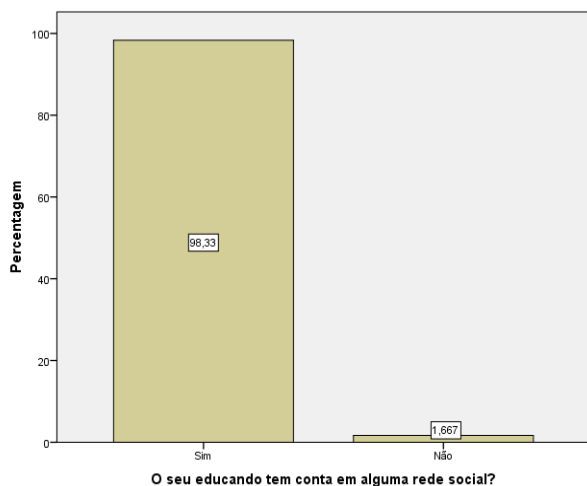
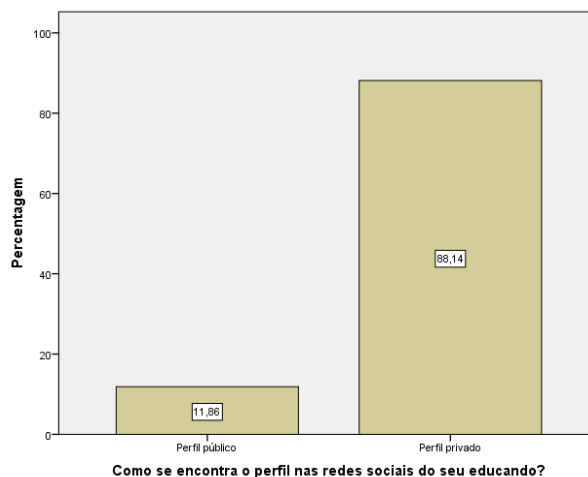
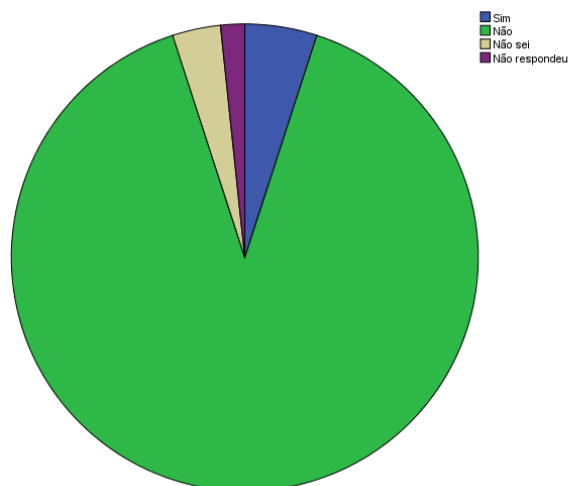


Gráfico 60 - Como se encontra o perfil nas redes sociais do seu educando?



A grande maioria dos Encarregados de Educação referiram que os seus educandos não adicionam desconhecidos nas redes sociais, à exceção de dois inquiridos que referiram que “Sim” e um outro “Não sei” (Gráfico 61).

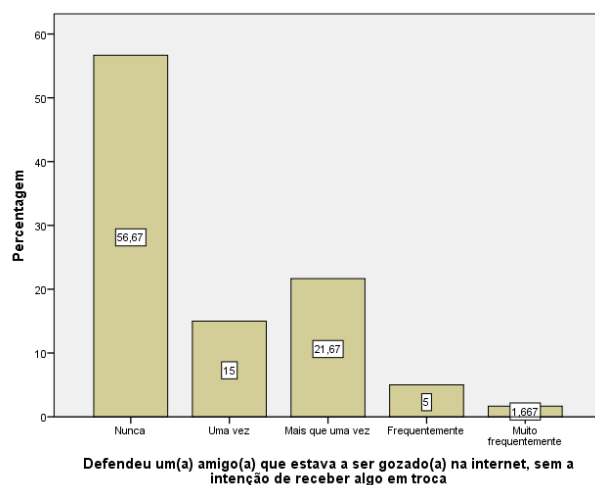
Gráfico 61 - O seu educando adiciona pessoas que não conhece nas redes sociais?



No que concerne à dimensão do altruísmo foram apresentados alguns comportamentos de ajuda aos Encarregados de Educação, tendo os mesmos de referir a frequência com que os seus educandos têm as atitudes apresentadas. Segundo os dados recolhidos:

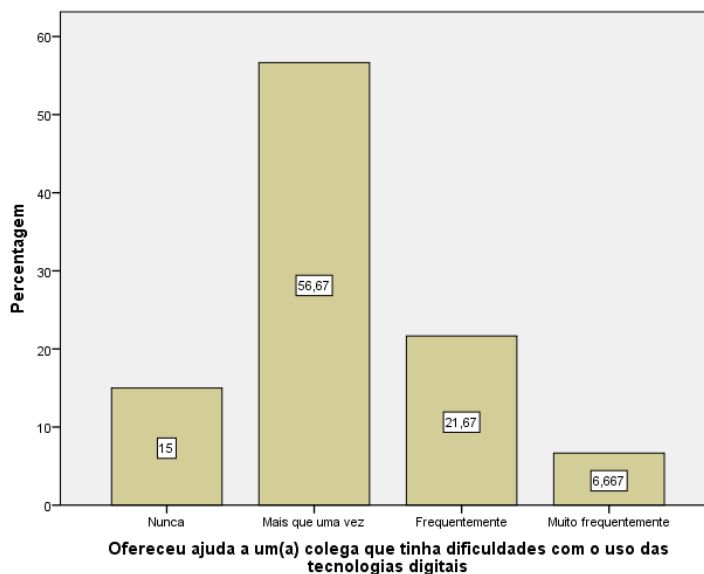
- ✓ 56,67% dos inquiridos referiu que os seus educandos nunca defenderam um(a) amigo(a) que estava a ser gozado(a) na internet, sem a intenção de receber algo em troca, no entanto, 21,67% já o fizeram “mais que uma vez” (Gráfico 62):

Gráfico 62 - Defendeu um(a) amigo(a) que estava a ser gozado(a) na internet, sem a intenção de receber algo em troca



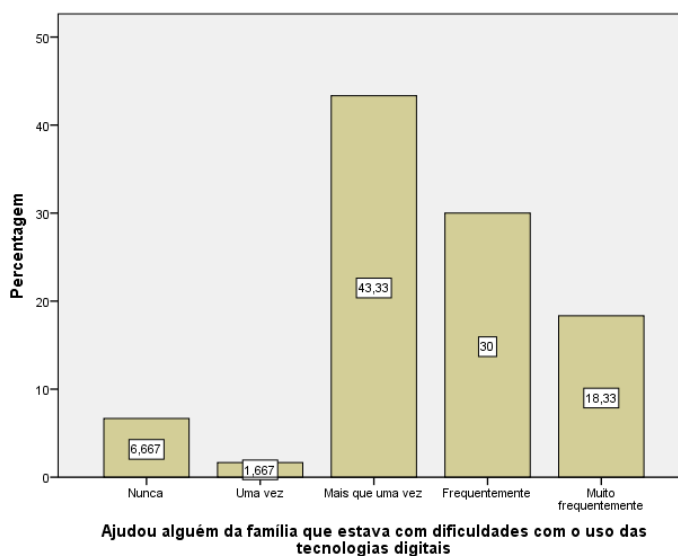
- ✓ 56,67% dos Encarregados de Educação referiu que os seus educandos já ofereceram mais que uma vez ajuda a um(a) colega que tinha dificuldades com o uso das tecnologias digitais (Gráfico 63):

Gráfico 63 - Ofereceu ajuda a um(a) colega que tinha dificuldades com o uso das tecnologias digitais



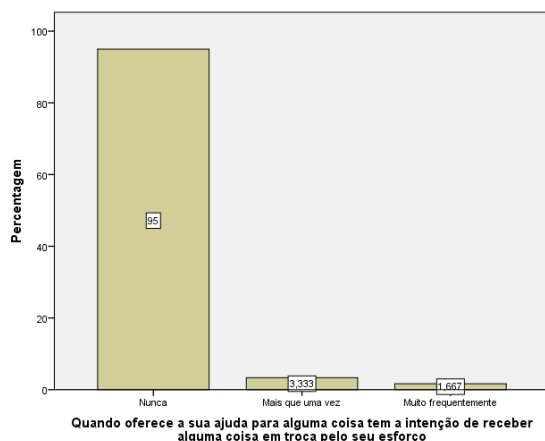
- ✓ 43,33% da amostra referiu que os seus educandos ajudam “mais que uma vez” alguém da família que tem dificuldades com o uso das tecnologias digitais e 30% realizam-no “frequentemente” (Gráfico 64):

Gráfico 64 - Ajudou alguém da família que estava com dificuldades com o uso das tecnologias digitais



- ✓ Por fim, 95% dos inquiridos indicou que os seus educandos quando oferecem ajuda para alguma coisa nunca têm a intenção de receber alguma coisa em troca pelo seu esforço apesar de 3,333% referirem que já aconteceu mais que uma vez (Gráfico 65):

Gráfico 65 - Quando oferece a sua ajuda para alguma coisa tem a intenção de receber alguma coisa em troca pelo seu esforço



No que concerne à dimensão do altruísmo, 76,67% dos inquiridos consideram os seus educandos como indivíduos altruístas (Gráfico 66).

Na opinião da maioria dos inquiridos (58,33%), as TIC contribuem para desenvolver comportamentos altruístas (Gráfico 67), tendo em conta que “permitem aceder de uma forma mais direta e rápida a informações sobre problemas sociais e pessoais que ocorrem no mundo” (48,3%), “permitem estabelecer ligações com amigos e conhecer pessoas novas” (21,7%), “pode ajudar a prestar auxílio a alguém ou alguma instituição (por exemplo, donativos)” (26,7%) e ainda “permitem criar de uma forma mais eficaz redes de apoio, a nível global” (18,3%).

Gráfico 66 - Considera o seu educando uma pessoa altruísta?

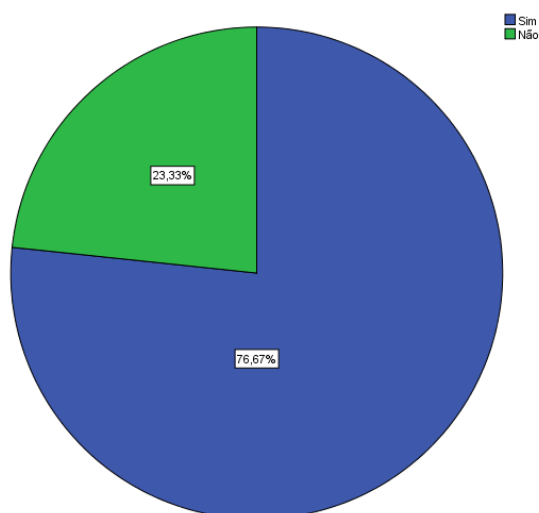
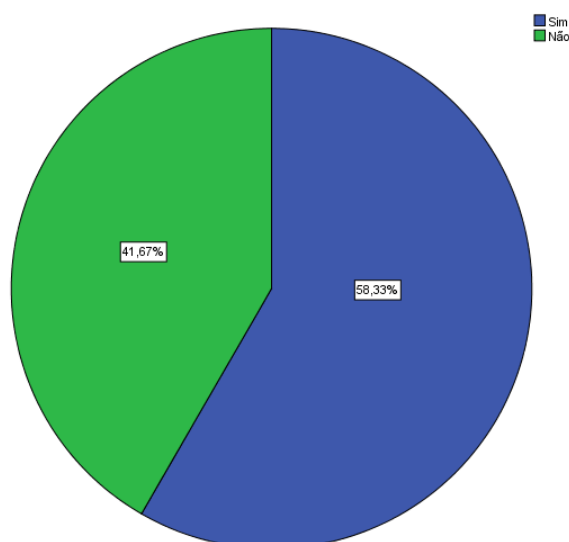
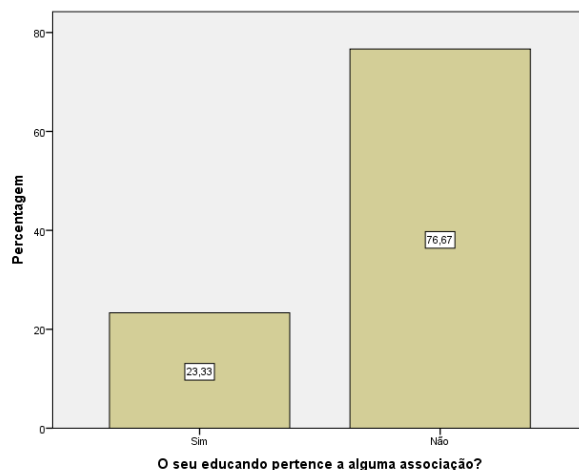


Gráfico 67 - Na sua opinião as TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) contribuem para desenvolver comportamentos altruístas?



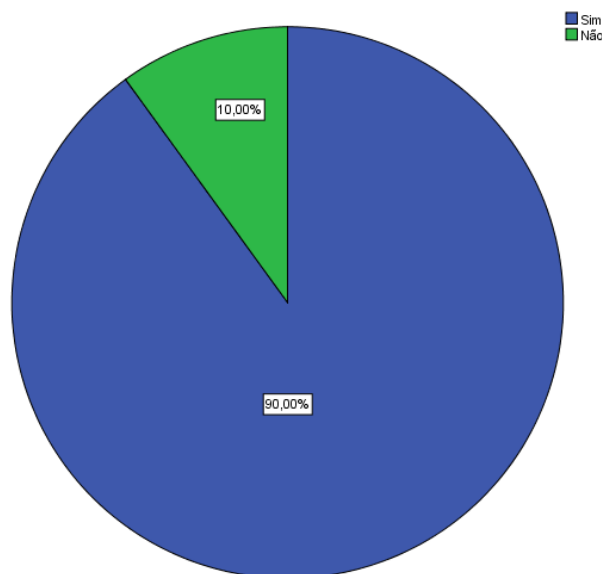
No que diz respeito à dimensão da intervenção cívica, a maioria dos alunos não pertence a nenhuma associação (76,67%), sendo que apenas 23,33% integra alguma associação (Gráfico 68). Tal como os alunos referiram nos seus inquéritos, as associações a que os jovens estão afetos são de diferentes áreas como a música, futebol, ginástica, natação, entre outras.

Gráfico 68 - O seu educando pertence a alguma associação?



Apenas 10% dos inquiridos acreditam que as redes sociais não facilitam a criação de movimentos de jovens assim como a organização de redes de solidariedade ou de luta por causas sociais justas (Gráfico 69).

Gráfico 69 - Considera que as redes sociais facilitam a criação de movimentos de jovens assim como a organização de redes de solidariedade ou luta por causas sociais justas?



Referente ao afastamento afetivo-familiar os inquiridos indicaram que os seus educandos “Às vezes” (56,67%) estão no telemóvel ou no computador em vez de estarem com a família, sendo que apenas 21,67% referiu que isso “raramente” acontece (Gráfico 70).

A maioria dos inquiridos costuma fazer perguntas sobre como foi o dia do seu educando, sendo que 3,333% referiu que isso “raramente” acontece (Gráfico 71).

Gráfico 70 - Com que frequência o seu educando está no telemóvel ou no computador em vez de estar com a família?

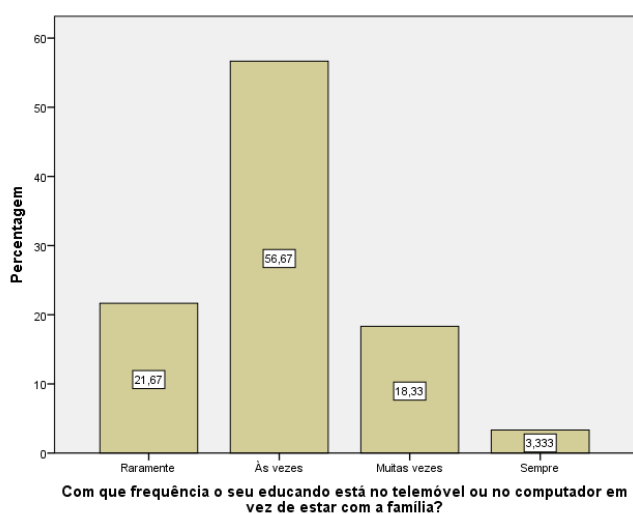
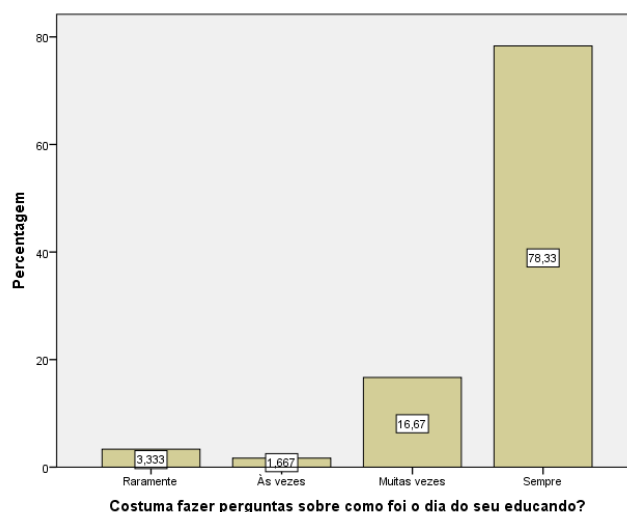
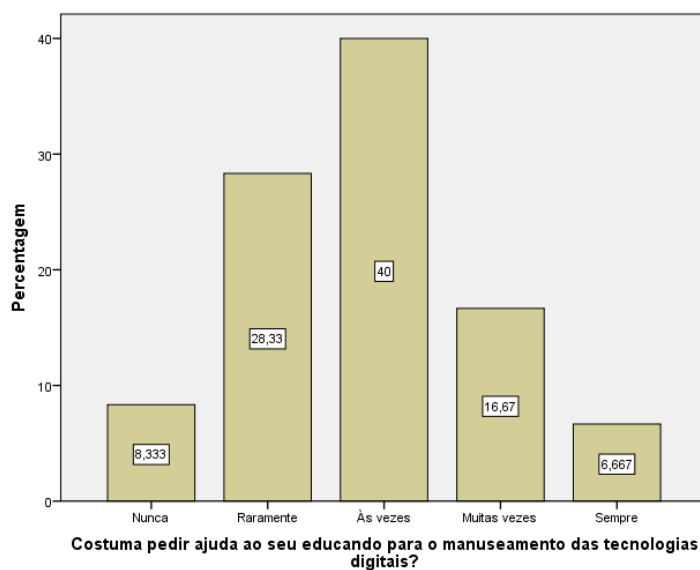


Gráfico 71 - Costuma fazer perguntas sobre como foi o dia do seu educando?



Como demonstra o Gráfico 72, por vezes a família costuma pedir ajuda com o manuseamento das tecnologias digitais aos seus educandos.

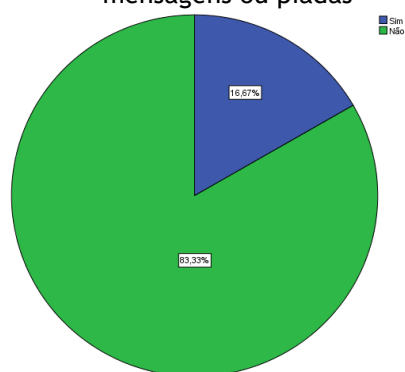
Gráfico 72 - Costuma pedir ajuda ao seu educando para o manuseamento das tecnologias digitais?



Relativamente à problemática do *cyberbullying*, tentou-se averiguar se os Encarregados de Educação tinham conhecimento se os seus educandos tinham sido alvo de algumas situações. Segundo os dados recolhidos:

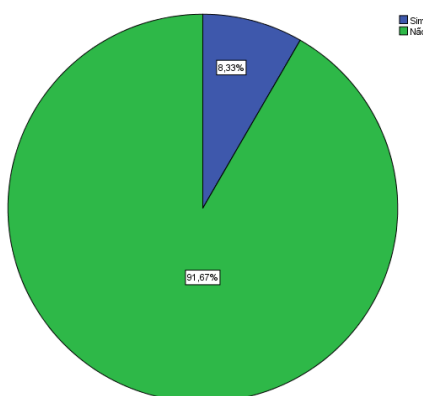
- 16,67% dos educandos já foram alvo de ameaças, humilhações ou difamação através de vídeos, mensagens ou piadas na internet (Gráfico 73);

Gráfico 73 - Ameaças, humilhações ou difamação através de vídeos, mensagens ou piadas



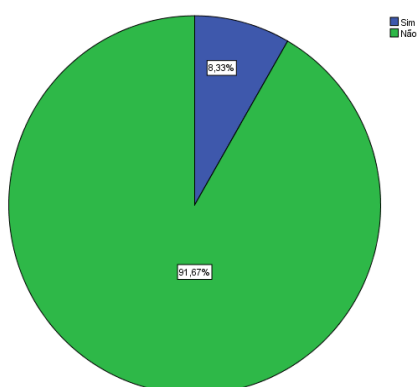
- 8,33% dos educandos já sofreram chantagem através do *chat* ou por *email* (Gráfico 74);

Gráfico 74 - Chantagem através do chat ou por email



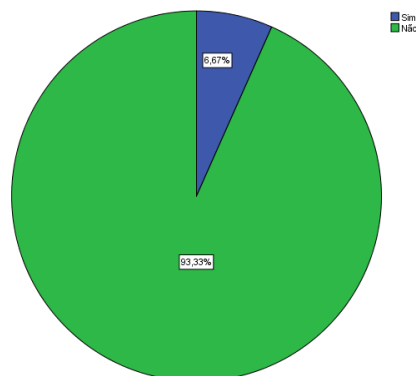
- 8,33% dos educandos já foram alvo de roubo no perfil nas redes sociais (Gráfico 75);

Gráfico 75 - Roubaram-lhe o perfil nas redes sociais



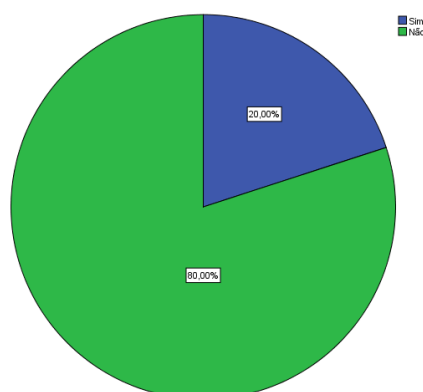
- 6,67% dos inquiridos indicaram que já roubaram dados nas redes sociais aos seus educandos (Gráfico 76);

Gráfico 76 - Roubaram-lhe dados nas redes sociais (usaram fotografias ou outros dados dos teus amigos sem a sua autorização)



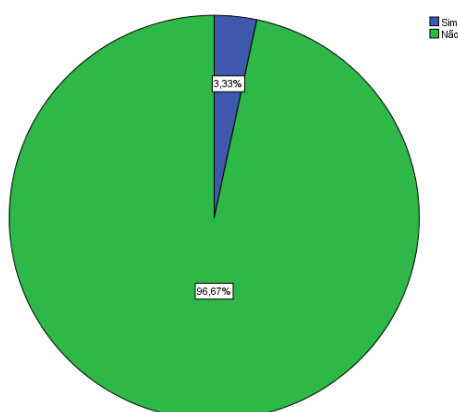
- 20% dos Encarregados de Educação referiu que os seus educandos já receberam mensagens impróprias ou violentas (Gráfico77);

Gráfico 77 - Enviaram-lhe mensagens (texto, imagens ou vídeos) impróprias ou violentas



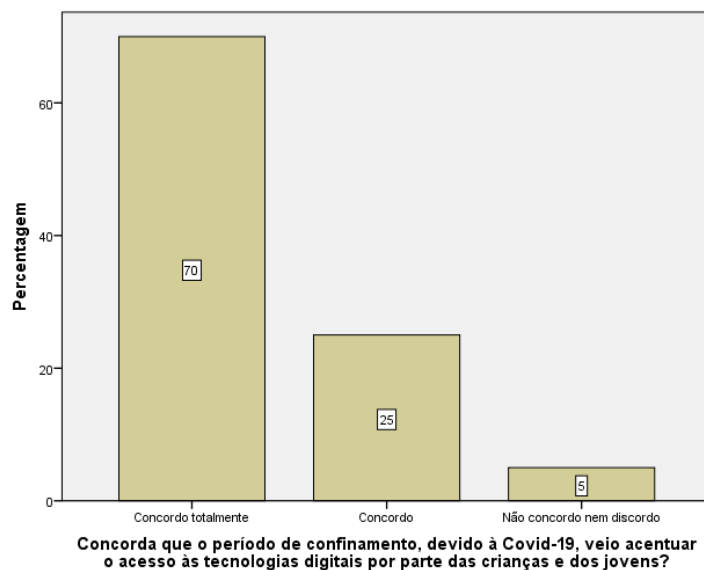
- 3,33% dos inquiridos referiu tem conhecimento do facto do seu educando se encontrar ou ter marcado encontros pessoalmente com desconhecidos na internet (Gráfico 78).

Gráfico 78 - Encontraram-se ou marcaram encontros pessoalmente com alguém que conheceram na internet



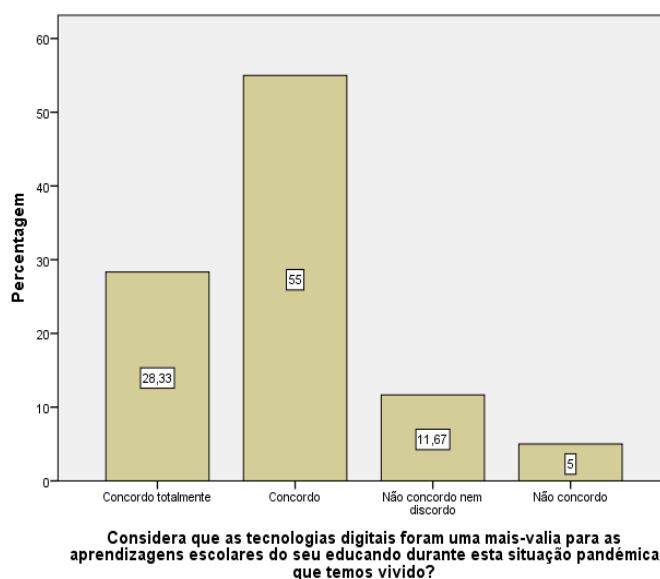
Tendo em conta a situação pandémica que o país tem vindo a atravessar, considerou-se importante compreender também qual a visão dos Encarregados de Educação relativamente às tecnologias digitais neste período atípico. Uma significativa maioria dos Encarregados de Educação (95%) referiram que durante o confinamento, devido à Covid-19, usou mais as tecnologias digitais do que usava anteriormente (Gráfico 79).

Gráfico 79 - Concorda que o período de confinamento, devido à Covid-19, veio acentuar o acesso às tecnologias digitais por parte das crianças e dos jovens?



Por fim, a maior parte dos inquiridos (55%) concordou que as tecnologias digitais facilitaram as suas aprendizagens escolares durante este período apesar de 5% dos Encarregados de Educação referir “Não concordo” (Gráfico 80).

Gráfico 80 - Considera que as tecnologias digitais foram uma mais-valia para as aprendizagens escolares do seu educando durante esta situação pandémica que temos vivido?



2. Entrevistas semiestruturadas

Findadas as entrevistas aos Diretores de Turma e à Presidente da Associação de Pais procedeu-se à transcrição e análise de conteúdo, uma técnica de investigação que permite descrever sistemática e objetivamente o conteúdo dos dados recolhidos.

Esta análise de conteúdo permitiu selecionar a informação considerada mais pertinente, mediante a análise das entrevistas realizadas.

2.1. Entrevistas aos Diretores de Turma

As entrevistas realizadas aos diretores de turma tiveram como objetivo compreender qual a visão que estes têm acerca da problemática em questão a fim de se comparar, posteriormente, as visões de todos os participantes envolvidos no estudo.

As entrevistas foram divididas em oito blocos temáticos: contextualização do estudo e da realização da entrevista, perfil dos sujeitos da amostra, caracterização das famílias dos sujeitos da amostra e das suas dinâmicas relacionais e comunicativas, as tecnologias digitais e os jovens, a dimensão do altruísmo associada às tecnologias digitais, intervenção cívica e as tecnologias digitais, *cyberbullying* e ainda o ensino à distância e o papel das TIC (Apêndice G).

Em relação ao primeiro bloco temático, cujos objetivos eram contextualizar o estudo, obter o consentimento informado dos entrevistados assim como fazer uma breve caracterização dos mesmos pode referir-se que os entrevistados exercem a sua profissão entre 23 e 26 anos, tendo duas professoras o grau de licenciadas e uma outra a graduação de mestre. A formação das entrevistadas foi feita em locais distintos, nomeadamente Instituto Superior Técnico em Lisboa (E1), Universidade de Aveiro (E2) e Faculdade de Letras em Coimbra (E3).

A segunda temática pretendia caracterizar os sujeitos da amostra e neste âmbito as entrevistadas referiram que, no geral, são alunos com aproveitamento apesar de serem “alunos com facilidade” (E1), são “faladores” (E2), “cumpridores de horários e (...) assíduos” (E3) e que as principais dificuldades apresentadas pelos alunos são de cariz económico. Neste âmbito uma das diretoras de turma referiu ainda que tem “vários alunos que os pais estão separados e vivem só com a mãe ou só com o pai. E claro que isso se reflete depois no comportamento que têm na sala de aula e conseqüentemente nos resultados escolares” (E2).

Referente à caracterização das famílias dos sujeitos da amostra e das suas dinâmicas relacionais e comunicativas as Diretoras de Turma identificam as famílias como “pouco participativas, só aparecem a escola quando lhes é pedido e ligamos vezes sem conta e nem o telefone nos atendem” (E2), “umas são preocupadas e participativas, já outras nem sequer aparecem às reuniões” (E3). Uma das professoras refere até que da experiência profissional que detém o que conclui é que “normalmente os pais dos meninos que têm boas notas são muito participativos em tudo o que tem a ver com a

escola; já os pais daqueles alunos que dão assim mais problemas são os que nunca aparecem à escola” (E3). No que diz respeito à comunicação diária entre os jovens e os pais, as entrevistadas consideram que não há comunicação suficiente no seio familiar, as diretoras de turma referem que os alunos relatam nas aulas que “quando chegam a casa é os pais agarrados ao telemóvel, eles a ver televisão e falar entre si só mesmo o essencial” (E2) e que “muitos dos pais nem sabem o que os filhos fazem durante o dia” (E3).

Relativamente a este bloco temático as entrevistadas foram ainda questionadas se consideravam que as tecnologias digitais vieram influenciar a comunicação familiar ao qual uma das Diretoras de Turma referiu “não sei bem o que lhe responder” e as outras duas professoras referiram que sim, acrescentado que “as tecnologias vieram revolucionar tudo, desde o contexto familiar como escolar, laboral” (E2). Uma das professoras especificou o seu caso pessoal dizendo que “isto de tecnologia a mais acaba por gerar discussões em casa (...) antigamente o tempo em casa era passado em família, não havia telemóveis nem computadores como há hoje. Hoje se for preciso o meu filho está no quarto e liga para mim que estou na sala, só para não se levantar da cama” (E3).

O quarto bloco temático era referente às tecnologias digitais e os jovens, onde se pretendia contabilizar se todos os alunos têm igual acesso às tecnologias, analisar o grau de dependência que os alunos possuem em relação às tecnologias e ainda compreender se a forma como o sexo feminino e masculino interagem com as tecnologias digitais evidencia diferenças. As entrevistadas referiram que todos os alunos têm telemóvel e que os alunos que não tinham computador “a escola cedeu-lhe(s) um” (E2). O uso das tecnologias digitais por parte destes alunos é “sistemático” (E1), “constante” (E2) e que “até durante as aulas, que eles sabem que é proibido, é preciso estar sempre a avisar que não podem mexer no telemóvel” (E3). No que concerne à forma como o sexo feminino e masculino interagem com as tecnologias as Diretoras de Turma referem “não faço ideia, mas penso que deve ser igual para os dois géneros” (E1), “nunca tinha pensado nisso, mas penso que deve ser mais ou menos igual” (E2) e “deve ser equilibrado” (E3). Sendo que uma das professoras acrescentou que “talvez as raparigas usem mais o telemóvel para ir ao *Facebook*, *Instagram* e essas redes sociais e os rapazes mais para jogar” (E3).

O quinto bloco de questões tinha como objetivo identificar o papel das tecnologias digitais no desenvolvimento social dos jovens no que diz respeito à dimensão do “altruísmo” e avaliar o grau de altruísmo que os alunos da amostra possuem e ainda a possível ligação com as tecnologias digitais. A opinião das Diretoras de Turma foi unânime em referir que os seus alunos “não são altruístas” (E1, E2 e E3), acrescentando que são ainda “muito infantis, egoístas, às vezes só pensam neles próprios” (E2) talvez devido à “sua imaturidade” (E3). As entrevistadas concordaram também que as TIC contribuem para desenvolver comportamentos de ajuda dando exemplos como “quando alguns colegas faltavam, ajudavam com os trabalhos de casa” (E1) ou o facto

de os alunos ficarem “mais impressionados com algumas histórias que aparecem na internet e sensibilizados para ajudar” (E3).

No que diz respeito à dimensão da intervenção cívica associada às tecnologias digitais pretendia-se identificar o papel das mesmas associadas a esta dimensão. Observou-se através do relato das professoras que nas três turmas existem alunos pertencentes a associações de diferentes cariz como desportivo ou musical. Duas Diretoras de Turma (E2 e E3) referiram que consideram que as redes sociais facilitam a criação de movimentos de jovens assim como a organização de redes de solidariedade ou de lutas por causas justas enquanto uma outra professora referiu “mais ou menos” (E1).

Referente à temática do *cyberbullying* tinha-se como principal objetivo sondar as Diretoras de Turma se têm conhecimento de situações de violência virtual. Pode aferir-se que todas as professoras entrevistadas tinham conhecimento de alguma situação de *cyberbullying* alertando que “os alunos, muitas vezes, não denunciam estas situações a ninguém, deixam andar, esperando que se resolvam sozinhas” (E3). As denúncias realizadas às professoras ocorreram por parte de “um encarregado de educação [que] veio à escola tratar de um assunto e em conversa relatou a situação” (E1) e também por parte de colegas ou amigos das vítimas (E2 e E3). Uma das Diretoras de Turma acrescentou ainda o seu modo de atuação ao deparar-se com a denúncia de uma situação: “falei com a miúda e resolvemos tudo pelo melhor, em parceria com os pais e a psicóloga da escola” (E2).

Por fim, foi abordada a temática do ensino à distância e o papel das TIC, onde se procurou investigar a eficácia das TIC na aprendizagem dos alunos em tempo de pandemia. Na opinião das Diretoras de Turma o ensino à distância “não substitui o ensino presencial” (E1) no entanto foi a “única maneira de os miúdos continuarem a ter aulas” (E3), “tendo em conta as circunstâncias em que estávamos” (E2). Tendo em conta as afirmações das entrevistadas, foi solicitado de seguida que apontassem os aspetos positivos e negativos desta modalidade de ensino. Como aspetos positivos foi indicado “o facto de os alunos não poderem vir à escola e continuarem a ter aulas” (E1) “mesmo com muitos obstáculos” (E2) tentando os professores fazer o melhor que estava ao seu alcance (E3). Os pontos negativos apontados foram a falta de “internet adequada” (E1), “falta de concentração” (E2) por parte dos alunos, a impossibilidade de “interagir presencialmente com os alunos, nem eles com os colegas” (E3) e ainda a “inexistência, muitas vezes, de um ambiente familiar estável que facilite a aprendizagem” (E3).

2.2. Entrevista à Presidente da Associação de Pais

No que diz respeito à estrutura da entrevista realizada à Presidente da Associação de Pais foi idêntica à das entrevistas realizadas aos diretores de turma, sendo apenas eliminado o bloco temático que era referente ao perfil dos sujeitos da amostra pois não faria sentido a entrevistada caracterizar o perfil dos alunos em contexto escolar (Apêndice H).

Relativamente à caracterização da entrevistada pode referir-se que a mesma possui o grau de licenciada e é “técnica de serviços administrativos” (E4).

Referente à temática da caracterização das famílias dos sujeitos da amostra e das suas dinâmicas relacionais e comunicativas, a entrevistada como Presidente da Associação de Pais considera que “os pais a partir de determinados anos de escolaridade começam a ser bastantes desinteressados e pouco participativos no percurso dos seus filhos, talvez a partir do 7º ou 8º ano” (E4), que não há comunicação suficiente entre a família e os alunos justificando que “é sair do trabalho tarde e a más horas, chegar a casa, tratar do jantar e preparar as coisas para o dia seguinte (...) é claro que muitas vezes nem há tempo para se sentar e estar ali a dar atenção aos nossos filhos” (E4). Neste âmbito a entrevistada referiu ainda que considera que as TIC influenciam a comunicação familiar referindo que “nos dias de hoje, o pouco tempo que estamos em casa, em família, é passado frente à televisão ou ao telemóvel (...) devíamos aproveitar o nosso tempo com a nossa família, mas atualmente não o fazemos” (E4).

A terceira temática pretendia analisar o grau de dependência que os alunos possuem em relação às tecnologias digitais e para tal foi questionado à entrevistada se considerava que os alunos usam as tecnologias de modo constante ou moderado, ao qual a mesma respondeu sem hesitação “sem dúvida que é constantemente, sem qualquer moderação” (E4) acrescentando ainda que “eles (os alunos) acordam e adormecem com os telemóveis, passam o dia a mexer no telemóvel e quando chegam a casa deixam o telemóvel e agarram-se à *playstation* ou à televisão” (E4).

No que concerne à dimensão do altruísmo a entrevistada considera que “a maioria dos alunos não são altruístas” (E4) no entanto temos vindo a deparar-nos cada vez mais com miúdos altruístas. Referiu ainda que na sua opinião as TIC contribuem para desenvolver comportamentos de ajuda salvo “se forem utilizadas de forma correta” justificando a sua opinião no facto de “as tecnologias [poderem ser] (...) usadas para divulgar situações menos boas a que muitas vezes não conseguimos ficar indiferentes. Se não fossem as tecnologias muitas das histórias de pessoas com dificuldades nem se sabiam e não teríamos a oportunidade de ajudar ou teríamos mas seria mais complicado” (E4).

Relativamente à dimensão da intervenção cívica a entrevistada refere que as redes sociais vieram facilitar a criação de movimentos de jovens assim como a organização de redes de solidariedade ou de luta por causas justas acrescentando que “com isto do *Facebook* podemos organizar angariações de fundos para causas ou associações relativamente a todo o mundo (...), por exemplo, desde há uns anos no *Facebook*

quando alguém faz anos pode escolher uma associação e quem contribuir monetariamente esse valor reverte para a associação que a pessoa escolheu. E os miúdos até já organizam manifestações e protestos na internet” (E4).

No que diz respeito ao *cyberbullying* a entrevistada referiu que é um tema que não passa por ela e, portanto, não tinha nada a referir.

Por último, referente à temática do ensino à distância foi considerado pertinente investigar a eficácia das TIC na aprendizagem dos alunos em tempo de pandemia na opinião da Presidente da Associação de Pais. Neste sentido foi questionada se considerava proveitosa a modalidade de ensino à distância ao qual referiu que “foi proveitoso em parte” (E4) acrescentando que “foi bom porque os miúdos não deixaram de ter aulas mas isto de ter aulas em casa foi muito complicado” (E4), apontando como aspetos positivos “o facto de não terem parado as aulas” (E4) e como negativos “os horários (...), a falta da concentração dos miúdos frente ao computador, entre outros” (E4).

3. Discussão dos resultados obtidos

3.1. Triangulação de dados

Para dar maior credibilidade e validade ao estudo recorre-se à triangulação de toda a informação recolhida uma vez que permite compreender de uma forma mais objetiva o fenómeno em estudo.

Após a descrição exaustiva dos resultados, considera-se pertinente realizar a ponte entre os resultados obtidos junto dos alunos que participaram no estudo e a opinião dos Encarregados de Educação, Diretores de Turma e Presidente da Associação de Pais, não esquecendo a respetiva revisão de literatura apresentada.

Desta forma, analisou-se, primeiramente, os dados recolhidos através dos vários instrumentos de recolha de dados, nomeadamente os inquéritos por questionário e as entrevistas, e, seguidamente triangularam-se todos os dados obtidos, a fim de responder aos objetivos que se definiram inicialmente acerca da temática em estudo.

Neste seguimento, no que diz respeito à caracterização da amostra da presente investigação podemos referir que estamos perante alunos, no geral, com aproveitamento escolar, apesar de serem “muito faladores” (E2), são “cumpridores de horários e são assíduos” (E3).

Em relação às tecnologias digitais, de acordo com os dados recolhidos, todos os alunos têm telemóvel e apenas um aluno (1,67%; n= 1) não tem computador.

A média de idades com que os jovens começaram a utilizar o telemóvel foi 10,29 anos, sendo o valor apresentado idêntico tanto pelos alunos como pelos Encarregados de Educação. Já no acesso ao computador, a média de idades apresentada pelos alunos e respetivos responsáveis é semelhante, rondando os nove anos de idade. Podemos

assim observar que os jovens inquiridos começaram a ter acesso primeiro ao computador e só mais tardiamente ao telemóvel.

Já no tempo em que jovens passam durante o dia a mexer no telemóvel, o valor apresentado pelos alunos não é equivalente ao exposto pelos Encarregados de Educação. Por exemplo, enquanto 23,33% (n= 14) dos alunos refere passar “mais de 6 horas” a utilizar o telemóvel, apenas 12,07% (n= 7) dos Encarregados de Educação assinalou a referida opção. Podemos aferir que na realidade os jovens usam mais tempo o telemóvel do que os pais julgam.

Neste sentido, foi considerado pertinente averiguar se os jovens eram supervisionados quando têm acesso às tecnologias. De acordo com os dados recolhidos nos inquéritos, podemos observar que 62,71% (n= 37) dos Encarregados de Educação respondeu que “sim” costuma supervisionar o uso do computador ou telemóvel do seu educando mas apenas 5,085% (n= 3) dos alunos referiu que costuma ser supervisionado por um adulto. Em paralelo, 76,27% (n= 45) dos alunos diz que os adultos não supervisionam o uso do computador ou telemóvel enquanto apenas 8,475% (n= 5) dos Encarregados de Educação refere não o fazer. Ao confrontar estes dados podemos concluir que na realidade os pais apesar de estarem despertos para a importância da supervisão das crianças ou jovens quando estes estão em contato com as tecnologias digitais, acabam por não o fazer.

Para o uso seguro das mais diversas tecnologias digitais é aconselhado o controlo e a supervisão por parte dos pais, por exemplo, mantendo “o computador numa parte comum da casa de forma a que o ecrã possa sempre ser visto ou consultar no computador o histórico dos *sites* visitados pelas crianças” (Pereira, Pereira & Pinto, 2011, p. 13).

No que concerne aos perfis das redes sociais que os jovens utilizam, apenas 11,86% (n= 7) dos Encarregados de Educação consideram que os seus educandos têm o perfil público quando, na verdade, 23,73% (n= 14) dos alunos tem o perfil nesta modalidade.

Podemos ainda confrontar as respostas dos encarregados de educação e dos alunos no que diz respeito ao facto de adicionar desconhecidos nas redes sociais. 91,53% (n= 54) dos Encarregados de Educação acha que os seus educandos “não” aceitam desconhecidos quando efetivamente, somente 54,24% (n= 32) refere “nunca” o fazer.

No que diz respeito à caracterização das famílias do presente estudo, temos 80% (n= 48) de alunos oriundos de famílias tradicionais e 20% (n= 12) de famílias monoparentais. As diretoras de turma entrevistadas referem que se deparam com famílias “participativas” (E1), outras “pouco participativas” (E2) e outras mais “preocupadas” (E3) mas que “os pais daqueles alunos que dão assim mais problemas são os que nunca aparecem à escola” (E3). A Presidente da Associação de Pais acrescenta ainda que, na sua opinião “os pais a partir de determinados anos de escolaridade começam a ser bastante desinteressados e pouco participativos no percurso dos seus filhos” (E4).

Lima (2020, p. 52) refere que “a família precisa de estar em torno da escola e ter uma participação ativa, pois, a interação entre escola e comunidade é de suma importância para o estabelecimento de mecanismos de negociação de normas e regras dentro da escola e na sociedade”. A escola e a família são instituições fundamentais e devem ser aliadas no sentido de proporcionarem as condições necessárias para os alunos se desenvolverem em pleno. O envolvimento dos Encarregados de Educação ao longo de todo o processo escolar dos seus educandos é essencial visto que “gera resultados muito positivos, elimina obstáculos, contribui para o bom desempenho, organização e sucesso escolar” (Rodrigues, Correia & Martins, 2021, p. 357).

Os alunos foram inquiridos sobre qual a frequência que os seus pais estão no telemóvel ou no computador em vez de lhes darem atenção, afirmando 41,67% (n= 25) dos alunos que isso sucede “às vezes” e 13,33% (n= 8) “muitas vezes”. Já 56,67% (n= 34) dos Encarregados de Educação referem que “às vezes” os seus educandos estão no telemóvel ou no computador em vez de estarem com a família e 18,33% (n=11) fazem-no “muitas vezes”.

Os pais e os seus educandos, em relação às dinâmicas familiares, foram também questionados se costumam falar sobre o seu dia-a-dia ao qual 36,67% (n= 22) dos alunos referiu fazê-lo “sempre” e 20% (n= 12) selecionou a opção “às vezes”. Em comparação, 78,33% (n= 47) dos Encarregados de Educação referiu fazer “sempre” perguntas sobre como foi o dia do seu educando. Confrontando os resultados apresentados pelos dois grupos de inquiridos, podemos observar que foram um pouco distintos. Por sua vez, a opinião das entrevistadas é unânime, considerando que não há a comunicação suficiente entre a família e os seus educandos indicando que “muitas vezes nem há tempo para se sentar e estar ali a dar atenção aos nossos filhos” (E4).

Neste sequência, a opinião de três das quatro entrevistadas é unânime em relação ao facto das TIC influenciarem a comunicação familiar acabando as mesmas por referir que “devíamos aproveitar o nosso tempo com a nossa família, mas infelizmente, muitas vezes, não o fazemos” (E4).

Uma das entrevistadas menciona que “por experiência própria posso dizer que isto da tecnologia a mais acaba por gerar discussões em casa” (E3). O tempo dedicado às tecnologias digitais acaba, muitas vezes, por ser motivo de conflito familiar, como indica Neumann & Missel (2019, p. 83), quanto mais tempo é o “uso da internet e das redes sociais, menor é o tempo dedicado à família, sendo o ambiente familiar cada vez mais afetado, o que desencadeia uma diminuição na coesão familiar e um aumento do conflito familiar”.

No que respeita à dimensão do altruísmo em relação às tecnologias digitais, os alunos e os Encarregados de Educação foram questionados acerca da frequência de alguns comportamentos de ajuda. A maioria dos Encarregados de Educação (56,67%; n= 34) apontam que os filhos “nunca” defenderam um amigo que estava a ser gozado na internet enquanto 33,33% dos alunos refere nunca o ter feito; 50% (n= 30) dos alunos refere que “muito frequentemente” ajuda alguém da família que tem

dificuldades com o uso das tecnologias enquanto apenas 18,33% dos Encarregados de Educação assinalou essa opção. Podemos observar pelos dois exemplos apresentados anteriormente que os Encarregados de Educação não têm a noção exata dos comportamentos adotados pelos seus educandos.

A opinião dos Encarregados de Educação e das entrevistadas é divergente em relação ao facto dos alunos serem altruístas visto que 76,67% (n= 46) dos Encarregados de Educação referiu que os seus educandos eram altruístas e todas as entrevistadas referiram que a maioria dos alunos “não são altruístas” (E1 e E3) por vezes são “infantis, egoístas, às vezes só pensam neles próprios” (E2) e também interesseiros (E4), justificando que isso se deve ao facto da falta de maturidade.

A maioria dos alunos (83,33%; n= 50) considera que as TIC contribuem para desenvolver comportamentos de ajuda e bem-estar do outro, já os Encarregados de Educação apenas 58,33% (n= 35) partilham da mesma opinião. Na opinião das Diretoras de Turma “em alguns casos” (E1) as tecnologias contribuem para o desenvolvimento do altruísmo pois os alunos “ficam mais impressionados com algumas histórias que aparecem na internet e sensibilizados para ajudar” (E3).

De acordo com Correa et al. (2015, p. 810) as tecnologias podem contribuir para o isolamento social das crianças e dos jovens tornando-os “menos altruístas, ou seja, menos preocupados em ajudar ou oferecer coisas boas ao próximo, pois ficam conectados por horas, abandonando os interesses de terceiros”. Assim sendo, as tecnologias digitais, contrariamente ao que os participantes no estudo referiram, podem não promover comportamentos de ajuda e bem-estar do outro.

Em relação à dimensão da intervenção cívica associada às tecnologias digitais, todos os envolventes na presente investigação foram questionados acerca da pertença dos alunos a associações dos diferentes domínios como associações culturais, desportivas, de defesa dos direitos humanos, entre outros. As respostas dos alunos e dos Encarregados de Educação foram semelhantes, apesar de 18,33% (n= 11) dos alunos referirem que pertencem a associações, enquanto há 23,33% (n= 14) dos pais a referir essa pertença, ou seja, houve alunos que no seu inquérito não referiram a sua pertença a alguma associação. As diretoras de turma referiram ter conhecimento de que alguns dos seus alunos estão ligados a associações de cariz desportivo e musical.

Neste âmbito foi ainda pedido aos participantes que referissem se consideram que as redes sociais facilitam a criação de movimentos de jovens assim como a organização de redes de solidariedade ou de luta por causas sociais justas tendo as respostas sido novamente idênticas, sendo que 95% (n= 57) dos alunos referiu que “sim” e 90% (n= 54) dos Encarregados de Educação selecionou a mesma opção. Nas entrevistas às diretoras de turma a opinião não foi unânime. Duas entrevistadas referem que “sim” (E2 e E3) e a outra “mais ou menos” (E1). A Presidente da Associação de Pais também concordou e acrescentou ainda que “os miúdos até já organizam manifestações e protestos na internet” (E4).

Segundo Tavares & Paula (2015) as tecnologias digitais surgem como um complemento para o desenvolvimento de movimentos de jovens, redes de solidariedade, ações políticas e de participação cívica, possibilitando aos indivíduos novos espaços para diferentes tipos de reivindicações. Desta forma, as redes sociais virtuais apresentam-se neste âmbito como “um importante espaço de interação, reconhecimento e ação, mas podem requerer, em certos casos, outros tipos de recursos e ambientes para desenvolver os movimentos sociais” (Tavares & Paula, 2015, p. 227).

Relativamente à temática do *cyberbullying*, apenas 15% (n= 9) dos alunos indicou não ter amigos a quem fizeram ameaças, humilhações, chantagem, roubos de perfil ou dados nas redes sociais, receção de mensagens impróprias ou violentas ou marcaram encontros pessoalmente com alguém que conheceram na internet.

Já quando questionados sobre a sua experiência pessoal, enquanto 48,3% (n= 29) dos alunos referiu nunca ter sido alvo de nenhuma situação de *cyberbullying* apresentadas, 61,6% (n= 37) dos Encarregados de Educação refere que os seus educandos nunca foram alvo de nenhuma das situações expostas, o que reflete a ideia de que os pais na realidade nem sempre têm conhecimento das situações vivenciadas pelos seus educandos.

As três diretoras de turma referem ter conhecimento de algumas situações de violência virtual, mas indicam que “os alunos, muitas vezes, não denunciam estas situações a ninguém, deixam andar esperando que se resolvam sozinhas” (E3). Como refere Primor (2020, p. 4), “a maioria das vítimas evita expor o caso aos professores ou agentes educativos, dado que consideram que estes são incapazes de resolver a situação”. Podemos aludir então que importa criar nas escolas vínculos interpessoais entre os alunos e professores ou outros técnicos do meio escolar, pois estes podem ser impulsionadores para o término destes comportamentos, principalmente, através da prevenção.

No que diz respeito ao papel das TIC no ensino à distância é de referir que a opinião dos alunos e dos Encarregados de Educação é idêntica. Ambos concordam que as tecnologias digitais foram uma mais-valia durante a situação pandémica que o país atravessou. Já as diretoras de turma e a presidente da associação de pais, referente a esta temática, para além de referirem que “foi a única maneira de os miúdos continuarem a ter aulas” (E3) acrescentaram que “não substituí o ensino presencial” (E1). São assim apontadas algumas limitações como as dificuldades de rede (E2), a incompatibilidade de horários entre pais e filhos (E4), a falta de concentração dos alunos nesta modalidade de ensino (E2 e E4) e ainda a “inexistência, muitas vezes, de um ambiente familiar estável que facilite a aprendizagem destes miúdos” (E3). Tais afirmações das entrevistadas vão ao encontro do que referem Cruz, Borges & Filho (2020, p. 6) quando asseguram que “alunos que têm atividades totalmente à distância aprendem menos do que aqueles com a vivência presencial nas escolas” e que um dos obstáculos existentes nesta modalidade de ensino é a “falta de um ambiente familiar que apoie e promova a aprendizagem *online*” (Cruz, Borges & Filho, 2020, p. 7).

Capítulo IV - Projeto de intervenção

1. Justificação do projeto

A presente proposta de projeto de intervenção surge no seguimento das conclusões obtidas através dos dados recolhidos no estudo apresentado e na literatura analisada anteriormente.

O projeto irá destinar-se aos alunos do 3º ciclo do ensino básico, sendo estes os beneficiários diretos, ainda que todas as atividades sejam abertas à comunidade escolar.

Este projeto fundamenta-se na influência que as tecnologias digitais têm no desenvolvimento relacional e social dos jovens que se tem vindo a verificar nos últimos tempos, tal como referido na fundamentação teórica do presente trabalho.

Tendo em conta os dados analisados nos inquéritos por questionário e nas entrevistas realizadas evidencia-se que a faixa etária elegida tem vindo a ser alvo de vários estudos e tem-se confirmado que estes jovens necessitam de ser alvo de intervenção a fim de se elucidarem os benefícios e também as desvantagens do uso das tecnologias digitais.

2. Objetivos do projeto

De seguida serão apresentados os objetivos gerais e específicos deste projeto, definidos após a identificação das necessidades do público-alvo. Todas as atividades propostas terão como finalidade o cumprimento destes objetivos.

O objetivo geral do projeto passa por estimular a inter-relação, relacionamento e afetividade entre os vários alunos, combatendo desta forma o uso excessivo dos dispositivos eletrónicos (como os telemóveis, tablets, computadores, consolas) e a violência entre pares, promovendo desta forma uma maior convivência escolar.

Quanto aos objetivos específicos do projeto pretende-se:

- Consciencializar os jovens para os perigos da internet;
- Sensibilizar os jovens e os pais/Encarregados de Educação para o uso abusivo das tecnologias digitais;
- Desenvolver valores sociais, afetivos, comportamentais e culturais;
- Compreender e promover a importância da relação afetiva com o outro;
- Promover a aquisição de regras e valores de cidadania;
- Combater a violência entre pares que se manifesta no contexto escolar.

Acredita-se que os objetivos apresentados e refletidos são exequíveis, podendo ser alcançados no percurso da execução do projeto de intervenção apresentado.

3. Atividades propostas

Na elaboração de qualquer projeto de intervenção é essencial realizar um plano de atividades que apresente todas as tarefas e custos inerentes a cada atividade. Posto isto, neste ponto, apresenta-se as tabelas onde consta a relação entre as necessidades encontradas na população-alvo em questão, com os objetivos apresentados, assim como a atividade utilizada para cumprir um determinado objetivo. Serão ainda apresentados os recursos humanos, financeiros e materiais de cada atividade individualmente, sendo que se irá tentar otimizar os recursos já existentes no Agrupamento de Escolas.

As atividades propostas pretendem envolver tanto os alunos como os pais e Encarregados de Educação assim como toda a comunidade escolar.

3.1. Atividade 1 - Curta-metragem “A internet pode destruir?!”

Tabela 3 - Atividade 1: Curta-metragem “A internet pode destruir?!”

“A internet pode destruir?!”		
Descrição da atividade	A proposta de atividade é criar uma curta-metragem, sendo a mesma orientada pelo responsável do projeto, com a ajuda dos jovens que se voluntariarem tanto para a escrita da história, como gravação e edição da mesma.	
Objetivos da atividade	Alertar os jovens para os perigos da internet e para as situações de <i>cyberbullying</i> .	
Destinatários	Alunos do 3º ciclo do ensino básico.	
Recursos	Materiais	Auditório, computador, projetor, máquinas de filmar, folhas brancas e canetas.
	Humanos	Responsável pelo projeto, Professor de Multimédia e participantes.
	Financeiros	Não se aplica.
Duração da atividade	1 Hora (Prevê-se que a sua concretização seja entre 5 a 6 meses, sendo que o grupo se reunirá com uma periodicidade semanal)	
Observações	Inicialmente os alunos serão levados a questionar-se qual o possível tema do pequeno filme, sendo que terá de espelhar uma problemática observada pelos mesmos. A responsável pelo projeto irá acabar por sugerir o tema do manuseamento das tecnologias digitais e dos episódios que podem decorrer desta utilização. Serão analisados vídeos de publicidade, pequenos filmes, entre outros, a fim de se realizar um bom	

	trabalho. Posteriormente a curta-metragem será apresentada num debate que se realizará posteriormente.
--	--

3.2. Atividade 2 - Debate “Eu penso nos outros?!”

Tabela 4 - Atividade 2: Debate “Eu penso nos outros?!”

“Eu penso nos outros?!”		
Descrição da atividade	A proposta de atividade consiste num debate organizado pela gestora do projeto, onde se incidirá na importância da relação afetiva com o outro e ainda a importância dos diferentes valores sociais, comportamentais e culturais.	
Objetivos da atividade	Desenvolver valores e atitudes pró-sociais.	
Destinatários	Turmas do 3º ciclo do ensino básico.	
Recursos	Materiais	Sala, mesa, cadeiras, computador, projetor, bloco de notas e canetas.
	Humanos	Responsável do projeto e participantes.
	Financeiros	Não se aplica.
Duração da atividade	1 Hora e 30 minutos, para cada turma	
Observações	No final do debate será apresentada a curta-metragem realizada pelos alunos.	

3.3. Atividade 3 - Ação de sensibilização “Navegar é fixe, mas perigoso!”

Tabela 5 - Atividade 3: Ação de sensibilização “Navegar é fixe, mas perigoso!”

Ação de sensibilização “Navegar é fixe, mas perigoso!”	
Descrição da atividade	A proposta de atividade consiste numa ação de sensibilização organizada pela gestora do projeto, onde se apresentará o tema dos perigos da internet e das redes sociais, onde serão convidados especialistas da área para abordar o assunto.
Objetivos da atividade	Sensibilizar toda a comunidade escolar para os perigos da internet e das redes sociais, em especial os alunos e Encarregados de Educação.
Destinatários	Alunos, professores, funcionários e Encarregados de Educação.

Recursos	Materiais	Auditório, cadeiras, computador, projetor, bloco de notas e canetas.
	Humanos	Especialistas convidados, Diretor da escola, psicóloga da escola, responsável do projeto e participantes.
	Financeiros	Despesas de alimentação e transporte do orador (aproximadamente 40€) e impressão dos folhetos de divulgação (aproximadamente 25€).
Duração da atividade		2 Horas
Observações		A atividade poderá realizar-se no auditório da escola.

3.4. Atividade 4 - Criação e dinamização da página “A tecnologia a ajudar o mundo”

Tabela 6 - Atividade 4: Criação e dinamização da página “A tecnologia a ajudar o mundo”

Criação e dinamização da página “A tecnologia a ajudar o mundo”		
Descrição da atividade	As tecnologias digitais são um meio facilitador de divulgação de eventos e atividades, deste modo, pretende-se criar uma página nas redes sociais que sirva como meio promotor das atividades a realizar.	
Objetivos da atividade	Evidenciar os aspetos positivos do uso das tecnologias digitais e ainda desenvolver atividades que promovam comportamentos ecológicos e de voluntariado jovem.	
Destinatários	Alunos do 3º ciclo do ensino básico.	
Recursos	Materiais	Sala com mesa, cadeiras e computador.
	Humanos	Responsável do projeto e participantes.
	Financeiros	Não se aplica.
Duração da atividade		A dinamização da página decorrerá ao longo do ano letivo.
Observações		Preende-se organizar atividades como por exemplo, limpeza de matas, criação de um clube de voluntariado na escola, visita a instituições sociais como estruturas residenciais para idosos, entre outras.

4. Cronograma das atividades

De seguida, apresenta-se o cronograma do projeto que servirá de previsão e orientação temporal de modo a identificar as atividades e o período em que as mesmas se realizarão.

Tabela 7 - Cronograma das atividades

Atividades	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho
Contato inicial com os Diretores de Turma, os participantes do projeto e os respetivos Encarregados de Educação										
Atividade 1 - Escrita, gravação e edição da curta-metragem										
Apresentação da curta-metragem										
Atividade 2 – Debate “Eu penso nos outros?!”										
Organização da ação de sensibilização “Navegar é fixe, mas perigoso!”										
Atividade 3 – Ação de sensibilização “Navegar é fixe, mas perigoso!”										
Atividade 4 – Criação e dinamização da página “A tecnologia a ajudar o mundo”										
Avaliação do projeto										

5. Orçamento global de atividades

O orçamento constitui-se como um elemento essencial na criação de um projeto, visto que integra o levantamento das despesas dos recursos necessários para o mesmo, com o objetivo de prever o valor monetário necessário para a sua implementação.

O planeamento financeiro é um fator extremamente relevante a ter em conta, pois perspetiva todas as atividades e recursos necessários durante o período temporal do projeto.

Para o projeto de intervenção em apresentação, pretende-se que as atividades sejam implementadas com uma periodicidade semanal, ocupando o período letivo constituído por dez meses.

O presente projeto dispõe de um custo total de aproximadamente 65€ a ser suportado pelo orçamento da escola onde o mesmo se implementará. Tendo em conta que a escola dispõe do resto dos materiais necessários para o desenvolvimento das atividades propostas.

6. Avaliação do projeto

Todos os projetos carecem de uma avaliação contínua, sistemática e participada visto que esta permite aos investigadores analisar o grau de consecução dos objetivos a que se propuseram, verificar o nível de eficácia na implementação dos projetos e ações, assim como reajustar os procedimentos a adotar face aos pontos fortes e oportunidades de melhoria que dela resultem (Ramos, Guardado & Anastácio, 2018).

Posto isto, a avaliação do projeto abrangerá o processo e os resultados do mesmo. Esta avaliação será realizada através da observação direta de cada atividade com o registo diário num diário de bordo, através do registo fotográfico ao longo do projeto sendo inicialmente requerida a autorização para este registo e ainda serão elaborados questionários para cada atividade que serão preenchidos por todos os participantes.

Neste processo avaliativo serão inquiridos tanto os alunos assim como os respetivos professores a fim de se poder compreender se houve mudanças no comportamento destes destinatários, tanto no âmbito do manuseamento das tecnologias digitais assim como na conscientização dos perigos que podem ocorrer no acesso à internet ou até nas situações de violência entre pares.

No final do projeto será apresentado um inquérito por questionário a fim de se avaliar os resultados do projeto, avaliando tanto o desempenho dos participantes como dos dinamizadores, qual o impacto de todas as atividades propostas e ainda qual o impacto que o projeto teve na comunidade escolar onde foi implementado.

7. Sustentabilidade do projeto

O conceito de sustentabilidade, de acordo com o Relatório “*Our Common future*” da Comissão Brundtland, é entendido como “a capacidade de satisfazer as nossas necessidades no presente, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades. De modo a garantir o equilíbrio entre o crescimento económico, o cuidado com o ambiente e o bem-estar social” (WCED, 1987, p. 16).

A sustentabilidade do projeto deve ser pensada no âmbito geral, permitindo dar continuidade, no futuro, ao projeto em questão. Após terminado o projeto e avaliando-se as vantagens das atividades realizadas como método de resolução do uso excessivo das tecnologias digitais, evidenciar-se-á a importância da sua reaplicação noutros contextos e/ou junto de outros públicos-alvo.

Tendo em conta que a problemática apresentada é recente importa que o presente projeto tenha continuidade, visto que um ano letivo é pouco tempo para que se possa obter os resultados pretendidos.

Considera-se que a continuidade do projeto tem toda a pertinência, poderá trabalhar-se outras áreas artísticas associadas à problemática e assim suscitar a participação e mudança dos sujeitos envolvidos.

Importa ainda referir que seria pertinente considerar a possibilidade de envolver os pais e encarregados de educação nas atividades propostas anteriormente.

Capítulo V - Considerações finais, recomendações e limitações do estudo

Este capítulo apresenta as principais conclusões obtidas sobre toda a investigação realizada. Além das conclusões são expostas as limitações identificadas no estudo assim como sugestões para futuras investigações.

1. Considerações e conclusões finais

Nesta fase são apresentadas as conclusões que se consideraram pertinentes à investigação. Para o devido efeito irá proceder-se às conclusões face a cada objetivo proposto inicialmente na presente investigação.

Quanto ao primeiro objetivo, “*identificar o papel das tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento social dos jovens relativamente às dimensões «intervenção cívica» e «altruísmo»*” é de referir que as tecnologias digitais são descritas tanto pelos alunos como pelos Encarregados de Educação e Diretoras de Turma como imprescindíveis para o desenvolvimento das dimensões acima mencionadas. Foram as tecnologias digitais que proporcionaram o aumento da participação cívica dos jovens através, por exemplo, da criação de movimentos *online* ou da organização de protestos por causas sociais justas através de plataformas digitais como o *Facebook*, *Twitter*, *WhatsApp* ou *Instagram*.

O segundo objetivo deste estudo pretendia “*caraterizar as dinâmicas familiares e os estilos comunicativos que foram introduzidos pelo uso das tecnologias digitais de informação e comunicação*”. As tecnologias digitais trouxeram consigo inúmeras mudanças no que diz respeito ao contexto familiar. Pais, alunos e professores referem que passou a ser dada mais atenção aos telemóveis, *tablets*, computadores, do que às próprias crianças e jovens. A Presidente da Associação de Pais refere até que os pais devido à sua vida atribulada e cheia de trabalho faz com que não seja dada a atenção devida aos seus filhos.

Como refere Neumann & Missel (2019, p. 78), as tecnologias digitais chegaram e vieram para ficar porém “a família não está imune às mudanças produzidas pelas tecnologias, elas tornaram-se um novo membro e estão inseridas nas relações entre pais e filhos” por isso torna-se “indispensável fortalecer as relações familiares frente ao uso da tecnologia visando a saúde das futuras gerações”.

Relativamente ao terceiro objetivo, “*identificar os novos problemas sociais e relacionais associados ao uso das tecnologias digitais*”, pode referir-se que com as tecnologias digitais surgiram novos problemas do foro social e relacional como o aumento do afastamento afetivo entre os alunos e a sua família assim como os pares, o *cyberbullying* ou até a dependência de instrumentos tecnológicos como o telemóvel, o computador, o *tablet* ou a *playstation*. São problemas que já existiam anteriormente mas que se acentuaram com o aparecimento das TIC.

Se as crianças e os jovens já dedicavam muito tempo às TIC, com a situação pandémica sentida em todo o mundo, devido à Covid-19, este período veio realçar esta tendência.

Para prevenir o surgimento de novos problemas sociais e relacionais associados ao uso e/ou abuso das tecnologias digitais, é de extrema importância elucidar os pais e Encarregados de Educação para que haja supervisão por parte das famílias e que a mesma se deve basear “no acompanhamento e no diálogo” (Pereira, Pereira & Pinto, 2011, p. 13).

Seguindo para o quarto objetivo proposto deste projeto, pretendia-se “*compreender se a forma como o sexo feminino e o sexo masculino interagem com as tecnologias digitais evidencia diferenças nas dimensões anteriormente referenciadas*”. No que toca a este objetivo não foi possível encontrar evidências de que tal facto ocorresse. De acordo com a opinião da generalidade das entrevistadas esta interação é idêntica entre alunos do sexo feminino e do sexo masculino, contudo uma diretora de turma colocou como hipótese uma utilização mais frequente das redes sociais por parte do género feminino e um uso mais frequente de jogos no género masculino. Na nossa perspetiva, seria interessante aprofundar esta dimensão em trabalhos futuros pois poderá estar relacionada com formas diferenciadas de expressão comunicativa e relacional associadas à construção da identidade de género.

Realçamos a importância que assumiu no presente estudo a auscultação dos diferentes intervenientes no processo (alunos, encarregados de educação, diretores de turma e presidente da Associação de Pais), bem como a triangulação dos dados obtidos, pois permitiu-nos realizar uma análise mais fundamentada e descentrada sobre a problemática, bem como detetar muitos pontos de convergência mas também de algumas divergências nos diferentes “olhares” e perspetivas.

O Serviço Social como “uma profissão de intervenção (...) que promove o desenvolvimento e a mudança social, a coesão social, o empowerment e a promoção da pessoa” (Associação de Profissionais de Serviço Social) surge neste contexto como um elemento essencial no contexto escolar, devendo conhecer e procurar, constantemente, novas estratégias de intervenção, de forma a tentar responder às problemáticas de índole social e relacional que vão surgindo, designadamente devido ao uso e abuso das tecnologias digitais.

A intervenção social escolar encontra-se intrinsecamente relacionada com o Serviço Social pois permite identificar e responder aos problemas de cariz social que se transparecem no contexto escolar.

Em suma, considera-se que esta investigação deu resposta aos objetivos delineados inicialmente. Apesar desta constatação, consideramos que seria importante aprofundar e aferir alguns dos resultados obtidos, pelo que, de seguida, se apresenta uma breve reflexão das limitações encontradas no presente estudo assim como propostas para melhorar determinados aspetos.

2. Limitações do estudo

Após término da presente investigação foi efetuada uma reflexão acerca de todo o processo necessário para a sua realização, concluindo-se que esta evidencia algumas limitações, tal como em qualquer outro estudo desta natureza. Porém, considera-se que se atingiu os objetivos definidos no início deste trabalho de investigação.

A primeira limitação com que a investigadora se deparou foi ao nível da revisão da literatura, uma vez que não existem muitos estudos em Portugal acerca da temática das tecnologias digitais associadas às dimensões investigadas.

Uma outra limitação deve-se ao facto de a investigação ter sido realizada numa vertente de estudo caso, em que o público-alvo está limitado a um espaço geográfico, neste caso o Agrupamento de Escolas Amato Lusitano, e não existindo uma amostra representativa dessa população, não se podem generalizar as conclusões obtidas. Ou seja, as conclusões retiradas deste estudo reportam somente aos jovens que participaram nesta investigação.

O facto de a investigadora ser principiante também pode ser considerado como uma limitação, visto que se encontra ainda numa fase de aprendizagem. Contudo, esta refletiu sempre sobre os seus procedimentos assim como realizou uma descrição o mais fielmente possível os resultados obtidos.

Por fim e não de menor relevância importa referir que a presente investigação decorreu num período atípico. O mundo atravessou uma situação pandémica, devido à Covid-19, o que dificultou e acabou por retardar a recolha e conseqüentemente tratamento dos dados, tendo obrigado a investigadora a realizar um pedido de prorrogação para a entrega do presente trabalho.

3. Recomendações

Tendo em conta as limitações referidas, a investigadora propõe algumas recomendações para melhorar futuros estudos.

Considera-se importante a realização de uma outra investigação que pudesse incluir uma amostra de maior dimensão e mais diversificada, abrangendo alunos de outros anos de escolaridade. Desta forma, poderia averiguar-se se há particularidades que possam evidenciar diferenças nos diferentes ciclos de ensino.

Uma outra recomendação seria referente à questão da temporalidade. Isto é, tratando-se de uma temática que está em permanente evolução e mudança, o tempo em que a investigação foi feita, nomeadamente no ano civil de 2021, determina que os seus resultados devam ser analisados nesse contexto socio temporal. Recomenda-se então que os leitores da presente investigação tenham em conta esta indicação.

Bibliografia

- Abreu, D. (2016). *A relação escola-família como potenciadora do sucesso educativo*. (Relatório de Estágio). Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.
- Almeida, J. (2013). Ética da investigação em ciências sociais. *Revista da Associação Portuguesa de Sociologia*, 6, 69-99.
- Amnistia Internacional Portugal (2016). *Manual Stop Bullying – um recurso educativo baseado nos direitos humanos para combater a discriminação*. Lisboa: Amnistia Internacional Portugal.
- Araújo, J. & Caldeira, M. (2018). Bullying e cyberbullying: ameaça ao bem-estar físico e mental dos adolescentes. *Revista Júnior de Investigação*, 5 (1), 6-11.
- Azevedo, C., Oliveira, L., Gonzalez, R. & Abdalla, M. (2013). A estratégia de triangulação: objetivos, possibilidades, limitações e proximidades com o pragmatismo. In *Encontro de ensino e pesquisa em administração e contabilidade*, IV, Brasília.
- Barcelos, R. (2010). *Nova mídia, socialização e adolescência: um estudo exploratório sobre o consumo das novas tecnologias de comunicação pelos jovens* (Dissertação de Mestrado). Brasil: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bodgan, R. & Biklen, S. (1999). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Boni, V. & Quaresma, S. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrónica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, 2 (1), 68-80. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>
- Brito, R. (2018). Estilos de mediação do uso de tecnologias digitais por crianças até aos 6 anos. *Da Investigação às Práticas*, 8 (2), 21-46.
- Caixeiro, C. (2014). *Liderança e cultura organizacional: o impacto da liderança do diretor na(s) cultura(s) organizacional(ais) escolar(es)* (Tese de Doutoramento). Évora: Universidade de Évora.
- Cardoso, N., Landenberger, T., Bastos, A., Bernardi, C. & Argimon, I. (2017). Estratégias de enfrentamento e intervenção no cyberbullying: uma revisão sistémica. *Perspectivas em Psicologia: Revista de Psicologia y Ciencias Afines*, 14 (1), 7-17.
- Casanova, M. (2020). Desenvolvimento e prevenção de riscos no uso de tecnologias digitais. In J. Pinhal, C. Cavaco, M. Cardona, F. Costa, J. Marques & A. Faria (Eds.), *Tempos, espaços e artefactos em educação* (pp. 291-302).
- Chizzotti, A. (2003). A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, 16 (2), 221-236. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/374/37416210.pdf>
- Chizzotti, A. (2006). *Pesquisa em ciências humanas e sociais* (8ª edição). São Paulo: Cortez.
- Cláudio, S. & Reis, I. (2017). Motivação no trabalho voluntário, os principais fatores de motivação – estudo de caso. In R. Brites, D. Martinho, R. Veiga & F. Martinho (Eds.), *Atas do eCL2ES'17 – III Encontro Científico da IZES* (pp. 11-21).
- Correa, A., Pereira, A., Backes, D., Ferreira, C., Signor, E. & Obem, M. (2015). Perceção de pais acerca do impacto de tecnologias no viver saudável dos seus filhos. *Revista Cogitare Enfermagem*, 20 (4), 805-812.

Cruz, P., Borges, J. & Filho, O. (Coord.) (2020). *Análise: ensino à distância na educação básica frente à pandemia da Covid-19*. Brasil: Todos pela Educação.

Diogo, J. M. L. (1998). *Parceria Escola – Família: A Caminho de uma Educação Participada*. Porto: Porto Editora.

Ebrahim, S. (2001). Adoção tardia: altruísmo, maturidade e estabilidade emocional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14 (1), 73-80.

Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.

Gomes, J. (2015). *O agir profissional do Assistente Social: um estudo de caso num agrupamento de escolas TEIP* (Dissertação de Mestrado). Porto, Instituto Superior de Serviço Social do Porto.

Gonçalves, F., Cardoso, N. & Argimon, I. (2019). Estratégias de intervenção para adolescentes em situações de bullying escolar: uma revisão sistemática. *Contextos Clínicos*, 12 (2), 636-658.

Greenwood, E. (1965). Métodos de investigação empírica em sociologia. *Análise Social*, III (11), 313-345. Disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224164262K2IAE9wd1Ui39AM8.pdf>

Hernández, S., Veja, A. & Guadrón, M. (2009). Altruismo e inteligência emocional em jóvenes de las asociaciones estudiantiles UCA (Trabalho de licenciatura). Salvador: Universidad Centroamericana José Simeón Cañas.

Kadooka, A. & Lepre, R. (2018). Nativos digitais: a influência das novas tecnologias no desenvolvimento moral infante-juvenil. *Revista da Psicologia da Criança e do Adolescente*, 9 (2), 153-174.

Lima, A. (2020). A importância da participação da família no processo de ensino-aprendizagem. *Revista Internacional de Apoyo a la Inclusión, Logopedia, Sociedad y Multiculturalidad*, 6 (1), 49-61.

Mascarenhas, S. (2006). Gestão do bullying e da indisciplina e qualidade do bem-estar psicossocial de docentes e discentes do Brasil. *Psicologia, saúde & doenças*, 7 (1), 95-107.

Matos, M., Gaspar, T., Guedes, F., Tomé, G. & Branquinho, C. (2019). Os adolescentes portugueses, a internet e as dependências tecnológicas. *Revista da Psicologia da Criança e do Adolescente*, 10 (1), 173-185.

Mendes, A. (2015). *Fatores de risco e fatores de proteção na infância* (Dissertação de Mestrado). Porto: Universidade do Porto.

Mozzato, A. & Grzybovski, D. (2011). Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. *RAC Curitiba*, 15 (4), 731-747.

Nascimento, L. (2016). Sociologia digital: um desafio para o século XXI. *Revista Sociologias*, 18 (41), 216-241.

Neumann, D. & Missel, R. (2019). Família digital: a influência da tecnologia nas relações entre pais e filhos adolescentes. *Pensando Famílias*, 23 (2), 75-91.

Pereira, S., Pereira, L. & Pinto, M. (2011). *Internet e redes sociais: tudo o que vem à rede é peixe?*. EDUMEDIA – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

Primor, A. (2020). *O envolvimento moral e as percepções dos professores no âmbito do cyberbullying* (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Amato Lusitano 2019-2022 (2019). Disponível em <http://aeal.edu.pt/documentos-estruturantes/>

- Quivy, R. & Campenhoudt, V. L. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Ramos, A., Guardado, A. & Anastácio, C. (2018). *Aprender para o sucesso: descobrir, intervir e partilhar (Plano Anual de Atividades de Escola)*. Colégio Senhor Milagres.
- Resende, R. (2016). Técnica de investigação qualitativa: ETCl. *Journal of Sport Pedagogy & Research*, 2-1, 50-57.
- Rodrigues, C., Correia, I. & Martins, I. (2021). A escola em nossa casa: o envolvimento parental no ensino à distância. *Gestão e Desenvolvimento*, 29, 357-379.
- Santos, A., Nascimento, J., Silva, R. & Mendes, L. (2017). Cibercultura e jovens: um diálogo a partir da psicologia. *Revista Mangaio Académico*, 2 (3), 101-106.
- Santos, M. (2017). *Atitudes e comportamentos altruístas e prossociais em jovens do ensino secundário: um contributo para a implementação do heroic imagination project em Portugal* (Dissertação de Mestrado). Porto: Universidade Católica Portuguesa.
- Serrano, G. (2008). *Elaboração de projetos sociais: Casos práticos*. Porto: Porto Editora.
- Silva, A. & Fossá, M. (2015). Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualitas Revista Eletrónica*, 17 (1), 1-14.
- Silva, T. & Silva, L. (2017). Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. *Revista Psicopedagogia*, 34 (103), 87-97.
- Silva, T. (2016). *Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais*. (Trabalho de conclusão de curso). Brasil: Universidade Federal da Paraíba.
- Simões, J. & Campos, R. (2016). Juventude, movimentos sociais e redes digitais de protesto em época de crise. *Comunidade Mídia Consumo*, 13 (38), 130-150.
- Soares, R. (2020). *Na nuvem dos nativos digitais: navegando por usos e efeitos de práticas juvenis em redes sociais online*. (Dissertação de Mestrado). Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Souza, K. & Silva, B. (2013). Nativos digitais: atreve-te a empreender. In A. Ferreira, A. Domingos & C. Spínola (2013). *Nas pegadas das Reformas Educativas, Atas do I Colóquio Cabo-Verdiano de Educação*. Praia: Universidade de Cabo Verde, pp. 435-447.
- Tavares, C. (2011). *O associativismo e a participação cívica dos jovens em meio rural* (Dissertação de Mestrado). Viseu: Universidade Católica Portuguesa.
- Tavares, W. & Paula, A. (2015). Movimentos sociais em redes sociais virtuais: possibilidades de organização de ações coletivas no ciberespaço. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 4 (1), 209-230.
- Thomazini, M. & Goulart, E. (2018). Relações familiares: a influência do virtual. *Interações*, 48, 49-64.
- UNICEF (2017). *Estado mundial de la infancia 2017: niños en un mundo digital*. Disponível em: <https://www.unicef.es/sites/unicef.es/files/comunicacion/estado-mundial-infancia-2017.pdf>
- UNICEF (2020). *Young people's participation and civic engagement. Generation Unlimited, Global Initiative on Decent Jobs for Youth*. Disponível em: <https://www.unicef.org/evaluation/media/1581/file/A%20guide%20to%20action%20what%20works%20on%20adolescent%20and%20young%20people%20engagement.pdf>
- Vilalva, S. & Lohr, S. (2019). Comportamento altruísta em crianças de dois a cinco anos de idade. *Revista Zero-a-seis*, 21 (39), 149-165.

WCED (1987). *Report of the World Commission on Environment and Development: our common future*. Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf>

Yin, R. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (2ª edição). Porto Alegre: Bookman.

Apêndices

Apêndice A - Pedido de autorização



Ex.^{ma} Senhora Diretora do Agrupamento de Escolas Amato Lusitano,
Professora Maria Laurinda Sanches,

Eu, Sofia Alexandra Bento Pombinho, venho por este meio requerer autorização a Vossa Excelência para a realização de um estudo intitulado “Influência das tecnologias digitais no desenvolvimento relacional e social dos jovens”, no âmbito do Mestrado em Intervenção Social Escolar, da Escola Superior de Educação de Castelo Branco, tendo como objetivo compreender qual o impacto que as tecnologias digitais têm em algumas dimensões do desenvolvimento relacional e social dos jovens, estudando tanto as desvantagens como os benefícios associados a esta temática.

Assegura-se o anonimato e a confidencialidade de todos os dados recolhidos, os quais serão usados estritamente para fins investigativos.

Grata pela sua atenção,

Pede deferimento,

Castelo Branco, 12 de abril de 2021

Sofia Pombinho.

Apêndice B - Declaração de consentimento: Encarregados de Educação



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação



Declaração de Consentimento Informado

Eu, _____, Encarregado de Educação do(a) Aluno(a) _____, da turma _____, autorizo/ não autorizo (*riscar o que não interessa*) a participação do meu educando no estudo “Influência das tecnologias digitais no desenvolvimento relacional e social dos jovens” a desenvolver no âmbito do Mestrado em Intervenção Social Escolar da Escola Superior de Educação de Castelo Branco.

No âmbito do referido estudo pede-se ainda a colaboração do preenchimento de um questionário por parte dos Encarregados de Educação a ser enviado posteriormente à recolha da presente declaração.

Castelo Branco, ____ de _____ de 2021

Assinatura do(a) Encarregado(a) de Educação

Assinatura da Mestranda em Intervenção Social Escolar

Apêndice C - Declaração de consentimento: Diretores de Turma



Declaração de Consentimento Informado da Entrevista

Eu, _____, com a função de Diretora de Turma da turma _____, do Agrupamento de Escolas Amato Lusitano, declaro que participo de livre e espontânea vontade na entrevista realizada pela Sofia Alexandra Bento Pombinho, Mestranda em Intervenção Social Escolar da Escola Superior de Educação de Castelo Branco.

Declaro, ainda, que tomei conhecimento de que a entrevista é gravada e será usada como ferramenta de recolha de dados para o Trabalho de Projeto “Influência das tecnologias digitais no desenvolvimento relacional e social dos jovens” para a obtenção do grau de Mestre.

Castelo Branco, ____ de _____ de 2021

Assinatura do(a) Entrevistado(a)

Assinatura da Mestranda em Intervenção Social Escolar

Apêndice D - Declaração de consentimento: Presidente da Associação de Pais



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação



Declaração de Consentimento Informado da Entrevista

Eu, _____, com a função de Presidente da Associação de Pais do Agrupamento de Escolas Amato Lusitano, declaro que participo de livre e espontânea vontade na entrevista realizada pela Sofia Alexandra Bento Pombinho, Mestranda em Intervenção Social Escolar da Escola Superior de Educação de Castelo Branco.

Declaro, ainda, que tomei conhecimento de que a entrevista é gravada e será usada como ferramenta de recolha de dados para o Trabalho de Projeto “Influência das tecnologias digitais no desenvolvimento relacional e social dos jovens” para a obtenção do grau de Mestre.

Castelo Branco, ____ de _____ de 2021

Assinatura do(a) Entrevistado(a)

Assinatura da Mestranda em Intervenção Social Escolar

Apêndice E - Inquérito por questionário: Alunos

Código: _____

Inquérito por Questionário

O presente questionário insere-se no desenvolvimento de um Trabalho de Projeto no âmbito do Mestrado em Intervenção Social Escolar, da Escola Superior de Educação de Castelo Branco, que tem como objetivo compreender qual o impacto que as tecnologias digitais têm em algumas dimensões do desenvolvimento relacional e social dos jovens, estudando tanto as desvantagens como os benefícios associados às redes sociais digitais.

Todas as respostas são anónimas, pelo que não necessitas de te identificar em nenhuma circunstância. Os dados recolhidos servirão apenas para fins investigativos.

Obrigada pela tua colaboração pois sem a tua participação não era possível concretizar o presente estudo.

1. **Idade:** _____ anos

2. **Sexo:**

<input type="checkbox"/>	Feminino
<input type="checkbox"/>	Masculino

3. **Que ano de escolaridade frequentas?**

<input type="checkbox"/>	7º ano
<input type="checkbox"/>	8º ano
<input type="checkbox"/>	9º ano

4. **Com quem resides habitualmente?**

<input type="checkbox"/>	Mãe	<input type="checkbox"/>	Tia(o)
<input type="checkbox"/>	Pai	<input type="checkbox"/>	Avó(ô)
<input type="checkbox"/>	Irmã(o) ou Irmãos	<input type="checkbox"/>	Outro: _____

5. **Tens telemóvel?**

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não (se <u>não</u> tens telemóvel passa à <u>pergunta 6</u>)

5.1. **Se sim, com que idade começaste a utilizar o telemóvel?** _____ anos

5.2. Em média, quantas horas costumavas utilizar o telemóvel durante o dia?

	Mais de 6 horas
	Entre 4 a 6 horas
	Entre 2 a 4 horas
	Até 2 horas
	Mais ou menos 1 hora

5.3. Para que utilizas o telemóvel? (Podes seleccionar várias opções)

	Falar com os meus amigos
	Jogar
	Ir às redes sociais
	Ver notícias
	Outro: _____

6. Tens computador?

	Sim
	Não (se <u>não</u> tens computador passa à <u>pergunta 7</u>)

6.1. Se sim, com que idade tiveste a primeira vez acesso a ele? ____ anos

6.2. Costumas utilizar o computador com supervisão de um adulto?

	Sim
	Não
	Às vezes

7. Tens conta em alguma rede social?

	Sim
	Não (se <u>não</u> tens conta em nenhuma rede social passa à <u>pergunta 8</u>)

7.1. Se tens alguma rede social, selecciona qual ou quais:

	Facebook
	Instagram
	Twitter
	Snapchat

	WhatsApp
	Tik Tok
	YouTube
	Outra: _____

7.2. Com que frequência fazes publicações nas tuas redes sociais?

Várias vezes ao dia	Diariamente	Semanalmente	Mensalmente	Anualmente

7.3. Como tens o teu perfil nas redes sociais que usas?

	Perfil Público
	Perfil Privado

7.4. Costumas adicionar pessoas que não conheces?

Sempre	Muitas vezes	Às vezes	Poucas vezes	Nunca

7.5. Na tua opinião, qual o grau de importância de haver supervisão dos pais quando os jovens estão nas redes sociais?

Muito importante	Importante	Mais ou menos importante	Pouco importante	Nada importante

8. As seguintes questões estão relacionadas com comportamentos de ajuda, indica com que frequência tens estes comportamentos:

		Nunca	Uma vez	Mais que uma vez	Frequente-mente	Muito frequentemente
a)	Defendi um(a) amigo(a) que estava a ser gozado(a) na internet, sem a intenção de receber algo em troca.					
b)	Ofereci ajuda a um(a) colega que tinha dificuldades com o uso das tecnologias digitais.					
c)	Ajudei alguém da minha família que estava com dificuldades com o uso das tecnologias digitais.					
d)	Quando ofereço a minha ajuda para alguma coisa tenho intenção de receber alguma coisa em troca pelo meu esforço.					
e)	Ofereci ajuda a um desconhecido que estava com dificuldades com o uso das tecnologias digitais.					

9. Na tua opinião as TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) contribuem para desenvolver comportamentos de ajuda e bem-estar do outro?

(___) Sim

(___) Não

9.1. Se sim, porquê? (podes assinalar mais do que uma opção)

	Porque permitem aceder de uma forma mais direta e rápida a informações sobre problemas sociais e pessoais que ocorrem no mundo.
	Porque permitem criar de uma forma mais eficaz redes de apoio, a nível global.
	Porque permitem estabelecer ligações com amigos e conhecer novas pessoas.
	Porque pode ajudar a prestar auxílio a alguém ou alguma instituição (por exemplo, donativos).
	Outra: _____

10. Pertences a alguma associação (relacionada por exemplo com a defesa dos direitos humanos, dos animais, do ambiente, associações culturais, desportivas, entre outras)?

	Sim
	Não (se <u>não</u> , passa à <u>pergunta 10</u>)

10.1. Se sim, indica o nome da associação ou associações a que pertences:

11. Qual a importância que atribuis à internet na dinamização e divulgação de atividades das associações?

Muito importante	Importante	Mais ou menos importante	Pouco importante	Nada importante

12. Tens algum interesse pela política?

(___) Sim

(___) Não

12.1. Achas importante que todos os cidadãos maiores de 18 anos votem nas eleições?

(___) Sim

(___) Não

12.2. Consideras importante estar bem informado sobre a política do país?

Sim

Não

13. Costumas utilizar as TIC para participar em fóruns políticos ou grupos de discussão online?

Sim

Não

14. Achas que as redes sociais facilitam a criação de movimentos de jovens assim como a organização de redes de solidariedade ou de luta por causas sociais justas?

Sim

Não

15. Consideras que as redes sociais potenciam a mobilização dos jovens para a participação cívica e política?

Sim

Não

16. Com que frequência os teus pais estão no telemóvel ou no computador em vez de estarem a dar-te atenção?

Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre

17. Costumas falar sobre o teu dia com a tua família?

Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre

18. A tua família costuma pedir-te ajuda com as tecnologias digitais (telemóvel, computador, tablet, outros)?

Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre

19. Tens conhecimento se algum ou alguns dos teus amigos já viveram alguma destas situações?

		Sim	Não
a)	Ameaças, humilhações ou difamação através de vídeos, mensagens ou piadas.		
b)	Chantagem através do chat ou por email.		
c)	Roubaram-lhe o perfil nas redes sociais (alguém se fez passar pelos teus amigos).		
d)	Roubaram-lhe dados nas redes sociais (usaram fotografias ou outros dados dos teus amigos sem a sua autorização).		
e)	Enviaram-lhe mensagens (texto, imagens ou vídeos) impróprias ou violentas.		
f)	Encontraram-se ou marcaram encontros pessoalmente com alguém que conheceram na internet.		

19.1. Se respondeste “sim” a alguma das alíneas anteriores, denunciaste o que aconteceu?

Sim **A quem?** _____
 Não

19.2. A situação resolveu-se?

Sim
 Não

20. E tu já experienciaste alguma destas situações?

		Sim	Não
a)	Ameaças, humilhações ou difamação através de vídeos, mensagens ou piadas.		
b)	Fizeram chantagem comigo através do chat ou por email.		
c)	Roubaram-me o perfil nas redes sociais (alguém se fez passar por mim).		
d)	Roubaram-me dados nas redes sociais (usaram fotografias ou outros dados meus sem a minha autorização).		
e)	Enviaram-me mensagens (texto, imagens ou vídeos) impróprias ou violentas.		
f)	Encontrei-me ou marquei encontros pessoalmente com alguém que conheci na internet.		

21. Durante o confinamento, devido à Covid-19, usaste mais as tecnologias digitais do que usavas anteriormente?

Concordo totalmente	Concordo	Não concordo nem discordo	Não concordo	Discordo totalmente

22. Consideras que as tecnologias digitais facilitaram as tuas aprendizagens escolares durante a situação pandémica que temos vivido?

Concordo totalmente	Concordo	Não concordo nem discordo	Não concordo	Discordo totalmente

23. De forma sintética descreve-nos a importância que as tecnologias digitais têm para ti:

Apêndice F - Inquérito por questionário: Encarregados de Educação

Inquérito por Questionário

Código: _____

O presente questionário insere-se no desenvolvimento de um Trabalho de Projeto no âmbito do Mestrado em Intervenção Social Escolar, da Escola Superior de Educação de Castelo Branco, que tem como objetivo compreender qual o impacto que as tecnologias digitais têm em algumas dimensões do desenvolvimento relacional e social dos jovens, estudando tanto as desvantagens como os benefícios associados às redes sociais digitais.

Todos os requisitos éticos inerentes à investigação serão cumpridos neste estudo, e, desta forma, é garantido que será mantida total confidencialidade dos dados fornecidos pelos participantes, sendo estes utilizados estritamente para fins investigativos.

Para qualquer esclarecimento poderá contactar a responsável pela investigação, Sofia Pombinho, através do endereço eletrónico sofiapombinho13@hotmail.com.

Obrigada pela sua colaboração sem a qual não era possível concretizar o presente estudo.

1. **Idade:** _____ anos

2. **Sexo:**

<input type="checkbox"/>	Feminino
<input type="checkbox"/>	Masculino

3. **Estado civil:**

<input type="checkbox"/>	Solteiro(a)
<input type="checkbox"/>	Casado(a)
<input type="checkbox"/>	União de facto
<input type="checkbox"/>	Separado(a)

<input type="checkbox"/>	Divorciado(a)
<input type="checkbox"/>	Viúvo(a)
<input type="checkbox"/>	Outro: _____

4. Habilitações literárias:

	Sem habilitações
	1º Ciclo (4º ano)
	2º Ciclo (6º ano)
	3º Ciclo (9º ano)
	Secundário (12º ano)

	Licenciatura
	Mestrado
	Doutoramento
	Outro: _____

5. Profissão:

	Trabalhador por conta de outrem
	Trabalhador por conta própria
	Estudante
	Desempregado
	Reformado/aposentado
	Outro: _____

6. Que ano de escolaridade frequenta o seu educando?

	7º ano
	8º ano
	9º ano

7. O seu educando tem telemóvel?

	Sim
	Não (se respondeu <u>não</u> , passe à <u>pergunta 8</u>)

7.1. Se sim, com que idade teve acesso a ele pela primeira vez?

_____ anos

7.2. Em média, quantas horas o seu educando costuma utilizar o telemóvel durante o dia?

	Mais de 6 horas
	Entre 4 a 6 horas
	Entre 2 a 4 horas
	Até 2 horas
	Mais ou menos 1 hora

7.3. Tem conhecimento de qual a finalidade do seu filho em usar o telemóvel?

	Sim
	Não (se respondeu <u>não</u> , passe à <u>pergunta 8</u>)

7.3.1. Para que utilizas o telemóvel? (Podes seleccionar várias opções)

	Falar com os meus amigos
	Jogar
	Ir às redes sociais
	Ver notícias
	Outro: _____

8. O seu educando tem computador?

	Sim
	Não (se respondeu <u>não</u> , passe à <u>pergunta 9</u>)

8.1. Se sim, com que idade teve acesso a ele pela primeira vez? ____ anos

8.2. Costuma supervisionar o uso do computador ou do telemóvel do seu educando?

	Sim
	Não
	Às vezes

9. O seu educando tem conta em alguma rede social?

	Sim
	Não (se respondeu <u>não</u> , passe à <u>pergunta 10</u>)

9.1. Se respondeu “sim”, selecione qual ou quais:

	Facebook
	Instagram
	Twitter
	Snapchat

	WhatsApp
	Tik Tok
	YouTube
	Outra: _____

9.2. Como se encontra o perfil nas redes sociais do seu educando?

	Perfil Público
	Perfil Privado

9.3. O seu educando adiciona pessoas que não conhece as redes sociais?

Sim	Não	Não sei

10. As seguintes questões estão relacionadas com comportamentos de ajuda, indique se alguma vez teve conhecimento de algum destes comportamentos por parte do seu educando:

		Nunca	Uma vez	Mais que uma vez	Frequente-mente	Muito frequentemente
a)	Defendeu um(a) amigo(a) que estava a ser gozado(a) na internet, sem a intenção de receber algo em troca.					
b)	Ofereceu ajuda a um(a) colega que tinha dificuldades com o uso das tecnologias digitais.					
c)	Ajudou alguém da família que estava com dificuldades com o uso das tecnologias digitais.					
d)	Quando oferece a sua ajuda para alguma coisa tem a intenção de receber alguma coisa em troca pelo seu esforço.					

11. Considera o seu educando uma pessoa altruísta? Sim Não**12. Na sua opinião as TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) contribuem para desenvolver comportamentos altruístas?** Sim Não

12.1. Se sim, porquê? (pode assinalar mais do que uma opção)

	Porque permitem aceder de uma forma mais direta e rápida a informações sobre problemas sociais e pessoais que ocorrem no mundo.
	Porque permitem criar de uma forma mais eficaz redes de apoio, a nível global.
	Porque permitem estabelecer ligações com amigos e conhecer novas pessoas.
	Porque pode ajudar a prestar auxílio a alguém ou alguma instituição (por exemplo, donativos).
	Outra: _____

13. O seu educando pertence a alguma associação (relacionada por exemplo com a defesa dos direitos humanos, dos animais, do ambiente, associações culturais, desportivas, entre outras)?

<input type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não (se respondeu <u>não</u> , passe à <u>pergunta 12</u>)

13.1. Se sim, indique o nome da associação ou associações a que pertence: _____

14. Considera que as redes sociais facilitam a criação de movimentos de jovens assim como a organização de redes de solidariedade ou de luta por causas sociais justas?

- () Sim
 () Não

15. Com que frequência o seu educando está no telemóvel ou no computador em vez de estar com a família?

Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre

16. Costumas fazer perguntas sobre como foi o dia do seu educando?

Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre

17. Costuma pedir ajuda ao seu educando para o manuseamento das tecnologias digitais (telemóvel, computador, tablet, outros)?

Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre

18. Tens conhecimento se o seu educando já vivenciou alguma destas situações?

		Sim	Não
a)	Ameaças, humilhações ou difamação através de vídeos, mensagens ou piadas.		
b)	Chantagem através do chat ou por email.		
c)	Roubaram-lhe o perfil nas redes sociais (alguém se fez passar pelos teus amigos).		
d)	Roubaram-lhe dados nas redes sociais (usaram fotografias ou outros dados dos teus amigos sem a sua autorização).		
e)	Enviaram-lhe mensagens (texto, imagens ou vídeos) impróprias ou violentas.		
f)	Encontraram-se ou marcaram encontros pessoalmente com alguém que conheceram na internet.		

19. Concorda que o período de confinamento, devido à Covid-19, veio acentuar o acesso às tecnologias digitais por parte das crianças e dos jovens?

Concordo totalmente	Concordo	Não concordo nem discordo	Não concordo	Discordo totalmente

20. Considera que as tecnologias digitais foram uma mais-valia para as aprendizagens escolares do seu educando durante a situação pandémica que temos vivido?

Concordo totalmente	Concordo	Não concordo nem discordo	Não concordo	Discordo totalmente

Apêndice G - Guião de entrevista: Diretores de Turma

Guião de entrevista aos Diretores de Turma

Blocos Temáticos da entrevista	Objetivos específicos	Questões/ Tópicos
<p>1. Contextualização do estudo e da realização da entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Contextualizar o estudo; - Obter o consentimento informado para a participação do(a) professor(a) no estudo e a gravação da entrevista; - Caracterização sucinta do entrevistado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do investigador; - Contextualização do problema e dos objetivos de estudo: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Identificar o papel das tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento social dos jovens relativamente às dimensões “intervenção cívica” e “altruísmo”; ✓ Caracterizar as dinâmicas familiares e os estilos comunicativos que foram introduzidos pelo uso das tecnologias digitais de informação e comunicação; ✓ Identificar os novos problemas sociais e relacionais associados ao uso das tecnologias digitais; ✓ Compreender se a forma como o sexo feminino e o sexo masculino interagem com as tecnologias digitais evidencia diferenças nas dimensões anteriormente referenciadas; - Enfatização dos princípios éticos da confidencialidade e participação voluntária. - Retirar possíveis dúvidas ao entrevistado. <p>1. À quanto tempo se encontra a exercer a sua profissão de docente?</p> <p>2. Qual o maior grau académico que possui?</p> <p>3. Onde realizou a sua formação?</p>

<p>2.</p> <p>Perfil dos sujeitos da amostra (Alunos)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Caracterizar os sujeitos da amostra; - Caracterizar o perfil dos alunos em contexto escolar. 	<p>4. Em relação ao perfil dos alunos, de modo geral, como caracteriza a sua direção de turma?</p> <p>5. Na sua maioria, são alunos com aproveitamento?</p> <p>6. Que principais dificuldades são apresentadas pelos seus alunos (nível económico, familiar, escolar)?</p>
<p>3.</p> <p>Caraterização das famílias dos sujeitos da amostra e das suas dinâmicas relacionais e comunicativas</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Caracterizar as famílias dos sujeitos da amostra. - Caracterizar as dinâmicas familiares e estilos de comunicação que foram introduzidos pelo uso das TIC. 	<p>7. Como caracteriza as famílias dos seus alunos? São participativos? Preocupados?</p> <p>8. Conhecendo estes Encarregados de Educação, considera que há comunicação entre estes e os seus educandos no dia-a-dia?</p> <p>9. Considera que as TIC influenciaram a comunicação familiar? Se sim, em que aspetos?</p>
<p>4.</p> <p>As tecnologias digitais e os jovens</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Contabilizar se todos os alunos têm igual acesso às tecnologias digitais; - Analisar o grau de dependência que os alunos possuem em relação às tecnologias; - Compreender se a forma como o sexo feminino e o sexo masculino interagem com as tecnologias digitais evidencia diferenças. 	<p>10. Todos os seus alunos possuem telemóvel e computador?</p> <p>11. Em relação às tecnologias, considera que os seus alunos as usam constantemente ou o seu uso é moderado?</p> <p>12. Do conhecimento que tem da sua turma, quem considera usufruir mais das tecnologias no dia-a-dia, as raparigas ou os rapazes?</p>

<p>5. A dimensão do altruísmo associada às tecnologias digitais</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar o papel das tecnologias digitais no desenvolvimento social dos jovens no que diz respeito à dimensão da “altruísmo”; - Avaliar o grau de altruísmo que os alunos da amostra possuem e a possível ligação com as tecnologias digitais. 	<p>13. Considera os seus alunos altruístas?</p> <p>14. Na sua opinião acha que as TIC contribuem para desenvolver comportamentos de ajuda?</p> <p>15. Se sim, porquê?</p>
<p>6. Intervenção Cívica e as tecnologias digitais</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar o papel das tecnologias digitais no desenvolvimento social dos jovens no que diz respeito à dimensão da “intervenção cívica”. 	<p>16. Tem conhecimento se algum dos seus alunos pertence a alguma associação?</p> <p>17. Acha que as redes sociais facilitam a criação de movimentos de jovens assim como a organização de redes de solidariedade ou de luta por causas sociais justas?</p>
<p>7. Cyberbullying</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Sondar os Diretores de Turma se têm conhecimento de situações de <i>cyberbullying</i>. 	<p>18. O(A) Diretor(a) de Turma tem conhecimento de alguma situação de <i>cyberbullying</i> vivida por algum dos seus alunos?</p> <p>19. Alguma vez lhe denunciaram alguma situação de <i>cyberbullying</i>?</p>
<p>8. Ensino à distância e o papel das TIC</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Investigar a eficácia das TIC na aprendizagem dos alunos em tempo de pandemia. 	<p>20. Durante o confinamento, devido à Covid-19, os alunos estiveram na modalidade de ensino à distância, considera que foi proveitoso para estes?</p> <p>21. Quais são os aspetos positivos e negativos que atribui a esta modalidade de ensino?</p> <p>22. Considera que as tecnologias digitais facilitam a aprendizagem dos alunos? Ou que só prejudica?</p> <p>23. Os alunos apresentaram dificuldades no manuseamento destas tecnologias digitais durante este período de tempo?</p>

Apêndice H - Guião de entrevista: Presidente da Associação de Pais
Guião de entrevista à Presidente da Associação de Pais

Blocos Temáticos da entrevista	Objetivos específicos	Questões/ Tópicos
<p align="center">1. Contextualização do estudo e da realização da entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Contextualizar o estudo; - Obter o consentimento informado para a participação no estudo e a gravação da entrevista; - Caracterização sucinta do entrevistado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do investigador; - Contextualização do problema e dos objetivos de estudo: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Identificar o papel das tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento social dos jovens relativamente às dimensões “intervenção cívica” e “altruísmo”; ✓ Caracterizar as dinâmicas familiares e os estilos comunicativos que foram introduzidos pelo uso das tecnologias digitais de informação e comunicação; ✓ Identificar os novos problemas sociais e relacionais associados ao uso das tecnologias digitais; ✓ Compreender se a forma como o sexo feminino e o sexo masculino interagem com as tecnologias digitais evidencia diferenças nas dimensões anteriormente referenciadas; - Enfatização dos princípios éticos da confidencialidade e participação voluntária. - Retirar possíveis dúvidas ao entrevistado. <ol style="list-style-type: none"> 1. Qual a sua situação profissional? 2. Qual o maior grau académico que possui? 3. Onde realizou a sua formação? 4. O que a motivou a aceitar o cargo de Presidente da Associação de Pais

<p>2. Caraterização das famílias dos sujeitos da amostra e das suas dinâmicas relacionais e comunicativas</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Caraterizar as famílias dos sujeitos da amostra. - Caraterizar as dinâmicas familiares e estilos de comunicação que foram introduzidos pelo uso das TIC. 	<p>5. Como Presidente da Associação de Pais considera que no Agrupamento as famílias são participativas e preocupadas com o percurso escolar dos seus educandos?</p> <p>6. Considera que há comunicação entre a família e os seus educandos no dia-a-dia?</p> <p>7. Considera que as TIC influenciaram a comunicação familiar? Se sim, em que aspetos?</p>
<p>3. As tecnologias digitais e os jovens</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Analisar o grau de dependência que os alunos possuem em relação às tecnologias; - Compreender se a forma como o sexo feminino e o sexo masculino interagem com as tecnologias digitais evidencia diferenças. 	<p>8. Em relação às tecnologias, considera que os alunos as usam constantemente ou o seu uso é moderado?</p> <p>9. Da realidade que tem conhecimento, quem considera usufruir mais das tecnologias no dia-a-dia, as raparigas ou os rapazes?</p>
<p>4. A dimensão do altruísmo associada às tecnologias digitais</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar o papel das tecnologias digitais no desenvolvimento social dos jovens no que diz respeito à dimensão da “altruísmo”; - Avaliar o grau de altruísmo que os alunos da amostra possuem e a possível ligação com as tecnologias digitais. 	<p>10. Considera que atualmente a maioria dos alunos são altruístas?</p> <p>11. Na sua opinião acha que as TIC contribuem para desenvolver comportamentos de ajuda?</p> <p>12. Se sim, porquê?</p>
<p>5. Intervenção Cívica e as tecnologias digitais</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar o papel das tecnologias digitais no desenvolvimento social dos jovens no que diz respeito à dimensão da “intervenção cívica”. 	<p>13. Tem conhecimento se muitos dos alunos do agrupamento pertencem a alguma associação?</p> <p>14. Acha que as redes sociais facilitam a criação de movimentos de jovens assim como a organização de redes de solidariedade ou de luta por causas sociais justas?</p>

<p>6. <i>Cyberbullying</i></p>	<p>- Sondar a Presidente da Associação de Pais se tem conhecimento de situações de <i>cyberbullying</i> no agrupamento.</p>	<p>15. Tem conhecimento de alguma situação de <i>cyberbullying</i> vivida por algum aluno do agrupamento?</p> <p>16. Alguma vez algum Encarregado de Educação lhe denunciou alguma situação de <i>cyberbullying</i>?</p>
<p>7. Ensino à distância e o papel das TIC</p>	<p>- Investigar a eficácia das TIC na aprendizagem dos alunos em tempo de pandemia.</p>	<p>17. Durante o confinamento, devido à Covid-19, os alunos estiveram na modalidade de ensino à distância, considera que foi proveitoso para estes?</p> <p>18. Quais são os aspetos positivos e negativos que atribui a esta modalidade de ensino?</p> <p>19. Considera que as tecnologias digitais facilitam a aprendizagem dos alunos? Ou que só prejudica?</p>

Apêndice I - Transcrição das entrevistas aos Diretores de Turma

Blocos temáticos da entrevista	Objetivos específicos	Questões	Respostas das entrevistadas
<p>1. Contextualização do estudo e da realização da entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Contextualizar o estudo; - Obter o consentimento informado para a participação do professor no estudo e a gravação da entrevista; - Caracterização sucinta do entrevistado. 	<p>1. À quanto tempo se encontra a exercer a sua profissão como docente?</p>	<p>E1: “Acerca de 26 ou 27 anos, acho que comecei a exercer em 1994.”</p> <p>E2: “Salvo erro há cerca de 23 anos.”</p> <p>E3: “Se não me engano, à mais ou menos 25 anos.”</p>
		<p>2. Qual o maior grau académico que possui?</p>	<p>E1: “Tenho uma licenciatura.”</p> <p>E2: “Tirei a licenciatura e depois o mestrado em ensino.”</p> <p>E3: “É a licenciatura, em Português.”</p>
		<p>3. Onde realizou a sua formação?</p>	<p>E1: “A minha formação foi feita no Instituto Superior Técnico, em Lisboa.”</p> <p>E2: “Fiz os meus estudos na Universidade de Aveiro.”</p> <p>E3: “Licenciei-me na Faculdade de Letras de Coimbra.”</p>
<p>2. Perfil dos sujeitos da amostra (Alunos)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Caracterizar os sujeitos da amostra; - Caracterizar o perfil dos alunos em contexto escolar. 	<p>4. Em relação ao perfil dos alunos, de modo geral, como caracteriza a sua direção de turma?</p>	<p>E1: “Em termos de facilidade com os meios tecnológicos, uns têm mais facilidade que outros, mas no geral, são alunos com facilidade.”</p> <p>E2: “No geral, são bons miúdos mas, pronto, o comportamento em sala de aula nem sempre é o melhor e isso acaba por prejudica-los. São muito faladores.”</p> <p>E3: “Tenho alguns alunos mais mal comportados mas nada de especial, no geral, são cumpridores de horários e são assíduos.”</p>

		<p>5. Na sua maioria, são alunos com aproveitamento?</p>	<p>E1: “Sim, posso dizer-lhe que por exemplo, agora no final do ano letivo houve apenas um aluno que obteve duas negativas.”</p> <p>E2: “Posso dizer que sim. Há alguns alunos com negativas, mas acabam por ser devido ao seu comportamento na sala.”</p> <p>E3: “Tenho alguns alunos nesta turma com algumas dificuldades, mas no geral, têm notas satisfatórias, não são alunos excelentes mas sim razoáveis no que toca ao aproveitamento.”</p>
		<p>6. Que principais dificuldades são apresentadas pelos seus alunos (a nível económico, familiar, escolar)?</p>	<p>E1: “Eu sei que na minha turma existem 2 ou 3 alunos com algumas dificuldades económicas, no entanto, estes recebem subsídio por parte da escola.”</p> <p>E2: “Na minha direção de turma há alguns alunos subsidiados, tenho vários alunos que os pais estão separados e vivem só com a mãe ou só com o pai. E claro que isso se reflete depois no comportamento que têm na sala de aula e consequentemente nos resultados escolares. Portanto as maiores dificuldades também sejam mesmo a nível económico e questões ligadas à família.”</p> <p>E3: “A minha turma tem de tudo um pouco, mas as principais dificuldades talvez sejam a nível económico. Há alunos que se vê que vivem bem mas outros apresentam algumas dificuldades.”</p>

<p>3. Caracterização das famílias dos sujeitos da amostra e das suas dinâmicas relacionais e comunicativas</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Caracterizar as famílias dos sujeitos da amostra. - Caracterizar as dinâmicas familiares e estilos de comunicação que foram introduzidos pelo uso das TIC. 	<p>7. Como caracteriza as famílias dos seus alunos? São participativos? Preocupados?</p>	<p>E1: “Nesta situação de pandemia eu não recebia pais, só pontualmente, é que vinham presencialmente à escola para tratar de assuntos que tinham de ser resolvidos mesmo presencial. De resto, era tudo via email, mas dá-me ideia que são encarregados de educação participativos.”</p> <p>E2: “Muito pouco participativas. Só aparecem à escola quando lhes é pedido e ligamos vezes sem conta e nem o telefone nos atendem. É ainda muito difícil trazer os encarregados de educação à escola”</p> <p>E3: “Temos de tudo, uns são preocupados e participativos, já outros nem sequer aparecem às reuniões. Dos anos que tenho de serviço a conclusão a que chego é que normalmente os pais dos meninos que têm boas notas são muito participativos em tudo o que tem a ver com a escola; já os pais daqueles alunos que dão assim mais problemas são os que nunca aparecem à escola.”</p>
		<p>8. Conhecendo estes Encarregados de Educação, considera que há comunicação entre estes e os seus educandos no dia-a-dia?</p>	<p>E1: “Dá parte de alguns sim, no entanto, por parte de outros, não tanto. Mas no geral, são pais preocupados com os seus filhos.”</p> <p>E2: “Não muita. Numa aula de cidadania uma vez falámos sobre as tecnologias por causa da situação pandémica e abordei um pouco a parte familiar, e muitos dos miúdos referiram que quando chegam a casa é os pais agarrados ao telemóvel, eles a ver televisão e falar entre si só mesmo o essencial, portanto a comunicação no dia-a-dia deve ser pouca ou nenhuma.”</p> <p>E3: “Acho que não. Muitos dos pais nem sabem o que os filhos fazem durante o dia, se vão às aulas ou não. Deve haver algumas exceções, mas não devem ser muitas.”</p>

		<p>9. Considera que as TIC influenciaram a comunicação familiar? Se sim, em que aspetos?</p>	<p>E1: “Não sei bem o que lhe responder referente a essa questão porque em casa eles não utilizam as tecnologias para comunicar, quanto muito usavam-nas para comunicar com a escola”.</p> <p>E2: Acho que as tecnologias vieram revolucionar tudo, desde o contexto familiar como escolar, laboral. Tudo! Em vários aspetos como já dei o exemplo na questão anterior.”</p> <p>E3: “Influencia e bastante. Por experiência própria posso dizer que isto de tecnologia a mais acaba por gerar discussões em casa. Eu, como mãe, tenho essa noção. Antigamente o tempo em casa era passado em família, não havia telemóveis nem computadores como há hoje. Hoje se for preciso o meu filho está no quarto e liga para mim que estou na sala, só para não se levantar da cama. Isto é o cúmulo da preguiça.”</p>
<p>4. As tecnologias digitais e os jovens</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Contabilizar se todos os alunos têm igual acesso às tecnologias digitais; - Analisar o grau de dependência que os alunos possuem em relação às tecnologias; - Compreender se a forma como o sexo 	<p>10. Todos os seus alunos possuem telemóvel e computador?</p>	<p>E1: “Telemóvel sim, computador alguns dos alunos foram-lhes fornecidos por parte da escola, penso que foram dois ou três alunos nestas circunstâncias. Uns porque até tinham computador em casa, mas dois pais professores, três filhos em casa, não havia equipamentos suficientes para todos.”</p> <p>E2: “Sim, telemóvel sei que todos têm. Computador todos têm à exceção de um aluno que no início do ano não tinha, mas depois a escola cedeu-lhe um.”</p> <p>E3: “Sim, todos têm telemóvel. Em relação aos computadores, a escola deu a todos os alunos um computador mesmo àqueles que já tinham.”</p>

	<p>feminino e o sexo masculino interagem com as tecnologias digitais evidencia diferenças.</p>	<p>11. Em relação às tecnologias, considera que os seus alunos as usam constantemente ou o seu uso é moderado?</p>	<p>E1: “Sim, a questão do telemóvel é sistemático, uns para jogos outros para estarem nas redes sociais, penso que sim, é um uso constante.”</p> <p>E2: “É constante! Passam o dia agarrados ao telemóvel, depois chegam a casa e é <i>tablets</i>, computadores, <i>playsations</i>.”</p> <p>E3: “Sem dúvida que é constante. Até durante as aulas, que eles sabem que é proibido, é preciso estar sempre a avisar que não podem mexer no telemóvel.”</p>
		<p>12. Do conhecimento que tem da sua turma, quem considera usufruir mais das tecnologias no dia-a-dia, as raparigas ou os rapazes?</p>	<p>E1: “Isso não faço ideia, mas penso que deve ser igual para os dois géneros.”</p> <p>E2: “Nunca tinha pensado nisso, mas penso que deve ser mais ou menos igual.”</p> <p>E3: “Isso deve ser equilibrado. Talvez as raparigas usem mais o telemóvel para ir ao Facebook, Instagram e essas redes sociais e os rapazes mais para jogar. Mas no geral, pelo menos aqui na minha turma, é igual entre as raparigas e os rapazes.”</p>

<p>5. A dimensão do altruísmo associada às tecnologias digitais</p>	<p>- Identificar o papel das tecnologias digitais no desenvolvimento social dos jovens no que diz respeito à dimensão do “altruísmo”;</p> <p>- Avaliar o grau de altruísmo que os alunos da amostra possuem e a possível ligação com as tecnologias digitais.</p>	<p>13. Considera os seus alunos altruístas?</p>	<p>E1: “Acho que os meus alunos, no geral, não são altruístas.”</p> <p>E2: “Tenho poucos alunos altruístas, a maioria não são. São muito infantis, egoístas, às vezes só pensam neles próprios. Posso dizer-te que um bom exemplo do que estou a dizer foi agora com nisto do ensino à distância. Tive um aluno que tinha alguns problemas com a internet e por vezes nem conseguia entrar nas aulas online e eu cada vez que isso acontecia pedia à turma que depois passassem a esse colega o que foi trabalhado na aula. Chegava à aula seguinte perguntava ao miúdo se os colegas tinham falado com ele e nada, ninguém era capaz de lhe passar as matérias.”</p> <p>E3: “Ainda temos muitos alunos individualistas, que, talvez, pela sua imaturidade só pensam neles próprios. Quando oferecem ajuda, muitas das vezes, é com a intenção de receber alguma coisa em troca por parte dos colegas. Claro que há uma exceção ou outra, mas, na minha opinião, a maioria deles não são altruístas.”</p>
		<p>14. Na sua opinião acha que as TIC contribuem para desenvolver comportamentos de ajuda?</p>	<p>E1: “Em alguns casos sim.”</p> <p>E2: “Em parte, acho que sim”</p> <p>E3: “Acho que sim.”</p>

		<p>15. Se sim, porquê?</p>	<p>E1: “Havia miúdos que ajudavam muito os outros, por exemplo, quando alguns colegas faltavam, ajudavam com os trabalhos de casa. Mas nem todos o faziam.”</p> <p>E2: “Eu acho que sim porque os miúdos ficam mais impressionados com as histórias que leem <i>online</i>, mesmo às vezes histórias que não são verdade. Estas novas tecnologias possibilitam desenvolver comportamentos de ajuda que sem as mesmas não seriam possíveis.”</p> <p>E3: “Apesar da maioria dos alunos não serem altruístas, isto das tecnologias veio mudar aqui um bocadinho as coisas. Os miúdos ficam mais impressionados com algumas histórias que aparecem na internet e sensibilizados para ajudar.”</p>
<p>6. Intervenção Cívica e as tecnologias digitais</p>	<p>- Identificar o papel das tecnologias digitais no desenvolvimento social dos jovens no que diz respeito à dimensão da “intervenção cívica”.</p>	<p>16. Tem conhecimento se algum dos seus alunos pertence a alguma associação?</p>	<p>E1: “Sim, alguns alunos sim, acho que uma das alunas por exemplo anda na ginástica.”</p> <p>E2: “Sim, tenho um aluno que anda no futebol e uma aluna que anda na natação e se não me engano também faz parte da orquestra.”</p> <p>E3: “Sim, tenho alguns alunos. Sei que pelo menos dois alunos estão ligados ao futebol e outra frequenta o Zakigym.”</p>
		<p>17. Acha que as redes sociais facilitam a criação de movimentos de jovens assim como a organização de redes de solidariedade ou de lutas por causas sociais justas?</p>	<p>E1: “Mais ou menos.”</p> <p>E2: “Penso que sim.”</p> <p>E3: “Acho que sim.”</p>

<p>7. Cyberbullying</p>	<p>- Sondar as Diretoras de Turma se têm conhecimento de situações de <i>cyberbullying</i>;</p>	<p>18. A Diretora de Turma tem conhecimento de alguma situação de <i>cyberbullying</i> vivida por algum dos seus alunos?</p>	<p>E1: “Sim, este ano ocorreu-me uma situação menos boa na minha direção de turma, no WhatsApp.”</p> <p>E2: “Este ano e na minha direção de turma não, mas em anos anteriores, sim tive conhecimento de algumas.”</p> <p>E3: “Os alunos, muitas vezes, não denunciam estas situações a ninguém, deixam andar, esperando que se resolvam sozinhas. Mas apesar disso, sim, tenho conhecimento de algumas situações complicadas, não denunciadas pelas vítimas, mas sim por colegas.”</p>
		<p>19. Alguma vez lhe denunciaram alguma situação de <i>cyberbullying</i>?</p>	<p>E1: “Sim, um encarregado de educação veio à escola tratar de um assunto e em conversa relatou a situação. Na altura até questionámos o pai se devíamos fazer uma participação e ele disse que não valia a pena. Mas nós escola ficámos alerta para isso. Decidimos até realizar uma sessão com a psicóloga da escola e para o ano tencionamos trabalhar essa temática do <i>bullying</i> e <i>cyberbullying</i> porque isto é transversal a todos os miúdos nestas idades.”</p> <p>E2: “Sim, uma colega da suposta vítima denunciou-me uma das situações. Depois tive de falar com a miúda e resolvemos tudo pelo melhor, em parceria com os pais e a psicóloga da escola.”</p> <p>E3: “Como referi na questão anterior, sim, já me denunciaram algumas situações, porém não foram as vítimas a fazê-lo, mas sim os colegas.”</p>

<p>8. Ensino à distância e o papel das TIC</p>	<p>- Investigar a eficácia das TIC na aprendizagem dos alunos em tempo de pandemia</p>	<p>20. Durante o confinamento, devido à Covid-19, os alunos estiveram na modalidade de ensino à distância, considera que foi proveitoso para estes?</p>	<p>E1: “Na minha opinião não substitui o ensino presencial.”</p> <p>E2: “Proveitoso não sei se será a melhor palavra, mas pode dizer-se que foi a melhor maneira tendo em conta as circunstâncias em que estávamos. Mas é claro que não se compara com o ensino presencial.”</p> <p>E3: “Sim, em parte foi bom, foi a única maneira de os miúdos continuarem a ter aulas.”</p>
		<p>21. Quais são os aspetos positivos e negativos que atribui a esta modalidade de ensino?</p>	<p>E1: “Os pontos positivos são o facto de os alunos não poderem vir à escola e continuarem a ter aulas. Os pontos negativos foram que nem todos tinham internet adequada e volta e meia a coisa não corria da melhor forma, caía a chamada ou a câmara desligava-se umas vezes de propósito e outras vezes por falhas de rede. Foram distribuídos computadores a todos os alunos, mas se isso não tivesse sido feito poderia ter sido um enorme constrangimento.”</p> <p>E2: “Como aspeto positivo é claro que tenho de dizer que possibilitou-nos continuar a dar as aulas mesmo com muitos obstáculos. Como negativos tenho de referir as dificuldades de rede, que muitos alunos se depararam, a falta de concentração que percebo perfeitamente porque até para nos adultos é complicado, entre outros.”</p> <p>E3: “Os pontos negativos posso dizer o facto de não conseguimos interagir presencialmente com os alunos, nem eles com os colegas; a inexistência, muitas vezes, de um ambiente familiar estável que facilite a aprendizagem destes miúdos. Os pontos positivos é o facto de termos continuado a tentar dar as nossas aulas, o melhor que conseguimos.”</p>

		<p>22. Considera que as tecnologias digitais facilitam a aprendizagem dos alunos? Ou que só prejudica?</p>	<p>E1: “Sim, podem prejudicar quando os alunos se envolvem naquelas situações menos positivas com os colegas.”</p> <p>E2: “Isso depende também dos alunos. Para uns facilita e para outros prejudica.”</p> <p>E3: “Acho que é 50/50.”</p>
		<p>23. Os alunos apresentaram dificuldades no manuseamento destas tecnologias digitais durante este período de tempo?</p>	<p>E1: “Eu acho que para aquilo que é necessário os alunos fazerem eles até se vão desenrascando mas eles são do ensino artístico e não têm a disciplina de TIC. E, portanto, às vezes têm algumas dificuldades em realizar algumas tarefas.”</p> <p>E2: “Penso que não. Pelo menos nas minhas aulas não.”</p> <p>E3: “Não. Os miúdos nasceram a saber mexer no telemóvel e no computador. Temos nós mais dificuldades do que eles.”</p>

Apêndice J - Transcrição da entrevista à Presidente da Associação de Pais

Blocos temáticos da entrevista	Objetivos específicos	Questões	Respostas das entrevistadas
1. Contextualização do estudo e da realização da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Contextualizar o estudo; - Obter o consentimento informado para a participação no estudo e a gravação da entrevista; - Caracterização sucinta do entrevistado. 	1. Qual a sua situação profissional?	E4: “Neste momento estou a trabalhar, sou técnica de serviços administrativos.”
		2. Qual o maior grau académico que possui?	E4: “Tenho uma licenciatura em secretariado.”
		3. Onde realizou a sua formação?	E4: “Aqui em Castelo Branco, na Escola Superior de Educação.”
		4. O que a motivou a aceitar o cargo de Presidente da Associação de Pais?	E4: “Não foi nada pensado. Precisavam de alguém que assumisse o papel de presidente da associação e convidaram-me e após ter ponderado um pouco, decidi aceitar.”
2. Caracterização das famílias dos sujeitos da amostra e das suas dinâmicas	<ul style="list-style-type: none"> - Caracterizar as famílias dos sujeitos da amostra. - Caracterizar as dinâmicas familiares e estilos de comunicação que foram introduzidos pelo uso das TIC. 	5. Como Presidente da Associação de Pais considera que no Agrupamento as famílias são participativas e preocupadas com o percurso escolar dos seus educandos?	E4: “Na minha opinião, acho que os pais a partir de determinados anos de escolaridade começam a ser bastante desinteressados e pouco participativos no percurso dos seus filhos, talvez a partir do 7 ^o ou 8 ^o ano. No entanto é claro que existem muitos casos onde os pais são muito preocupados até ao fim da escolaridade obrigatória, mas é raro.”

relacionais e comunicativas		6. Considera que há comunicação entre a família e os seus educandos no dia-a-dia?	E4: “Acho que não, ou se há, não é a suficiente. A nossa vida enquanto pais é cada vez mais complicada, eu falo por mim. É sair do trabalho tarde e a más horas, chegar a casa, tratar do jantar e preparar as coisas para o dia seguinte. E isto repete-se todos os dias. É claro que muitas vezes nem há tempo para se sentar e estar ali a dar atenção aos nossos filhos.”
		7. Considera que as TIC influenciaram a comunicação familiar? Se sim, em que aspetos?	E4: “É claro que sim. Nos dias de hoje, o pouco tempo que estamos em casa, em família, é passado frente à televisão ou ao telemóvel e eu não sou ninguém para criticar porque faço o mesmo. Devíamos aproveitar o nosso tempo com a nossa família, mas infelizmente, muitas vezes, não o fazemos.”
3. As tecnologias digitais e os jovens	- Analisar o grau de dependência que os alunos possuem em relação às tecnologias;	8. Em relação às tecnologias, considera que os alunos as usam constantemente ou o seu uso é moderado?	E4: “Sem dúvida que é constantemente, sem qualquer moderação. Eles acordam e adormecem com os telemóveis, passam o dia a mexer no telemóvel e quando chegam a casa deixam o telemóvel e agarram-se à <i>playstation</i> ou à televisão.”

	- Compreender se a forma como o sexo feminino e o sexo masculino interagem com as tecnologias digitais evidencia diferenças.	9. Da realidade que tem conhecimento, quem considera usufruir mais das tecnologias no dia-a-dia, as raparigas ou os rapazes?	E4: “Isso não lhe sei responder. Porque por um lado talvez os rapazes passem mais tempo agarrado aos jogos, mas as raparigas também estão sempre nas redes sociais. Portanto, penso que o uso deve ser equilibrado em ambos os sexos.”
4. A dimensão do altruísmo associada às tecnologias digitais	- Identificar o papel das tecnologias digitais no desenvolvimento social dos jovens no que diz respeito à dimensão do “altruísmo”; - Avaliar o grau de altruísmo que os alunos da amostra possuem e a possível ligação com as tecnologias digitais.	10. Considera que atualmente a maioria dos alunos são altruístas?	E4: “Eu diria que a maioria dos alunos não são altruístas, eu falo pelo que tenho em casa. A minha miúda por exemplo é muito interessada e às vezes um bocadinho egoísta, mas acho que isso também tem a ver com o facto de ela ainda ser novinha.”
		11. Na sua opinião acha que as TIC contribuem para desenvolver comportamentos de ajuda?	E4: “Acho que sim. Se forem utilizadas da forma correta.”
		12. Se sim, porquê?	E4: “Porque as tecnologias até podem ser usadas para divulgar situações menos boas a que muitas vezes não conseguimos ficar indiferentes. Se não fossem as tecnologias muitas das histórias de pessoas com dificuldades nem se sabiam e não teríamos a oportunidade de ajudar ou teríamos mas seria mais complicado.”

<p>5. Intervenção Cívica e as tecnologias digitais</p>	<p>- Identificar o papel das tecnologias digitais no desenvolvimento social dos jovens no que diz respeito à dimensão da “intervenção cívica”.</p>	<p>13. Tem conhecimento se muitos dos alunos do agrupamento pertencem a alguma associação?</p>	<p>E4: “Não faço ideia.”</p>
		<p>14. Acha que as redes sociais facilitam a criação de movimentos de jovens assim como a organização de redes de solidariedade ou de luta por causas sociais justas?</p>	<p>E4: “Sim, é claro! Com isto do Facebook podemos organizar angariações de fundos para causas ou associações relativamente a todo o mundo. Isto não é novidade nenhuma para si mas eu vou dizê-lo na mesma. Lembro-me, por exemplo, que desde à uns anos no Facebook quando alguém faz anos pode escolher uma associação e quem contribuir monetariamente esse valor reverte para a associação que a pessoa escolheu. E os miúdos até já organizam manifestações e protestos na internet.”</p>
<p>6. Cyberbullying</p>	<p>- Sondar a Presidente da Associação de Pais se tem conhecimento de situações de <i>cyberbullying</i> no agrupamento.</p>	<p>15. Tem conhecimento de alguma situação de <i>cyberbullying</i> vivida por algum aluno do agrupamento?</p>	<p>E4: “Essa é uma temática que não chega a mim. Pelo menos ainda nunca me foi confidenciada nenhuma situação, nem é da minha competência.”</p>

		<p>16. Alguma vez algum Encarregado de Educação lhe denunciou alguma situação de <i>cyberbullying</i>?</p>	<p>E4: “Como respondi anteriormente, ainda nunca me foi denunciada nenhuma situação apesar de ter a noção que acontece tanto neste agrupamento como noutros em todo o país.”</p>
<p>7. Ensino à distância e o papel das TIC</p>	<p>- Investigar a eficácia das TIC na aprendizagem dos alunos em tempo de pandemia.</p>	<p>17. Durante o confinamento, devido à Covid-19, os alunos estiveram na modalidade de ensino à distância, considera que foi proveitoso para estes?</p>	<p>E4: “Foi proveitoso em parte. Foi bom porque os miúdos não deixaram de ter aulas mas isto de ter aulas em casa foi muito complicado. Para mim como mãe de duas crianças em anos diferentes, eu em teletrabalho, admito que foi bastante difícil conciliar principalmente no que diz respeito a horários.”</p>
		<p>18. Quais são os aspetos positivos e negativos que atribui a esta modalidade de ensino?</p>	<p>E4: “Os aspetos positivos é o facto de não terem parado as aulas, dos professores terem continuado a acompanhar os alunos. Os negativos são os horários como já referi, a falta de concentração dos miúdos frente ao computador, entre outros.”</p>
		<p>19. Considera que as tecnologias digitais facilitam a aprendizagem dos alunos? Ou que só prejudica?</p>	<p>E4: “Na minha opinião acho que facilita pois por exemplo neste período que todos passámos, se não fossem as tecnologias não sei como é que seria.”</p>

Apêndice K - Transcrição das frases apresentadas pelos alunos: “A importância que as tecnologias digitais têm para mim”

Código do Questionário	“De forma sintética descreve-nos a importância que as tecnologias digitais têm para ti”
A1	“Acho que melhora a autoestima (em alguns casos)”.
A2	“Estudar, jogar, aulas”.
A3	“Telemóvel”.
A4	“É uma forma de nos entretermos, também nos distraímos um pouco”.
A5	“Para manter contato com amigos e familiares distantes e para ver notícias”.
A6	“Na minha opinião as tecnologias digitais ajudam as pessoas a ficarem mais informadas do que se passa atualmente”.
A7	“É importante para a comunicação”.
A8	“Telemóvel”.
A9	“As tecnologias são importantes porque podemos nos informar e comunicar a partir delas”.
A10	“É uma maneira mais fácil para comunicar com as pessoas”.
A11	“Ajuda nas comunicações”.
A12	“É importante pois estamos a par das situações do mundo”.
A13	“Para mim as tecnologias digitais são uma forma prática e fácil de socialização e de passar o tempo”.
A14	“Acho que são importantes porque nos permitem conhecer melhor associações que ajudam pessoas, de forma a podermos ajudá-las”.
A15	“Para mim melhora-me a autoestima”.
A16	“Tenho acesso a toda a informação em pouco tempo”.
A17	“Ajudam-nos a saber mais o que fazer”.
A18	“Para mim as tecnologias são importantes para a aprendizagem porque podem facilitar a aprendizagem das pessoas caso elas queiram pesquisar um certo tópico e também porque facilita a aproximação das pessoas”.
A19	“Por vezes podem facilitar explicações”.
A20	“Ajudam-me a saber um pouco mais de tudo e a saber o que está a acontecer no mundo”.
B1	“Para mim as tecnologias são muito importantes em termos de comunicação e de notícias do mundo”.

B2	“As tecnologias digitais são essenciais como por exemplo nesta situação do Covid-19”.
B3	“Podemos conhecer pessoas mas pode haver perigo”.
B4	“É uma forma de conversar à distância com amigos/família, e divertir com amigos e jogos online”.
B5	“São importantes para me atualizar sobre notícias e também para entretenimento”.
B6	“Podemos ajudar a comunicar de uma forma mais facilmente”.
B7	“Acho que por exemplo agora com o Covid nós utilizamos mais as redes sociais para comunicarmos ou seja utilizamos as tecnologias mais no dia a dia (escola, casa, trabalho), etc”.
B8	“É bastante importante, não só porque nos facilita a vida como é algo que está a evoluir e a ser utilizado cada vez mais”.
B9	“Para mim importa-me mais por causa da pandemia conseguir falar com os meus familiares”.
B10	“Para passar o tempo e porque é bom falar com as amigas”.
B11	“Dá para falar com amigos à distância e tomam-se conhecimentos de coisas que acontecem diariamente”.
B12	“Podemos nos comunicar com pessoas que já não vemos há algum tempo, podemos sempre aprender coisas novas, entre outras”.
B13	“As tecnologias digitais ajudam-me muito com a escola e com algumas dúvidas que tenho”.
B14	“Permitem-me falar com amigos ou família que vive longe de mim”.
B15	<i>Não respondeu</i>
B16	“Meio de comunicação mais facilitados”.
B17	“Ajuda-nos em muitas coisas, conhecer novas pessoas, estar a par do que acontece no mundo, falar com amigos, estudar”.
C1	“As tecnologias digitais são importantes para mim pois para além de poder falar com quem quero e em qualquer momento, consigo, por exemplo, divertir-me a jogar algum tipo de jogo”.
C2	“Para mim são muito importantes, maioritariamente pelo facto de poder comunicar com conhecidos/amigos”.
C3	“As tecnologias digitais são importantes para me abstrair do que está à minha volta, falar com amigos e familiares, etc”.
C4	“São importantes pois permitem-nos comunicar com quem queremos e ajuda-nos a resolver muitos problemas”.
C5	“As tecnologias digitais são importantes para as nossas vidas”.
C6	“É importante as tecnologias digitais pois podemos falar com os nossos amigos quando quisermos sem termos de gastar saldo e podemos jogar vários jogos online”.

C7	“Para mim as tecnologias digitais são importantes para falar amigos/familiares, quando nos encontramos à distância (mas nunca é a mesma coisa) ”.
C8	“Para mim têm importância mas não muito, não costumo estar muito na internet”.
C9	“São muito importantes porque tenho acesso a informações mais rapidamente”.
C10	“Têm importância é uma boa forma de buscar informações”.
C11	<i>Não respondeu</i>
C12	“As tecnologias digitais são importantes para mim pois posso pesquisar e saber mais sobre certos assuntos”.
C13	“As tecnologias digitais são importantes para mim pois posso conhecer novos amigos e aprender coisas novas”.
C14	“Para facilitar o contato com alguns amigos e para obter informações mais rapidamente”.
C15	“As tecnologias digitais são muito importantes para mim pois é por elas que falo com muitos amigos e familiares e fico melhor informada de vários acontecimentos ao meu redor”.
C16	Não têm importância”.
C17	“É importante pois ajuda-nos a conhecer novas pessoas ou a manter contato com elas e temos acesso a várias informações novas”.
C18	“Tenho acesso a informações mais facilmente e posso manter contato com os meus amigos”.
C19	“As tecnologias digitais são importantes para mim pois permitem-me falar com os meus amigos sem ser pessoalmente e facilitaram as minhas aprendizagens durante o confinamento”.
C20	“As tecnologias digitais ajudam-nos a pesquisar informações, falar com amigos, manter contato com pessoas, sendo que preferia passar tempo na rua sem estar sempre nas tecnologias”.
C21	“Para mim são muito importantes para nós jovens socializarmos e aprendermos novas vivências”.
C22	“Permitem estar ciente dos problemas da atualidade, falar com amigos, fazer donativos e também fazer com que me divirta nas redes sociais ou jogos”.
C23	“Para mim as tecnologias são muito importantes se as usarmos de forma moderada pois sem estas não era possível comunicar com pessoas da nossa família, apesar de não ter contribuído muito, sem as tecnologias não podíamos ter aulas online e ajudam-nos a entender e ver diversas notícias”.